

NO DEPOIMENTO, ELEUSIO FREIRE, PESQUISADOR DA EMBRAPA ALGODÃO

OUTUBRO/98 - Nº 598 - ANO 54 - R\$ 5,00
www.agranja.com

agranja

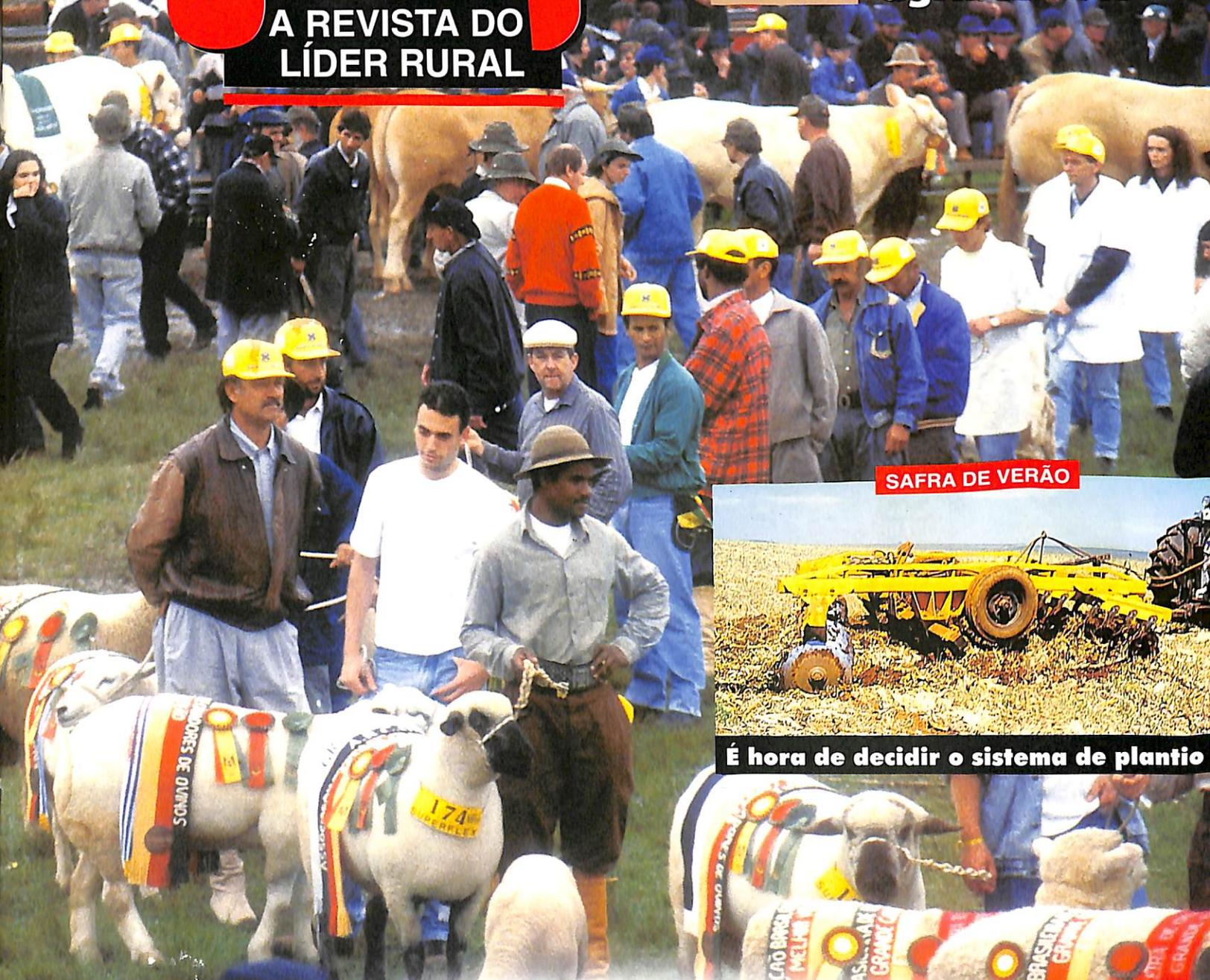
A REVISTA DO
LÍDER RURAL



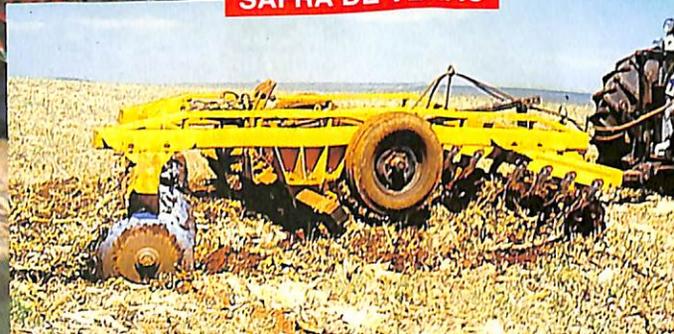
PORTE PAGO
DR/RS
ISR-49-0399/81

DESTAQUES/98
A GRANJA DO ANO

A festa
dos líderes do
agribusiness



SAFRA DE VERÃO



É hora de decidir o sistema de plantio

EXPOINTER/98





Foi-se o tempo em que o trabalho no campo só contava com ferramentas primitivas.

Se você trabalha no campo sabe muito bem que as coisas não são mais como antigamente. Hoje tudo mudou, as técnicas evoluíram exigindo o uso de ferramentas fabricadas com alta tecnologia. Por isso a marca certa é Gedore. Líder em ferramentas específicas para uso profissional, a Gedore produz seus 3.986

itens dentro das mais rigorosas normas técnicas passando por testes para



garantir durabilidade e eficiência. Isso desde a chave de fenda ao torquímetro, uma das linhas mais sofisticadas em ferramentas. Use Gedore. Porque ultrapassado é quem continua usando aquelas ferramentas do tempo em que o termo tecnologia não tinha um significado palpável.



É mais tecnologia. É mais ferramenta.

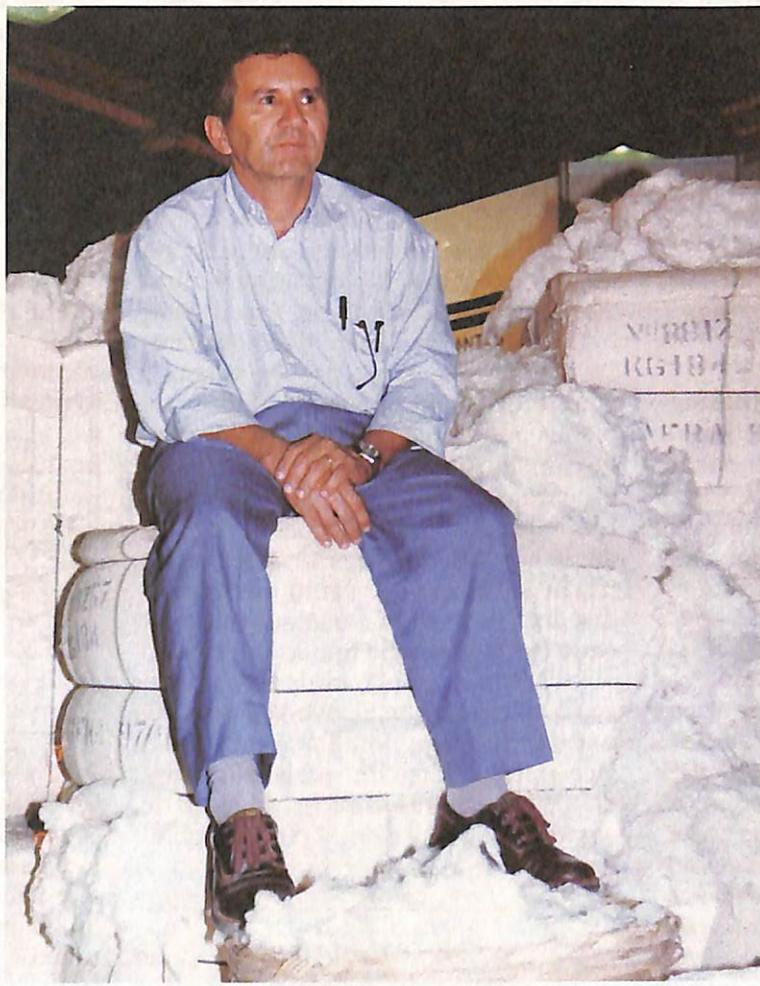
Genética nova no algodão

A cotonicultura brasileira dá sinais de que está reencontrando seu caminho. Depois de amargarem quase uma década de frustração e ver o desempenho da cultura nacional despencar em queda livre, os produtores, que dizer, "os novos produtores", estão novamente acreditando de que é possível reverter o placar desfavorável ao algodão no mercado interno. Só que a escalação do time já não é mais a mesma. Os titulares agora são os grandes agricultores do cerrado que, através da mecanização das propriedades, incorporaram tecnologia à atividade. O Centro-Oeste — que até 1989 tinha uma participação inexpressiva no volume total produzido no País — na última safra foi responsável por mais de 50% da produção. Das 450 mil toneladas de algodão em pluma, 237 mil vieram das terras do Brasil Central. A evolução da cotonicultura no Brasil Central deve-se, basicamente, à criação de pacotes tecnológicos específicos para as necessidades dos agricultores locais e variedades adequadas às condições edafoclimáticas da região.

O trabalho de pesquisa começou em 89, através dos testes feitos na Fazenda Ita-

maraty Norte, do empresário Olacyr de Moraes, localizada em Campo Novo dos Parecis/MT, em parceria com a Embrapa. De lá para cá, a importância do algodão para a economia

do Centro-Oeste tornou-se maior ainda. Um dos responsáveis por este avanço é, sem dúvidas, o pesquisador Eleusio Curvelo Freire, da Embrapa Algodão, de Campina Grande/PB. Foi sua equipe que desenhou o cultivar ita 90, que deu o pontapé inicial para a implantação de lavouras mecanizadas em Mato Grosso. Considerado uma das maiores autoridades em algodão no Brasil, este paraibano, de 49 anos, nascido em Esperança, é também um dos responsáveis pela criação uma nova variedade que promete dar ainda mais gás à cotonicultura no cerrado: a antares. Fruto de anos de pesquisa, a antares é resistente a quatro principais doenças que assolam a região. Em entrevista a reportagem de **A Granja**, durante o IV Seminário Estadual da Cultura do Algodão, realizado em Cuiabá/MT, Freire falou dos avanços que a antares deverá trazer para os produtores e do futuro da pesquisa e da atividade algodoeira do País.



Sérgio Soares

Eleusio Curvelo Freire, pesquisador da Embrapa Algodão, de Campina Grande/PB: variedade antares resiste a doenças e nematóides

A Granja — O que a nova variedade de algodão antares representa para a cotonicultura do cerrado brasileiro?

Eleusio Curvelo Freire — Antares é um novo cultivar que está sendo disponibilizado para o cerrado que apresenta como ponto forte a resistência a quatro sérias doenças que atacam as la-

vouras do Brasil Central: a virose, a ramulose, a bacteriose e a mancha-de-stemphilium. Ela tem resistência também a um gênero de nematóide que é o *Rotylenchus* e tolerância a uma segunda espécie, o *Meloidogyne*. Estes nematóides ainda não causam danos importantes na região, mas nós já estamos avaliando os riscos porque em um pra-

zo muito curto estes vermes vão atacar as plantações, e aí já teremos uma variedade não-suscetível a eles.

P — Qual é a base genética da antares? Ela é remanescente da ita 90?

R — Em cada variedade que estão sendo empregadas no cerrado nós estamos utilizando critérios de melhoramento com base genética diferenciada. Por

exemplo: na ita 90, a base é a deltapine acala 90 norte-americana. Já o ita 96, um cultivar que começou a ser utilizado no ano passado em Mato Grosso, é oriundo do cruzamento da auburn com a deltapine, que são duas linhagens distintas produzidas nos Estados Unidos. A antares, por sua vez, é um produto derivado de uma população com base genética ampla. Ou seja: nós cruzamos 21 variedades diferentes de plantas, levando em conta aspectos como resistência a doenças e pragas, produtividade, qualidade da fibra etc. Nós misturamos todos estes materiais e fizemos o chamado embaralhamento de gens. Depois, selecionamos 15 linhas relativamente boas, sendo que a ponta deste trabalho é a antares.

Os cotonicultores do Mato Grosso foram os que mais evoluíram

P — O sr. pode explicar o que significa este embaralhamento de gens?

R — O embaralhamento genético é um método desenvolvido por cientistas franceses e adotado pela Embrapa Algodão, que utiliza critérios iguais aos aplicados na seleção do milho. Diferentemente da maioria dos países — que utilizam um sistema de seleção por autofecundação —, na França se adotou o que a gente chama de seleção recorrente. Aqui no Brasil, nós adotamos o seguinte critério: os cromossomos das 21 variedades foram misturados e, durante cinco anos, fizemos uma série de cruzamentos até chegar no que a gente denomina como recombinação genética. Passadas estas duas etapas é que inicia-se o processo de seleção dos materiais. Apesar de mais demorado, esse trabalho tem uma grande vantagem sobre os demais processos, pois possibilita que as plantas oriundas dos cruzamentos tenham vida mais longa. Isso permite que tenhamos linhagens suficientes para selecionar novas variedades por vários anos. Trata-se de um banco de germoplasma fantástico, pois nós podemos tirar dali cultivares resistentes a qualquer doença conhecida nos principais países produtores da fibra.

P — A idéia que se tem hoje é que, de repente, o País se deu conta da necessidade de investir na pesquisa de algodão. Isso é verdade?

R — Não. O Brasil sempre teve boas pesquisas em algodão. Só que esse tra-

balho sempre foi direcionado para as necessidades específicas de cada região produtora, que se dividia em grandes três áreas: Paraná, São Paulo e Nordeste. A partir de 1989 — com o início dos estudos feitos na Fazenda Itamaraty Norte, em Campo Novo dos Parecis/MT — para a implantação da cultura no cerrado, se deu um passo importante porque as variedades existentes no mercado não serviam para o Centro-Oeste. Isso nos obrigou a desenvolver uma tecnologia própria para o local. E além de vencer as barreiras climáticas, tivemos também que superar o pessimismo dos técnicos e extensionistas que não viam com bons olhos a produção de algodão na região. Alguns pesquisadores acreditavam que o excesso de doenças e pragas comprometeria a qualidade da fibra. Todo esse trabalho deu um impulso muito maior para a difusão tecnológica. Junto com o mapeamento dos problemas que limitavam o cultivo da fibra no Brasil Central, nós também desenvolvemos pacotes tecnológicos que propiciassem o equilíbrio dos problemas sanitários nas plantações. Aliado ao trabalho de melhoramento das variedades, nós sempre procuramos, somados os esforços da Embrapa, Itamaraty, Empaer e a Fundação MT, orientar os produtores locais na parte de manejo da cultura, definindo época de plantio, avaliando as doenças e as pragas mais importantes. Sem dúvida, os cotonicultores de Mato Grosso foram os que mais evoluíram neste sistema bem-equilibrado de produção. Nessa altura, ninguém mais tem dúvidas de que o cerrado é a grande área de algodão no Brasil e que é possível obter variedades.

Pra obter uma determinada performance, é preciso ajustar o manejo

P — A ita 90 foi a variedade que deu este pontapé inicial para a expansão da cultura algodoeira no cerrado?

R — Foi a que mais contribuiu, pois era resistente à ramulose, principal doença das lavouras do cerrado na época. Outro aspecto altamente favorável é que a ita 90 propiciou a mecanização das fazendas, fundamental para a implantação do algodão na região. Só que, dois anos após o início do plantio, nós nos deparamos com outro problema: a virose. É que os materiais resistentes à ramulose eram, ao mesmo tempo, susce-

tíveis à virose. Tratava-se de uma relação inversa. Apesar disso, foi ela quem serviu de base para a pesquisa de plantas como a ita 96, resistente à virose e à ramulose, e, ao mesmo tempo, com produtividade até 10% superior a antiga variedade.

P — Mas os produtores locais afirmam que o desempenho da ita 96 tem sido inferior a ita 90...

R — Bom, aí entra uma questão importante que é o ajuste de manejo. Por exemplo: se o produtor tem uma lavoura onde são cultivados 2.000ha da variedade ita 90, o manejo está todo ajustado às condições desta variedade. Se ele usar o mesmo critério com a ita 96, é lógico que vai ter uma diferença em termos de produtividade. O maior defeito da ita 96 é que ela produz em média 4% menos de fibra no descaroçamento. Mas os 10% que o cotonicultor obtém a campo compensaria isso. Na momento que eles ajustarem o manejo, aí vão perceber isso. Enquanto eles não fizerem isso, vão continuar reclamando. Outro aspecto positivo da ita 96 é a segurança que ela dá ao produtor. Na ita 90 e na deltapine acala 90, qualquer erro no controle do pulgão significa um prejuízo financeiro muito grande.

O pequeno produtor precisa de uma variedade resistente à ramulose

P — Foi isso que aconteceu em Goiás na última safra?

R — Goiás cometeu quatro erros graves ao mesmo tempo. O primeiro foi a utilização de variedades como a deltapine acala 90, como também a ita 90 (que demandam alta tecnologia e controle rigoroso do pulgão), por produtores com tecnologia baixa. Como Goiás e Minas Gerais praticamente duplicaram a área plantada, muitos agricultores que plantavam variedades mais rústicas passaram a plantar estes dois cultivares sem tomar os cuidados necessários. Em segundo lugar, boa parte dos cotonicultores mineiros e goianos já haviam sido avisados de que teriam de tomar muito cuidado com a virose e não acreditaram. Outros, infelizmente, nem tinham sido alertados para os riscos, como foi o caso dos pequenos, que entraram sem nenhuma orientação técnica. O terceiro erro veio em decorrência do veranico no início do plantio. Acontece que boa parte dos agricultores plan-

taram já fora da época ideal. Como chegou demais em algumas épocas e de menos em outras, a produtividade baixou, porque as plantas não estavam bem-formadas. O quarto fator e, sem dúvidas o mais importante, é a desorganização da pesquisa algodoeira em Goiás. Nos últimos anos, não se gerou nenhuma tecnologia para algodão no estado. O pessoal de lá estava dando muito pouco valor a isso. Boa parte achou que estava tudo bem, que não tinham problemas. Só que aí problemas apareceram e o estrago foi muito grande. Em termos de pesquisa, teremos que recomençar tudo de novo em Goiás.

P — Em Goiás, eles utilizaram também a ita 90. Mas ela não é uma variedade destinada apenas às condições de Mato Grosso?

R — O mais importante é saber as restrições de cada uma das variedades que estão disponíveis no mercado. Em Goiás, existem produtores que usam mecanização total e controle rigoroso do pulgão. Então, eles podem utilizar a deltapine, a ita 90 e até mesmo materiais australianos, sem problema. Agora, o pequeno produtor precisa usar uma variedade resistente à ramulose ou resistente à virose, porque senão ele vai quebrar. Nós temos procurado recomendar variedades em função do problema de cada região. Por exemplo: São Paulo e Paraná, dois estados que têm sérios problemas com fusarium e nematóides, doenças que não atacam o algodão no cerrado, de maneira alguma podem utilizar as variedades do Centro-Oeste. A Embrapa Algodão e o Ministério da Agricultura estão trabalhando para fazer um zoneamento para cada área da cultura no Brasil, indicando a variedade e a restrição que cada cultivar apresenta. Com isso, vamos dar mais segurança aos cotonicultores. Precisamos regionalizar o Brasil e não tratá-lo como um todo, como estávamos acostumados.

Entidade com a fundação MT servem de exemplo para o País

P — Significa que é necessário cada vez mais implementar eficientes estratégias de difusão tecnológica, aproximando ainda mais o produtor da pesquisa?

R — É fundamental para o desenvolvimento tecnológico que estejamos bem-articulados com o pessoal da as-

sistência técnica oficial ou privada e com os consultores, para que eles levem a informação correta ao agricultor. Neste aspecto, entidades de pesquisa como a Fundação MT, de Rondonópolis/MT, servem de exemplo para o País. Lá, é feita uma grande quantidade de dias-de-campo, palestras, reuniões, seminários etc. Agora, em Goiás e Minas Gerais, o pessoal parou de fazer isso. A quebra da lavoura de algodão nestes dois estados é uma conseqüência do descaso para com a pesquisa. O positivo é que os produtores goianos e mineiros voltaram a fazer reuniões para difusão de tecnologia. Nos últimos dois meses, eu já dei duas palestras em Minas e duas em Goiás, nas principais áreas de produção. Quanto ao aumento da área plantada em Mato Grosso, que vai saltar de 110 mil/ha para 200mil/ha, creio que não vai acarretar nenhum problema, pois os produtores estão atentos aos problemas e, mais do que isso, aprenderam a confiar nas orientações que recebem.

De 14 aplicações feitas na lavoura, 10 são contra o pulgão

P — Aumentar produção requer uma demanda maior por defensivos. Que soluções a pesquisa está buscando neste sentido, pois cada vez mais os consumidores estão procurando os chamados produtos “ecologicamente corretos”?

R — A diminuição no número de aplicação de agroquímicos é fundamental tanto na questão de proteção ao meio ambiente como para a economicidade da lavoura. O ideal é conseguirmos colher uma safra em que a média não ultrapasse cinco aplicações. Com as variedades a antares e ita 96, por exemplo, é possível tirar uma safra com cinco ou seis aplicações no cerrado. No entanto, é necessário convencer os produtores disso. Por outro lado, a indústria já vem sendo pressionada pelos consumidores, principalmente do exterior, a só comprar algodão de produtores que usem o mínimo possível de agrotóxicos. Já conseguimos um grande avanço, pois, com esses materiais resistentes, é possível economizar cinco a oito aplicações de inseticidas contra pulgão. Em termos de redução de custo, isso é fantástico. Hoje, de 14 aplicações feitas na lavoura, 10 são contra pulgão. Então, com os cultivares resistentes, será necessário uma só

dose contra o inseto. Só para limpar a folha no início, para que não aconteça o que se chama de algodão doce, que é um algodão açucarado devido às fezes do pulgão. Vamos economizar um grande número de aplicações de inseticidas e isso vai trazer uma qualidade melhor para o meio ambiente.

No Brasil, o algodão transgênico ainda não oferece grandes vantagens

P — O sr. acha que é possível já nos próximos anos produzir o algodão ecológico no Brasil?

R — O Nordeste é hoje uma das regiões que tem o maior potencial para produzir o chamado algodão ecológico ou orgânico. Ao contrário do cerrado, os nordestinos não têm problemas com pragas e, conseqüentemente, o número de aplicação de inseticidas é reduzido. Áreas como o Seridó da Paraíba e Rio Grande do Norte têm plenas condições para desenvolver projetos neste sentido. Quanto ao cerrado, só será possível desenvolver cultivares sem o uso de defensivos através de plantas transgênicas.

P — Nos Estados Unidos, as plantas transgênicas já são utilizadas em larga escala pelos produtores. E no Brasil, como andam as pesquisas neste sentido?

R — Nós, da Embrapa, já estamos trabalhando com o algodão transgênico. A Comissão Técnica Nacional de Biosegurança (CTNBio) já deu autorização para isso. O problema é que no Brasil, o algodão transgênico não oferece nenhuma vantagem financeira ainda. O algodão transgênico só está sendo vantajoso em alguns casos, por exemplo: quando a praga adquire resistência total aos inseticidas e as ervas daninhas adquirem resistência aos herbicidas. Ocorre que, no Brasil, nós não temos nenhum desses casos. Em compensação, os Estados Unidos não tem problemas com o bicudo. Para nós, esse é o principal limitante. É que não tem variedade transgênica resistente ao bicudo. Então, esses três fatores diferenciam o Brasil dos EUA e da Austrália. Nossa intenção é desenvolver variedades transgênicas lentamente. Se dentro de dois ou três anos nós acharmos que economicamente é vantajoso, aí entraremos com a pesquisa pronta. A pesquisa brasileira está bem adiantada neste sentido. ☒

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann

GERÊNCIA
Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO
Jomar de Freitas Martins (editor),
Gilberto Severo (repórter), Adriane
d'Ávila (revisora), Priscila Castro
(secretária). Colaboraram nesta edição:
Antônio Sanches, Ricardo Rimoli,
Franklin Riet-Correa, Maria Del Carmen
Mendez, Afonso Peche Filho, Luiz
Eduardo dos Santos, Eduardo Antônio
da Cunha, Mauro Sartori Bueno,
Domingos Roda, Kurt Kissmann, Deva
Rodrigues, Norton Sampaio e Emerson
Urizzi Cervi

PRODUÇÃO
Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet
(edição eletrônica)

CIRCULAÇÃO
Amália Severino Bueno (coordenadora)

PUBLICIDADE
SUCURSAL DE SÃO PAULO
Praça da República, 473, 10º andar,
conj. 102, CEP 01045-001, São Paulo/SP,
fone (011) 220-0488, fax (011) 220-0686,
E-MAIL granjasp@mandic.com.br
Home page <http://www.agranja.com>
César Perini (gerente)

RIO GRANDE DO SUL
Av. Getúlio Vargas, 1556/58,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (051) 233-1822,
E-MAIL mail@agranja.com
Home page <http://www.agranja.com>
Paulo Dahne (gerente RS/SC)

Representantes/Publicidade
RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e
Marketing Ltda., Av. Osvaldo Cruz, 99,
Apto. 707, Flamengo, CEP 22250-060,
Rio de Janeiro/RJ, fone (021) 552-0732,
Bip (021) 542-9977, Código 524.76.33
E-MAIL lobato@domain.com.br
MINAS GERAIS - José Maria Neves,
Av. do Contorno, 8.000, conj. 509,
Edif. Wall Street, CEP 30110-120,
Belo Horizonte/MG, fone/fax (031)
291-6791, celular (031) 993-0066
PARANÁ - Helenara Rocha de Andrade,
Rua Dr. Faivre, 750, conj. 302,
CEP 80060-140, Curitiba/PR, fone/fax
(041) 262-7446, celular (041) 9720690
Outros Estados, ligue para o
fone/fax abaixo.

A Granja é uma publicação da Editora
Centaurus, registrada no DCDP sob
nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (051) 233-1822.
Exemplar atrasado: R\$ 5,50

Para assinar
A GRANJA
LIGUE
(051) 233-1822

NESTA EDIÇÃO

14 EXPOINTER 98:
vendas superam as
expectativas

26 PLANTAS
TÓXICAS: o fungo
Claviceps é um
perigo na pastagem

28 SAFRA DE VERÃO:
é hora de decidir:
plantio
convencional,
cultivo mínimo ou
plantio direto?

32 OVINOS: aruana é
um capim que prova
sua viabilidade em SP

36 ERVAS
INVASORAS:
capim-carrapicho

38 TODOS OS
DEFENSIVOS:
pêssego & sorgo:
tabelas práticas



42 OLERICULTURA:
na região de Bagé/
RS, o plantio de
hortifrúteis viabiliza
o produtor

44 DESTAQUES A
GRANJA DO ANO:
a festa dos pesos-
pesados

53 PLANTIO DIRETO
NEWS: paranaenses
preferem a aveia-
preta na cobertura



NOSSA CAPA

Destaca como principal assunto da
edição a cobertura da Expointer 98, uma das
maiores feiras agropecuárias
da América Latina

SEÇÕES

Aconteceu	7
Cartas, Fax, Internet	8
Aqui Está a Solução	9
Eduardo Almeida Reis	10
Porteira Aberta	12
Sementes	51
Pecuária	56
Agribusiness	58
Flash	62
Ciência e Tecnologia	64
Novidades no Mercado	65
Ponto de Vista	66

Os sucessivos furacões nas bolsas globalizadas vão ajudar o produto primário no Brasil

O cenário atual da economia brasileira está a sinalizar:

a) O Brasil precisa, urgentemente, de dólares. Os dólares estão na soja, no café e no açúcar, preferencialmente.

b) O Brasil precisa, urgentemente, evitar a importação de produtos que podem e devem ser cultivados aqui mesmo, internamente, como o arroz, o milho, o feijão e o trigo.

c) Nada responde mais rápido do que uma única safra. Em seis meses, com a ajuda de São Pedro e alguma alavancagem do crédito, vira-se o jogo.

Afinal de contas, hoje, mais que nunca, o agricultor brasileiro está apto a produzir mais com melhor tecnologia. Temos terra, clima, conhecimento técnico, e mais: hoje, o agricultor está motivado.

Há ambiente para uma ampla virada. E mesmo o mais ressentido economista urbano diplomado no Rio ou em São Paulo tem, hoje, a percepção ao alcance do óbvio: a saída da crise financeira há de se fazer através da agricultura, sem dúvida nenhuma.

Assim, o dinheiro volátil, de alto risco, há que se empregar no setor produtivo.

E a demanda brasileira e mundial por grãos é significativa.

Qualquer pessoa pouco informada sabe disso.

Investir no próprio negócio, sem dúvida, vai ser a "onda" da vez.

Quem perde?

Bem, provavelmente, a indústria nacional e estrangeira de automóveis, as viagens de turismo, os eletrodomésticos em geral, com ênfase aos aparelhos de TV e som. Pintura da casa e móveis também deverão ser atingidos, duramente, no início do aperto.

Quem ganha?

Seguramente, o calcário, o adubo, o defensivo agrícola (principalmente pela expansão do PD), os caminhões, os tratores, as colheitadeiras e os implementos em geral.

Querem impedir o óbvio

Pois, tem muita organização não-governamental (ONG) tentando impedir, no Brasil, o plantio de sementes transgênicas.

Lá nos Estados Unidos, onde existe um órgão absolutamente sério chamado Food and Drugs Alimentation (FDA), acatado por toda a comunidade científica, as sementes transgênicas há anos foram liberadas para consumo.

Aqui no Brasil, nosso órgão mais responsável sobre o assunto, a Embrapa, já se manifestou oficialmente favorável à licença. O governo ainda não oficializou sua posição, postergando o óbvio, fato que evidentemente dá margem a todo o tipo de debate e palpite sobre o assunto.

Mas, enquanto a palavra final do governo ainda não foi devidamente carimbada, a Embrapa, mais ágil e, principalmente, mais pragmática (afinal, não pode perder o bonde do progresso), já estabeleceu parceria com a Monsanto e a Cyanamid, para o devido desenvolvimento de sementes modificadas de soja, o que está absolutamente correto. Trata-se de ajustar, com algum atraso, a biotecnologia, que deve ser o grande passo do desenvolvimento da agricultura no ano 2000.

O Brasil precisa, com urgência, absorver e implantar essa tecnologia ao nosso sistema produtivo.

Diante da globalização, seu uso será inevitável. Seu emprego, uma mera questão de "timing". Chegar atrasado significa simplesmente ficar fora do processo de lucratividade.

Neste sentido, é bom observar que 25% da soja que começa a ser colhida nos Estados Unidos têm sua origem em sementes transgênicas.

Por outro lado, há que registrar que, neste ano, até o momento, o Brasil importou algo ao redor de 1 milhão de toneladas de soja. Como na safra americana passada, 20% foi oriunda de soja transgênica. Fácil é perceber que algo como 200 mil toneladas de soja de origem transgênica foram consumidas pelos cidadãos brasileiros.

Diante desse fato, percebe-se que, a esta altura dos acontecimentos, qualquer discussão sobre o assunto é mero exercício de debate teórico e bizantino.

E a reforma agrária?

Nesta página, há anos, vimos afirmando que o modelo do processo é insustentável, sem saída.

Ele se auto-alimenta sem solução, e é terrivelmente caro para o contribuinte.

Pouco a pouco, a sociedade como um todo já está se dando conta disso.

E o leiteinho das crianças?

Algo precisa ser feito com urgência pelo governo no setor do lácteo, afirma o ministro da Agricultura, Francisco Turra, pressionando a burocracia do planejamento econômico a aumentar alíquota de 17% para 33% para o produto importado.

Outra do Turra

Ele afirma que a fiscalização vai ser mais rigorosa e firme. Pelo seu trabalho na Conab, dá para acreditar. Porém, sempre há um porém: o brasileiro, historicamente, é ruim de fiscalizar.

Não se fiscaliza nem troco de táxi. Fiscalização, na área governamental, então, é de matar, uma peneira.

É pagar para ver. 🗑️

Ovinos na internet

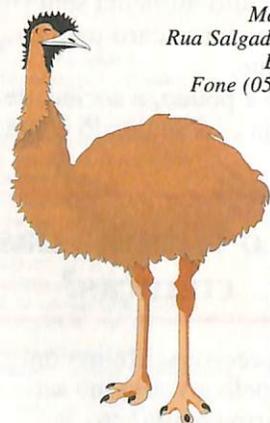
“Gostaria de divulgar um site, recém-lançado, sobre criação de ovinos, onde criadores podem participar de fórum e dispor seus produtos para venda.

Anote aí: www.ovinocultura.com.br”

Jeferson Tadeu Froes Silva

Estou à disposição

“Sou técnico avícola especializado em emas, com experiência no exterior, e ofereço-me para instalação, assistência e/ou assessoria de projetos.”



*Mário Dalmao
Rua Salgado Filho, 154
Barracão/RS
Fone (054) 356-1127*

Deixou a desejar

“Sou engenheiro agrônomo, atualmente cursando pós-graduação em Zootecnia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Gostaria de colocar alguns pontos que considero negativos na Expointer em termos de organização do evento. Em primeiro lugar, além de exposições e comercializações, são desenvolvidos durante o mesmo período diversas palestras e reuniões de entidades de grupos, dirigidas a diferentes segmentos do setor agropecuário, por todo o estado e fora dele. No entanto, observa-se a falta de divulgação desses eventos de forma mais abrangente, principalmente para o interior do estado, fazendo com que somente

após o início da Expointer se conheça a programação através de materiais distribuídos no parque. Caberia, portanto, aqui a veiculação na imprensa escrita para realmente divulgar e permitir que as pessoas possam incluir, por exemplo, as palestras técnicas em suas visitas. No Parque de Exposições as desinformações continuam, a começar pela chegada, quando não se verifica qualquer placa na autoestrada indicando o local do estacionamento para visitantes. Caso você venha a pé, irá verificar que os funcionários que controlam a entrada, não são capazes de informar qual é a direção do prédio da administração do parque ou de uma central de informações. Já em meio aos estandes e pavilhões de exposição tão pouco é possível encontrar um balcão semelhante a fim de localizar algum expositor, muito menos um mapa indicativo. Ao relatar o problema à Administração Central do Parque, fui comunicado que há sim um guia oficial da feira, ao preço de R\$ 5,00 e bem completo por sinal. Porém após caminhar por quase dois dias, fiquei sabendo da sua existência somente naquele momento. Novamente, aqui houve falha na divulgação. Outro fato é que nos tempos atuais, considero inadmissível um evento, do porte da Expointer, não ter uma página na internet. A rede mundial já pode ser considerada uma meio de divulgação maciço para a feira, com benefício de ser muito mais informativa tanto para visitantes como para os próprios expositores. Ao considerar a Expointer o maior evento do setor agropecuário da América Latina, penso que os aspectos citados acima são muito relevantes. A qualidade total, considerada um “pré-requisito e não um diferencial”, está ausente na prática. A desvinculação da atitude em relação a teoria passa a ser uma contradição que não beneficia o evento em nada perante os olhares externos. Não tenho conhecimento da maneira como a Expointer é administrada, mas creio que está se perdendo tempo em não vender a nossa imagem mais moderna, aquela de gaúchos competentes e eficientes naquilo que fazem. Acredito também que esta revista agropecuária, pelo reconhecimento e prestígio que ela possui, deveria se posicionar a respeito junto aos demais grupos que se valem da Expointer para divulgar seu trabalho ou produto, pois a feira não existiria sem o interesse daqueles que expõem e dos que visitam. Poderia citar também o aspecto horrível provocado pelo acúmulo de lixo

junto ao portão de acesso principal. Aliás, não encontrei também o cronograma do evento na home page da revista **A Granja**, apesar da Expointer ser matéria de capa.”

*Luis Fernando Marasca Fucks
Porto Alegre/RS*

Raça portuguesa

“Como leitor assíduo da revista **A Granja**, gostaria de sugerir uma reportagem sobre uma raça de cão importante de Portugal. Esta raça, cão serra da estrela, é utilizada na proteção e condução de bovinos nas regiões agrícolas de Portugal e além disso desempenha trabalho de vários homens. Para se ter uma idéia, todo ano há uma grande exposição do cão serra da estrela, havendo muitos interessados de vários países que vão para comprar esses animais. Além disso, sugiro publicar nas páginas medicamentos e rações para cães.”

*Luís Claudio Vianna
Brasília/DF*

Novos dirigentes

“Comunicamos que a Associação Brasileira de Criadores Texel (Brastexel) está com nova diretoria para o biênio 98/2000. A direção ficou assim constituída: Nilson Paulo Missel, presidente; Paulo Aginsky, vice-presidente; Rejane Terezinha Corrêa, 1ª secretária; José Augusto Marques, 2º secretário; Rejane Brum Leques, 1ª tesoureira; José Tadeu Pereira da Silva, 2º tesoureiro.”

*Rejane Corrêa
Porto Alegre/RS*

Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.

Escreva para redação da revista
A GRANJA, Av. Getúlio Vargas, 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS.
O fax é: (051) 233-2456.

E o nosso E-mail: mail@agranja.com
Home Page <http://www.agranja.com>
As cartas ou mensagens poderão ser publicadas de forma resumida.



Divulgação/Itapuã

Produzindo brotos

“Estou tendo dificuldades em encontrar sementes para produção de brotos. Vocês poderiam me auxiliar?”

Claudia Peixoto
Londrina/PR

R — A empresa Itapuã, especializada em produção de brotos, se dedica não só à tecnologia de produção como também à venda de sementes importadas de Mung Bean (Mogashy), alfafa, trevo, mostarda, rabanete, cebola etc, ou seja, todos os tipos de sementes para produção do brotos destinadas à alimentação humana. Anote aí o endereço: BR 369, km 20, nº 1071, CEP 86390-000, Cambará/PR, fone (043) 732-4411.

E a linha de crédito?

“Vocês poderiam me dar maiores informações a respeito do Prodecer e se, em algum lugar do cerrado brasileiro, ainda existe esta linha de financiamento?”

Roberto Taguchi
Suzuka/Japão

Cultivo do girassol

“Necessito de informações sobre o plantio de girassol e onde encontrar sementes para cultivo.”

Pedro Raul Braga
Belo Horizonte/MG

R — O girassol pode ser cultivado em qualquer época do ano, principalmente agosto-dezembro (safra) e janeiro-março (safreinha). A faixa ideal de temperatura situa-se entre 13 e 30° C, sendo tolerante a geadas até o início da fase reprodutiva (R1) até 10 dias após o florescimento. A cultura do girassol dá preferência a solos argilosos de textura média, bem-drenados e que não estejam sujeitos a inundações. É tolerante aos períodos secos, sendo mais exigente de água na emergência, floração e enchimento dos grãos. Pode ser comparado ao milho em termos de exigências nutricionais, é uma planta exigente em fertilidade, devendo-se evitar seu plantio em terras de primeiro cultivo. Recomenda-se que o pH do solo seja superior a 5,2 (ideal entre 5,2 e 6,0) e a saturação de bases em torno de 70%. As doenças mais importantes que atacam a cultura são as podridões de caule e capítulo (*Sclerotinia* spp.) por baixas temperaturas e alta umidade e mancha de alternária (*Alternaria* spp.) por alta temperatura e alta umidade. Caso o leitor queira maiores informações, bem como adquirir sementes, entre em contato com o agrônomo Júlio César Gomes, pelo fone (041) 335-5005, ou pelo fax 335-2324.

R — Quem pode lhe dar as informações desejadas é o diretor do Prodecer, em Brasília, Moacir Micheletto, pelo fone (061) 273-4505.

Alimentação complementar

“Estou iniciando na criação de trutas e gostaria, se possível, que me indicassem alguma publicação onde posso encontrar instruções sobre a alimentação destas espécies.”

Claudio Tavares
Carazinho/RS

R — Indicamos ao leitor o manual técnico ‘Rações Pré-Calculadas para Organismos Aquáticos’. A publicação, recém-lançada, traz 250 fórmulas prontas, além de instruções complementares para ali-

mentação, incluindo tabelas para todas as espécies, e normas de manejo. A pesquisa abrange trutas, carpas, tilápias, entre outros peixes cultivados. Também é completo para camarões de água doce e rãs. Para adquirir o livro o leitor poderá entrar em contato com a Livraria e Editora Agropecuária, pelo endereço: Rua Bento Gonçalves, 236, caixa postal 66, CEP 92500-000, Guaíba/RS, fone (051) 480-3309, ou se preferir via internet pelo e-mail: edipecc@plug-in.com.br

Como criar javali?

“Gostaria de receber informações sobre criação de javali, como requisitos necessários para iniciar nesta atividade.”

Luiz Alberto Sargaço Teixeira
Rio Claro/SP

R — Sugerimos a fita de vídeo ‘Javali - Como iniciar uma Criação’. O leitor poderá encontrar informações como instalações, manejo, reprodução etc. Para solicitar este vídeo é só entrar em contato com a Agrovídeo, que fornece vídeos de treinamento para diversas atividades, pelo fone (041) 335-8555, ou se preferir pela home page: <http://www.agrovideo.com.br>

Informações sobre codornas

“Pretendo iniciar uma criação de codornas. Portanto, solicito a revista A Granja informações sobre esta atividade.”

kleber@mgate.com.br

R — O leitor poderá encontrar informações práticas e detalhadas, sobre criação de codornas, no livro ‘Codorna - criação, instalação e manejo’. A publicação orienta, ainda, na criação em pequeno espaço, com mínimas despesas e pouco trabalho. Para adquirir o livro ligue para o fone (051) 233-1822 ou via e-mail: mail@agranja.com

Como aplicar esta técnica?

“Li na seção Ciência e Tecnologia, da edição de agosto último, uma nota referente a uma técnica utilizada na produção de uva semente. Tenho interesse na produção e divulgação da mesma em nossa região. Solicito a vocês informações sobre este assunto.”

Elaine Regina Baggio
Ouro Verde/SC

R — Sugerimos que entre em contato com o pesquisador Celso Pommer, do Instituto Agrônomo de Campinas/SP. Ele poderá lhe dar maiores detalhes sobre esta técnica. Anote aí: fone (019) 241-9910.

Em grau de recurso

Fazendeiros e desembargadores temos, em comum, o fato de que os problemas sempre nos chegam em grau de recurso. Os desembargadores levam alguma vantagem, porque trabalham em equipe e julgam em cima de uma sentença inicial, prolatada pelo juiz de Primeira Instância. Peço desculpas pelo verbo prolatar, que pintou no pedaço, mas é o que se usa: significa proferir, o que pouco adianta em matéria de explicação: desculpas renovadas.

Numa fazenda, sobretudo para os que temos a sorte de contar com funcionários espertos e de iniciativa, a primeira instância de qualquer processo corre sempre por conta dos compadres. Foi assim quando tive um touro gay. No duro, mesmo: um touro entendido. Aparentemente, era um macho como outro qualquer, com uma diferença: gostava dos colegas de internada.

Um dia, depois de meses tentando apartar os pares na base da bordoadada e da água fria, meu bom compadre expôs o problema. Disse que eu precisava dar um jeito num tourinho da internada, o filho da Pimenta, que tinha "mal costume". Mandei arrear o cavalo e partimos para a internada, distante hora e meia, onde eram recriados os tourinhos destinados à venda.

O fenômeno era de uma evidência cavalgar, ou taurina, como queiram. De longe, dava para ver os outros tourinhos, em fila, atrás do filho da Pimenta. Enquanto se divertiam, deixavam de pastar e prejudicavam seu crescimento. O responsável pela esbórnia, não apenas consentia que os demais saltassem sobre ele, como parecia gostar muito.

Se eu fosse inteligente e tivesse recursos de sobra, mandaria o tourinho para ser estudado numa escola de veterinária. De repente, poderia subverter tudo que se tem como certo e definitivo no delicado terreno. Mas a providência envolveria o pagamento do frete até à escola, os telefonemas para que os pesquisadores aceitassem estudar o fenômeno e outras despesas fora do alcance de um fazendeiro comum, além das pilhérias inevitáveis.

Achei mais fácil chamar o açougueiro e faturar, num pré-datado para 15 dias, as muitas arrobadas que o "tourinho" já pesava. De qualquer forma, tive um prejuízo enorme com o que os outros tourinhos, um lote de mais de 30 animais, deixaram de crescer

e de engordar, enquanto dedicados ao homoerotismo.

Se a convocação para solucionar os casos de "mal costume" é feita durante o dia, os partos complicados só acontecem tarde da noite. É aquela velha estória: todas as comadres já tiveram uma porção de filhos pelas vias normais. O pré-natal dispensa médicos e é feito de machado na mão, cortando a lenha do fogão, ou no entorno quentíssimo do mesmo fogão. Na maioria das vezes, as crianças nascem normalmente, sem quaisquer complicações além de um umbiguinho malcortado.

Ora, pois, um dia, sabe-se lá por que, um parto resolve complicar-se. Mas não se complica às 6 da manhã, quando sai o carro levando as crianças para o colégio da cidade, distante 35 quilômetros pelos atoleiros da estrada miserável. Nem se complica durante o dia, quando o fazendeiro está acordado há outros meios de fazer chegar a parturiente ao hospital. A complicação deixa para ocorrer entre meia-noite e uma hora da manhã, justamente naquela noite em que o doutor se excedeu nos uísques, nos vinhos e nos licores, durante o jantar.

É um fazendeiro ainda tonto, morrendo de sono, que é chamado pelas batidas insistentes do compadre-em-chefe, na janela do quarto, ajudado pelos latidos de uma dúzia de cachorros. Um pouco meio bêbado, como gostava de dizer o marido da cozinheira, o produtor rural é arrancado da cama, passa uma água fria no rosto, embarca a comadre barriguda no banco traseiro e enfrenta a viagem de uma hora até ao hospital. Dia seguinte, depois de apanhar as crianças na escola, é hora de passar pelo hospital para recolher a comadre com o recém-nascido, que todos acham uma gracinha. Nunca vi recém-nascido que todos não achassem "uma gracinha!"

Por sorte minha e azar de um planeta superpovoado, nunca perdi criança em mais de 30 anos de fazenda. Só perdi a conta dos partos, seguramente mais de 200. Havia problemas de saúde, é certo, sempre sub-

metidos ao fazendeiro em grau de recurso. Foi assim com uma menina taludinha, de seus 12 anos, que o compadre levou duas ou três vezes ao posto de saúde, sem sucesso. Depois, resolveu medicar a filha à sua moda: batendo bastante, também sem sucesso. Quando me trouxe o problema, explicando: "Dei nela uma coça bem dada e ela não quer sarar", levei a menina a um alergista "amigo", que me cobrou 100 dólares para diagnosticar o óbvio: asma alérgica. A menina era alérgica a poeira, pólen, sol, chuva, vento, falta de chuva, falta de vento, terra, cimento, mugido de vaca, relinchar dos cavalos, jabuticaba no pé, passarinho cantando no pomar, manga madura: tudo.

Difícil, mesmo, foi convencer o compadre de que o doutor da cidade estava certo. Afinal, ele tem mais 10 filhos e uns 30 sobrinhos, nenhum deles alérgicos a qualquer coisa que não seja trabalho. Conversas genéticas são meio complicadas para qualquer compadre, assim como para seus patrões.

Na emergência, resolvi explicar que a cama em que ele se deita com a comadre, por mais limpa que seja, tem dois milhões de ácaros, cada um dos quais faz cocô 30 vezes por dia. Portanto, ele dorme com a comadre entremedio a 60 milhões de bolotas de cocô de ácaros. Não só ele, como qualquer pessoa que se deite numa cama, em qualquer lugar. A filha também é alérgica aos

Conversas genéticas são complicadas para qualquer compadre

ácaros e seus excrementos. E o pobre compadre, de olhos esbugalhados, não acreditava numa palavra de minha explicação, da qual só entendeu que os ácaros são "primos" dos carrapatos. Estes últimos ele conhece. E também conhece os espermatozoides, que lhe mostrei pelo microscópio do veterinário, no dia em que andou testando o sêmen de um de nossos touros. Naquela mesma noite, na venda, o compadre não se deu por achado: "O doutor mostrou para nós uma quantidade de sapinhos, nadando de cambulhada uns com os outros, e queria que nós 'creditasse' que é aquilo que faz filho numa vaca." ❧

CHEGOU A SEGURANÇA QUE O HOMEM DO CAMPO PRECISA.



Ranger é o novo pulverizador Montana projetado para oferecer o máximo de segurança, tanto ao operador, quanto aos alimentos e à terra.

O novo Ranger já possui acessórios que são obrigatórios na Europa: tanque de limpeza do pulverizador, tanque para lavar as mãos, filtros de linha, válvulas anti-gotejo e bicos de última geração.

Consulte nosso revendedor e conheça todos os detalhes da tecnologia Montana que existem no novo Ranger.

Montana, junto com você trabalhando por um mundo mais seguro.



MONTANA

Pulverização com segurança

Rua Francisco Dal Negro, 888
Fone (041) 382 1019
Fax (041) 382 1472
Cx. Postal 71 CEP 83005-360
São José dos Pinhais - PR
montana@montana.ind.br

Canadá amplia relações com o RS

Na Expointer 98, um dos estandes internacionais mais visitados foi, sem dúvidas, o do Canadá. Representados pela província de Manitoba, que tem boas relações comerciais com o Rio Grande do Sul, os canadenses mostraram que são muito bons na produção de suínos, bovinos e avestruz. Eles ainda assinaram com o governo gaúcho o acordo para a criação do “Espaço de Manitoba”, que visa o incrementar os negócios entre os dois estados. O espaço passa a funcionar na Secretaria do Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais do RS. Mas quem acabou roubando a cena no estande canadense fo-



Luiz Reis

ram os índios de Manitoba. Com roupas características das tribos do continente norte-americano, os aborígenes mostraram um pouco de sua cultura aos transeuntes do parque. No quesito simpatia, a nota do público para os nativos foi 10.

Mão feminina na ovinocultura

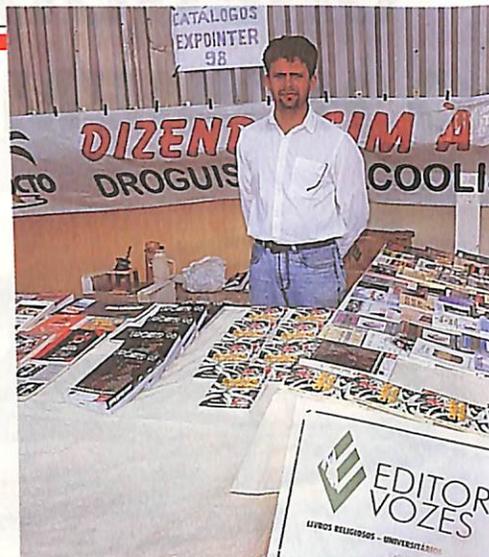
Quem ainda acha que pecuária é trabalho para homem, com certeza ainda não conhece a feira de Esteio. Era só dar uma circulada nos pavilhões dos animais para comprovar o grande número de mulheres que participam ativamente nos lides do campo. A empresária Elisabeth Amaral Lemos, da Cabanha Vista Alegre, de Pedras Altas/RS, é um exemplo claro de que a fazenda não sobrevive sem a ajuda da mulher. Criadora de ovinos da raça corriedale, ela recebeu o Prêmio Mérito Ovelheiro, patrocinado pela Merial. Desde 1970, Elisabeth divide com o marido

José Antônio Lemos o trabalho de seleção genética dos ovinos e ajuda na administração de outra propriedade, a Cabanha Felicidade, em Pinheiro Machado/RS, onde são criados bovinos polled hereford, pardo-suíço e pôneis. Na última década os ovinos do casal Lemos são sinônimos de sucesso em todas as mostras que participam. Elisabeth é a primeira mulher a receber a condecoração.



Antônio Sanches

Otrecho da música de Caetano Veloso serve para ilustrar o que aconteceu na quinta e sexta-feiras no Parque Assis Brasil. É que o local foi invadido por milhares de estudantes das escolas de Porto Alegre e cidades próximas. Resultado: mais de 400 crianças se perderam das professoras e dos coleguinhas, dando um verdadeiro “enlouquecendo” os policiais militares encarregados pela segurança do local. Não bastasse isso, as turmas nada comportadas invadiram os estandes na busca por bonés



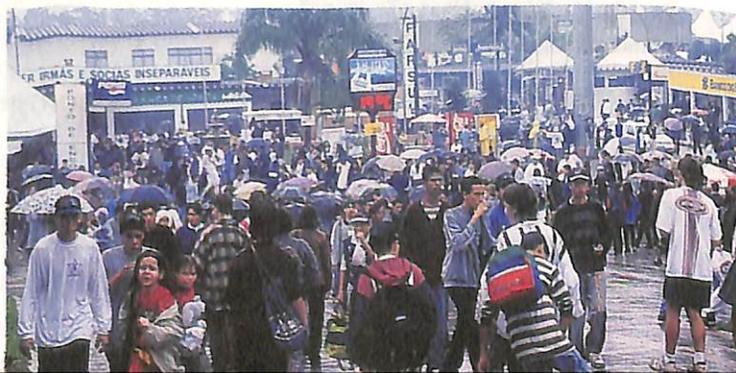
Antônio Sanches

Plantão antidrogas 24h

Algumas instituições filantrópicas aproveitaram o grande fluxo de visitantes da Expointer para mostrar ao público um pouco de seu trabalho. Destaque a Associação Fraternal de Recuperação Universal (Afructo) — uma entidade humanitária com unidades em Porto Alegre e Novo Hamburgo — que trabalha na recuperação de drogados e alcoolistas. Segundo Luiz Gustavo Müller, a Afructo existe há dois anos e sobrevive de doações de igrejas e empresas como a Editora Vozes. Seus colaboradores são todos voluntários que se revezam 24h por dia no atendimento ao público. Quem quiser conhecer um pouco mais do trabalho de Afructo é só ligar para (051) 593-1155.

“Sem lenço e sem documento”

e souvenirs. Ruim para quem visitou a feira, pior para os expositores, que não tiveram trégua. Para o próximo ano vai uma dica: que tal organizar essas visitas de forma ordenada, diluindo em todos os dias da feira. Com isso evita-se que o que tem tudo para ser uma festa não acabe num pesadelo.

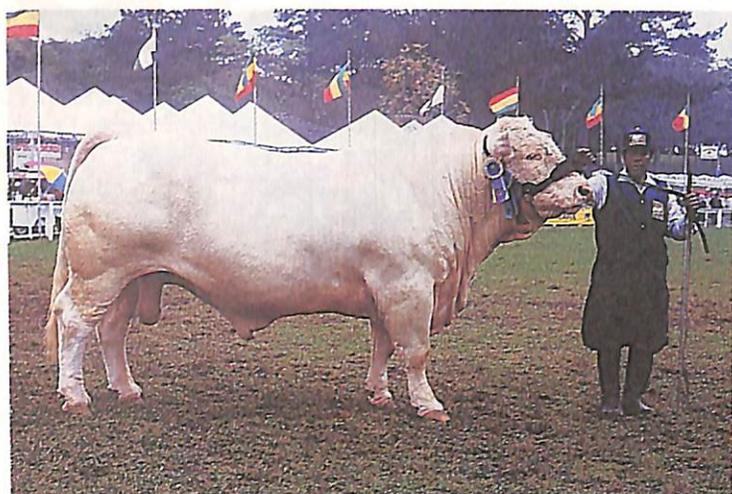


Antônio Sanches

O peso-pesado de Esteio

Na passarela da Expointer um gordinho foi a sensação. Trata-se do touro charolês Jotabe Joker, da Cabanha Figueira, de Camaquã/RS. No alto de seus 1.505kg, ele não só recebeu o título de animal mais pesado da feira como também quebrou a balança do parque, que suporta somente até 1.500kg.

Mas, apesar do prejuízo na balança e dos flashes todos apontados para ele, Jotabe, de quatro anos, parecia nem se importar. Ele desfilava tranquilamente por entre as



Antônio Sanches

centenas de curiosos que se acotovela-
vam para chegar perto ou para tirar uma
foto sua para a posteridade. Coisas que
só um supercampeão consegue fazer.

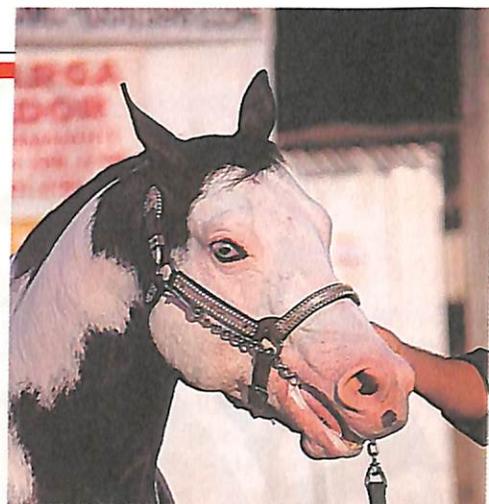
Indústria ecologicamente sustentável

Um estande que chamou a atenção dos visitantes da feira deste ano foi o pavilhão florestal. Para atrair o público, os 70 expositores — entre universidades, empresas de insumos, indústrias de máquinas e de móveis em geral — montaram o Mundo das Árvores. A intenção era mostrar todo o processo: do cultivo ao corte, envolvendo aspectos ambientais e a produção zoobotâ-

nica de espécies exóticas. Um dos locais mais visitados foi a Log Homes (casa de tronco) apresentada pela empresa de postes Mariani, de Guaíba. Feita a partir de toras de madeira, a moradia é uma construção típica das fazendas e casas de veraneio do continente norte-americano. A técnica, importada dos Estados Unidos já está à disposição no mercado brasileiro.



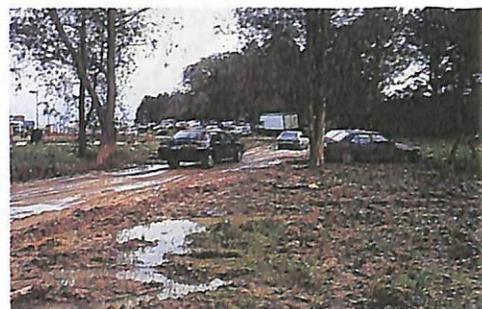
Luiz Reis



Antônio Sanches

Garanhão sedutor

Com um par de olhos azuis de causar inveja a qualquer mortal humano adepto a um espelho, o cavalo paint horse importado recentemente do estado norte-americano do Texas por um produtor gaúcho, causou um verdadeiro frisson nos visitantes. Resultante da seleção genética da raça quarto-de-milha, o cavalo diferencia-se dos demais animais da raça pelos olhos e pelagem branca e avermelhada. Fascínio maior, o belo animal causou nas mulheres. Tudo isso para despeito dos homens.



Antônio Sanches

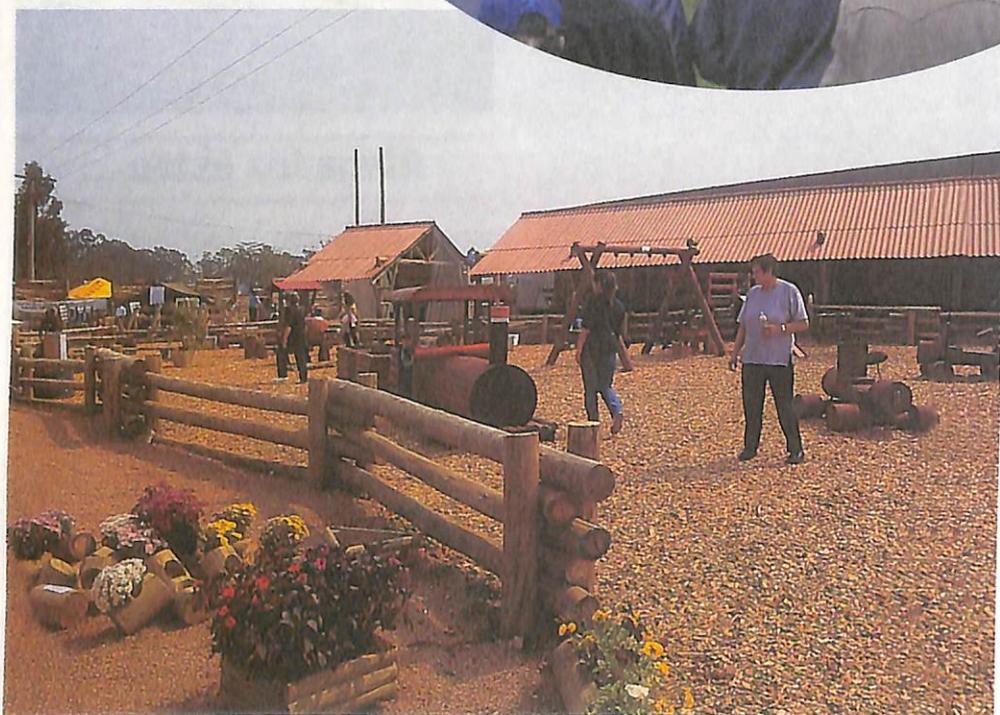
Alagados estão....

A pesar de todo o esforço da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul para tornar a infra-estrutura do Parque Assis Brasil melhor, um grave problema ainda persiste: o estacionamento. Quem utilizava o portão quatro, destinado a imprensa e servidores para entrar no parque, passava o maior sufoco até encontrar uma vaga para estacionar o carro. Depois de tentar em vão conseguir espaço, muitos motoristas eram obrigados a jogar o veículo em qualquer lugar, nem que fosse no meio do atoleiro, cena, aliás, comum nesta Expointer. Para a próxima feira o ideal seria, além de um belo jardim, ter bons estacionamentos.

EXPOINTER '98



*Cobertura jornalística de:
Gilberto Severo (textos) e
Antônio Sanches (fotos)*



A euforia tomou conta de Esteio

Ao fechar os números, a organização da mostra apontou uma comercialização mais de 100% superior à registrada na edição de 97

Oportunista. A expressão sintetiza bem o que foi a Expointer 98, que aconteceu entre os dias 29 de agosto e 6 de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, na Grande Porto Alegre. É que — em meio ao “terremoto” provocado pelo agravamento da crise financeira no País — a feira conseguiu safar-se sem arranhões, até por que o evento acabou cinco dias antes dos tecnocratas do Banco Central elevarem as taxas de juros à estratosfera, para conter a fuga de dólares. Mas, apesar da apreensão tanto dos expositores como dos produtores em geral com a instabilidade das bolsas, a mostra deste ano superou as expectativas iniciais dos organizadores e fechou com um volume de comercialização mais de 100% superior ao registrado em 1997.

De acordo com os números finais divulgados pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, responsável pela organização da Expointer, somente as vendas de máquinas e implementos agrícolas somaram R\$ 39 milhões, muito superior aos R\$ 17,5 milhões obtidos no ano passado. Entre os animais, no entanto, o desempenho foi bem mais acanhado e encerrou com um pequeno au-

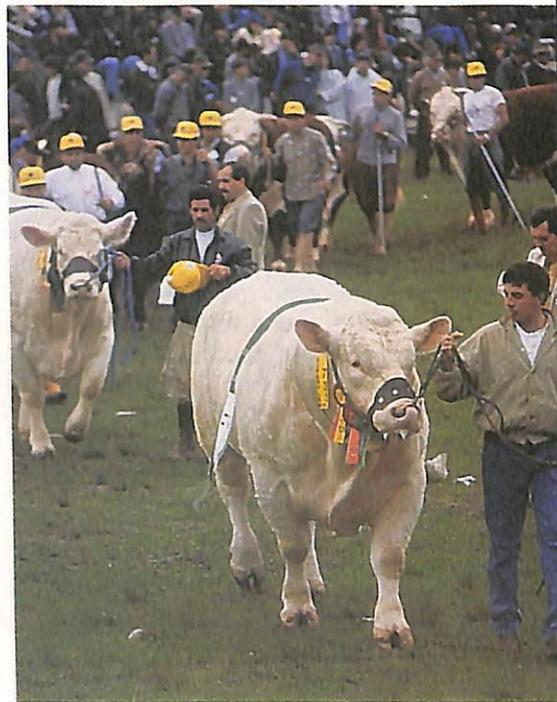
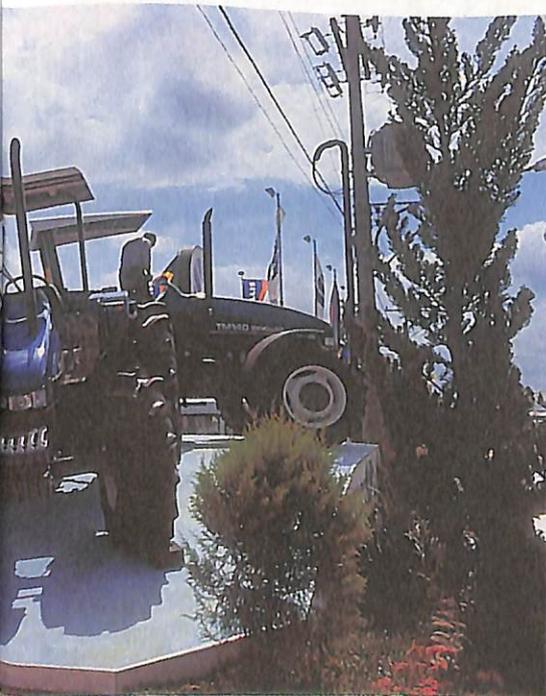
mento sobre a feira anterior. O volume comercializado foi de R\$ 1,709 milhão, com um total de 1.284 animais vendidos. Em 97, as transações atingiram R\$ 1,682 milhão, com a venda de 863 exemplares. A feira de artesanato, por sua vez, obteve uma receita global de R\$ 338 mil, 22% a mais que no período anterior. Nos nove dias de exposição, os portões do Parque Assis Brasil registraram a entrada de 620 mil visitantes, contra 570 mil de 97.

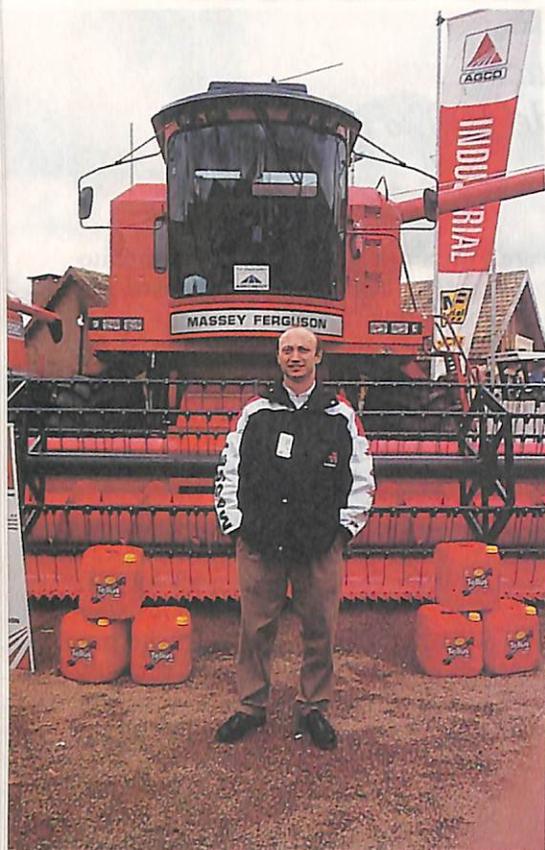
Pelo menos três aspectos justificam a duplicação das vendas de máquinas e implementos nesta Expointer mesmo com a aparente intranquilidade. O primeiro está ligado à redução das taxas de juros, que encolheram de 14,5% para 11,9% ao ano. O segundo é decorrente do fraco desempenho do setor nos meses de junho e julho — após o anúncio de que o Governo Federal estava estudando a adoção de medidas para incentivar a renovação a frota de máquinas na lavoura. O fato praticamente anulou o mercado até o início do evento, pois todos estavam esperando “comprar trator novo a preço de ocasião”. O último fator está ligado aos bons preços obtidos pelo arroz no mercado interno. Era praticamente unanimidade o boato entre as empresas de que os orizicultores, literalmente, salvaram a feira. O resultado só não foi melhor porque na última hora, ou seja, no primeiro dia da mostra, o Banco do Brasil deu uma rasteira em todo mundo e anunciou a suspensão do BBAgro — uma linha de crédito com juros de 8,75% ao ano —, que seria destinada à compra de implementos.

Para o secretário da agricultura do RS, Caio Tibério da Rocha, a Expointer está deixando de ser uma mostra institucional para se transformar num balcão de negócios. Sua justificativa baseou-se no clima de euforia que, segundo ele, tomou conta das empresas de máquinas e implementos no fechamento da feira. “A edição deste ano demonstra que a feira está no caminho certo, desempenhando seu papel de vitrine da agropecuária brasileira”, comemorou. Quem também teve bons motivos para sair satisfeitos foram os produtores que utilizaram as linhas de crédito pré-fixadas nas compras. É que, até o fechamento desta edição, os financiamentos

para o setor rural, com exceção do crédito para custeio, haviam sido suspensos pelos agentes financeiros.

Na comercialização de animais, o resultado positivo ficou por conta do segmento de bovinos de corte. Empolgados com a declaração de zona livre de aftosa, chancelada pela Organização Internacional de Epizootias (OIE) para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os pecuaristas foram às compras e elevaram as médias dos leilões para R\$ 3,8 mil. Na outra ponta está o gado leiteiro, que teve as médias diminuídas de R\$ 2,6 mil de 97 para R\$ 1,5 mil neste ano. Entre as boas notícias trazidas pelo ministro da agricultura, Francisco Turra, está a intenção do Planalto em ampliar o Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), oferecendo um volume de recursos superior a R\$ 2 bilhões em 98 para o desenvolvimento das pequenas propriedades. Agora, depois do furacão que varreu as bolsas e arrasou boa parte da economia brasileira, esses números e as promessas perdem um pouco o sentido. Até o momento, somente uma coisa ainda não mudou: a data da Expointer 99, prevista para acontecer de 28 de agosto a 5 de setembro.





Bons ventos — “Bem melhor que no ano passado.” A frase resume o desempenho da AGCO do Brasil Comércio e Indústria Ltda., de Canoas/RS, na Expo-Inter 98. As vendas da empresa na feira totalizaram R\$ 8 milhões, ou seja, mais de 40% superior ao registrado no ano passado. Para o gerente de marketing da companhia, Fábio Piltcher, o momento macroeconômico vivido pelo País contribuiu para impulsionar os negócios no segmento de mecanização agrícola. Segundo ele, neste ano, além de um volume grande de produtores, percebeu-se um interesse maior por parte dos visitantes. “Isto fez com que a feira fosse circunstancialmente bem mais interessante que nos anos anteriores”, diz. Do volume negociado pela AGCO, quase que a totalidade foi via juros pré-fixados. Os tratores das séries 5000 e 600 foram os mais comercializados pela companhia.

Na linha de colheitadeiras, a fábrica apresentou a Gleaner R52, para a colheita mecanizada de feijão. O baixo índice de perdas e danos físicos aos grãos torna a máquina ideal para sementeiros.



Mais opções — Disposta a abocanhar uma fatia maior no mercado de tratores leves, a Agrale S.A., de Caxias do Sul/RS, está focalizando seu raio de ação em segmentos específicos. Um exemplo disso é a série AG-4000 formada por quatro linhas.



Destaque para o modelo AG-4240 Cafeeiro. Trata-se de uma máquina mais estreita que os modelos convencionais — apenas 110cm —, o que permite transitar pela lavoura sem danificar os pés de café. É o que garante Valter José Loss, gerente de vendas de tratores e motores da empresa. O AG-4240 é equipado com motor Ruggerini MD-350, de 36cv.

CASE III

Estréia vitoriosa — Presente pela primeira vez em Esteio com a linha agrícola, a empresa, com sede em Sorocaba/SP, trouxe a colheitadeira de grãos Axial Flow 2388; a enfardadeira de rolo 8420; e os tratores Magnum 8920 e 8940, e Maxxum MX modelos 110, 120 e 135. E com um detalhe: todas as máquinas com acessórios para a cultura do arroz, segmento que a empresa começa a desbravar no RS, maior produtor de cereal no País. O vice-presidente da Case, Mário Hirose, diz que o sistema Axial Flow permite o menor índice de quebra e perda de grãos, na comparação com colheitadeiras similares, e já contabiliza di-



versas vendas na região sul do estado. “O produtor profissional quer máquinas mais potentes, de alta performance. Por isto, em termos tecnológicos, somos a BMW da mecanização agrícola”, alfineta Hirose, adiantando que a montadora vai investir US\$ 1 bilhão nos próximos cinco anos.

FANKHAUSER



Mais tecnologia — A plantadeira-adubadeira 5030, apresentada pela Indústria de Máquinas Agrícolas Fankhauser Ltda., de Tuparendi/RS, foi projetada para o plantio de precisão de grãos graúdos (soja, milho, feijão, girassol, entre outros). Pneumático ou a vácuo, o implemento possui caixa de adubo em polietileno, o que, segundo o diretor da empresa, Pedro Fankhauser, evita a corrosão e dá mais durabilidade ao produto. O equipamento tem ainda rodas limitadoras de corte e discos duplos com várias opções de ataque ao solo.



IMASA

Pequena notável — O trunfo da Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs S.A., de Ijuí/RS, nesta Expoiner, foram as semeadoras-adubadoras MPS 2600 e PHS 125 (foto). Compacta, a PHS 125 é uma máquina pequena, mas com tecnologia antes empregada em equipamentos de grande porte, segundo informou Claudiomiro da Silva, do departamento técnico. Dentre as características da nova máquina, destaque para discos perfurados de grande diâmetro e dupla carreira de furos, que permite alta precisão na distribuição de sementes dos mais variados tamanhos.

Confidor



IMIDACLOPRID

UM BANHO DE PROTEÇÃO VIA SOLO

A resposta contra a mosca branca

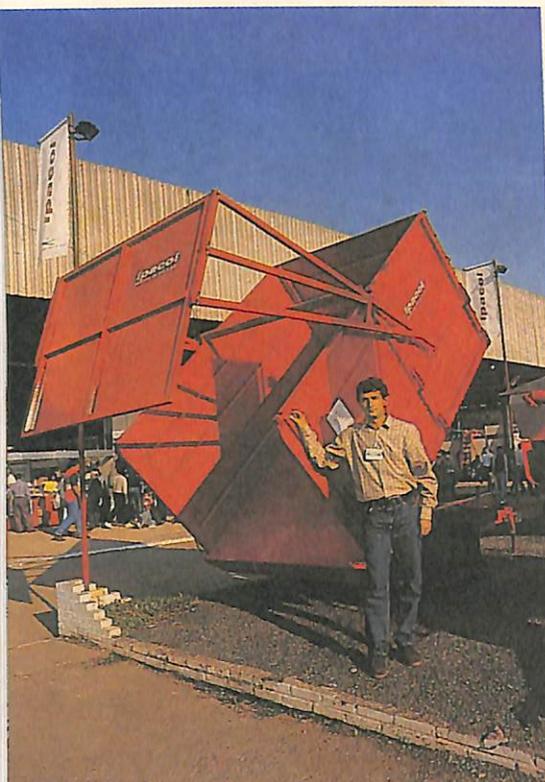
ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.
Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receita médica agrônoma.
ANEP

www.bayer.com.br

TeleBayer
Discagem Direta Gratuita
0800-115560

Bayer 
Proteção das Plantas

Assessoria de Propaganda da Bayer



ipacol
parceiro de sol a sol

Boa opção — A Ildo Parise Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Ltda., de Veranópolis/RS, traz para os pecuaristas do sul do Brasil uma nova linha de produtos que inclui vagões forrageiros, pás-carregadeiras, além de distribuidores de calcário, entre outros. Para Rubens Perotto, um dos destaques é a carreta basculante hidráulica CBF Forrageira. Ela tem capacidade para até cinco toneladas, vem com descarga traseira para ensilagem, exige trator com tomada de força de 30cv e basculamento por comando hidráulico no trator.

J.F.
MÁQUINAS
AGRICOLAS

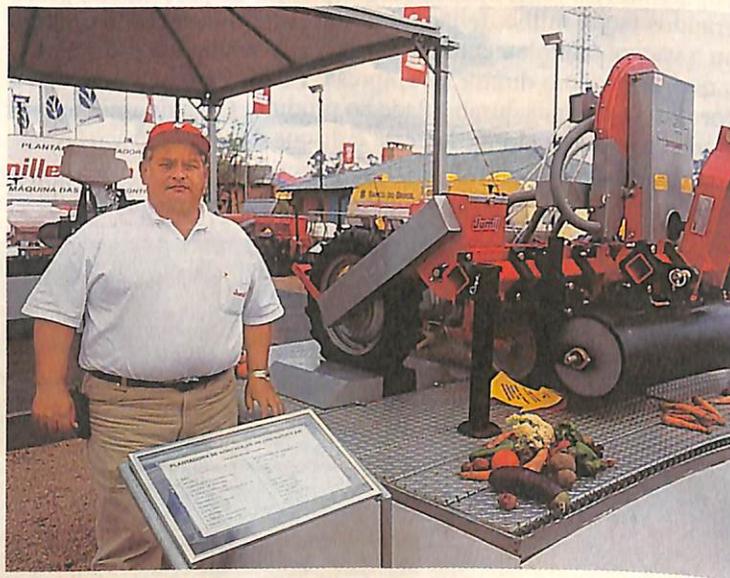
Silagem — Para quem procura uma silagem de grãos úmidos com qualidade, a J.F. Máquinas Agrícolas Ltda., de Itapira/SP, disponibilizou o JF 80. Projetado em parceria com universidades de São Paulo, o equipamento vem com sistema cerrilhado que não permite que o grão quebrado grude na máquina e dificulte seu funcionamento. O acionamento pode ser feito por motor elétrico ou por trator com tomada de força acima de 70cv. Sua capacidade



de produção é de 18t/hora. Paulo Soares de Arruda, do departamento de vendas, diz que o JF 80 atende em cheio as necessidades dos produtores que buscam o novilho superprecoce. Seu preço no mercado não supera os R\$ 2.100,00.

Jumil

Novidades — Com um volume de vendas considerado como dentro das expectativas, a Justino de Moraes Irmãos S.A. (Jumil), de Batatais/SP, mostrou para os produtores do sul a s e m e a d o r a JM2400 Natura, específica para a horticultura. Mostrada pela primeira vez no

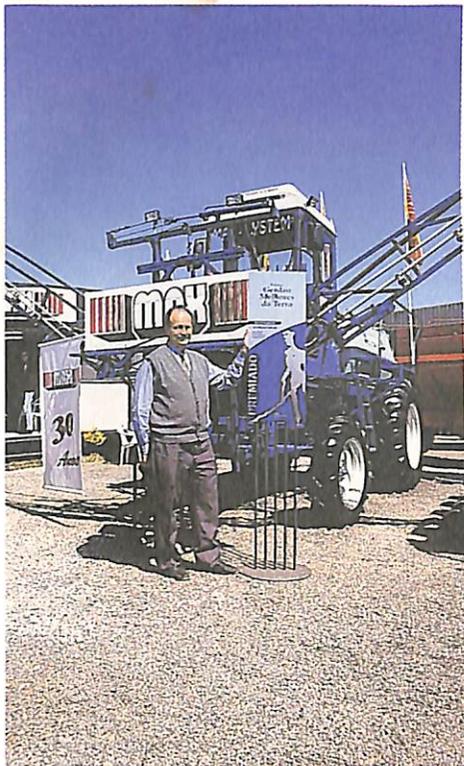


Agrishow, em abril último, a máquina é pneumática a vácuo, com rolo compactador. De acordo com Celso Carvalho dos Santos, representante da empresa para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, trata-se de um importante passo na incorporação de tecnologia de ponta entre os horticultores.

LAVRALE

É ouro — Para José Castilhos, diretor da Lavrale Máquinas Agrícolas Ltda., de Caxias do Sul/RS, a Expointer 98 sintetiza o bom momento da empresa no mercado de implementos. A começar pelo troféu ouro, na categoria Novidade, do Prêmio Gerdau Melhores da Terra, recebido pela semeadora-adubadora Plant-ar. Projetada para culturas de verão (milho, soja, girassol, feijão, entre outros), e Plant-ar tem como diferencial os sistemas integrados de seleção sementes. A má notícia para os produtores é que a máquina só estará disponível no mercado em abril de 1999.





MONTANA
Pulverização com segurança

Inovação —
Mostrado pela primeira vez no Agrishow, em Ribeirão Preto/SP, o novo pulverizador Montana Ranger pôde ser visto pelos produtores de grãos do Rio Grande do Sul. Ele tem capacidade para 2.000 e 3.000 litros, conforme a versão desejada pelo cliente. Como inovação, o novo equipamento, fabricado pela Montana Indústria de Máquinas Ltda., de Curitiba/PR, apresenta



barras com abertura e fechamento hidráulico; características de segurança adotadas em toda a Europa; e tanque de limpeza com capacidade para 200 litros de água.

Simplicidade conquista o Prêmio Gerdau



— A Irmãos Thönnigs, de Carazinho/RS, levantou o troféu prata na categoria Destaque, do Prêmio Gerdau Melhores da Terra com o pulverizador autopropelido Max-System. Montado em cima de um trator, o equipamento custa perto de R\$ 30 mil e já vendeu mais de 500 unidades, desde que foi lançado em 1996. Segundo o diretor Friedhelm Thönnigs, o Max-System conseguiu nota média de 90, numa escala de 0 a 100, no item satisfação do usuário.

NEW HOLLAND

Um pé à frente —
De olho num mercado onde a disputa torna-se cada vez mais acirrada, a New Holland Latino Americana, de Curitiba/PR, está ampliando ainda mais sua linha de produtos no mercado brasileiro. As últimas novidades são os equipamentos destinados à produção de feno, que incluem segadeiras, ancinos e enfardadoras. Raul Campos, supervisor da área de plantadeiras e equipamentos para fenação, garante que as máquinas serão disponibilizadas no primeiro trimestre do pró-

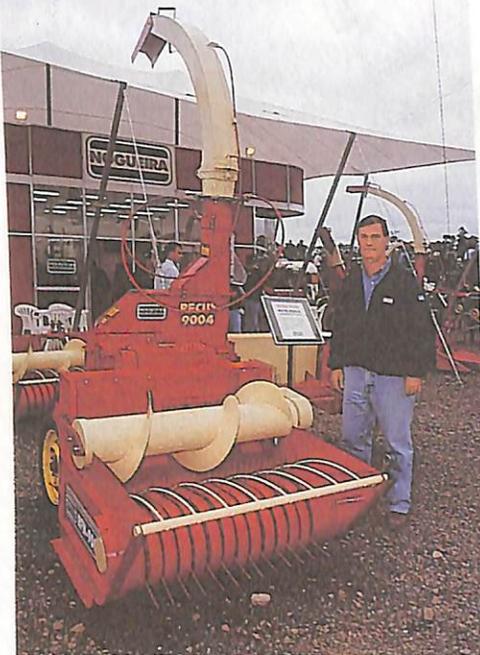


ximo ano. Com isso, a empresa espera aumentar ainda mais sua participação no mercado agropecuário. A New Holland foi a fabricante de máquinas agrícolas que mais vendeu na Expointer: R\$ 14 milhões.

AgrEvo

12 de outubro é dia
de uma grande
safra de
cumprimentos.

Homenagem
da AgrEvo ao
Dia do Engenheiro
Agrônomo,
um profissional que,
pela grande importância
de seu trabalho
no campo,
deveria ser
cumprimentado
em todos os 365
dias do ano.



Mais tecnologia — Apesar da pecuária nacional ainda andar a pas-

sos lentos, as empresas do setor de implementos estão buscando alternativas para tecnificar e tornar o campo cada vez mais eficiente. As novidades não param de surgir no mercado. Uma delas é a recolhadora de forragens Pecuária 9004, apresentada em Esteio pela Nogueira Máquinas Agrícolas S.A., de Itapira/SP. A máquina tem opções de corte entre cinco e 14mm, possui dispositivo de acionamento da bica de descarga, roda de apoio, afiador e pino de segurança. Ela tem capacidade para produzir até 20t/hora de forragem.



Novidade premiada — Além das tradicionais linhas de tratores, colheitadeiras e implementos para preparo de solo e plantio, a SLC-John Deere, de Horizontina/RS, inovou ao trazer o Pulverizador Auto-propelido 4700. O equipamento gigante — projetado para atender grandes áreas agrícolas — levantou o troféu especial Novidade do Prêmio Gerdau Melhores da Terra. “Graças ao preciso sistema de vazão controlado por radar, as aplicações podem ser feitas numa velocidade de até 29km/h. O tanque de solução comporta 2.839 litros, o que permite grande auto-



nomia nas aplicações, inclusive as realizadas à noite. Outro detalhe: o operador ajusta a bitola sem descer da máquina”, explica Gilberto Zago, gerente de marketing da SLC-John Deere. A expectativa da montadora é elevar o faturamento dos atuais US\$ 260 milhões, registrados em 97, para US\$ 300 milhões, até o final deste ano.



Destaque ouro

— A plaina hidráulica niveladora reversível Starplan 3000, da Stara S.A. Indústria de Implementos Agrícolas, da Não-Me-Toque, deverá ter suas vendas duplicadas nos próximos 12 meses.

Pelo menos essa é a expectativa da empresa depois que o equipamento recebeu o troféu Ouro na categoria Destaque do Prêmio Gerdau, segundo garan-



tiu Evandro Fülber, do departamento de marketing da Stara. Nos últimos 12 meses foram vendidas cerca de 1.000 unidades da Starplan.



Fôlego — Embalada pelo bons resultados conquistados no primeiro semestre deste ano, a Valtra do Brasil S.A., fabricante dos tratores Valmet, veio a Esteio disposta

a assegurar sua posição na ponta da pirâmide do segmento no mercado nacional. Parece que a missão foi cumprida plenamente, afinal, as vendas superaram 150 máqui-



nas, mais que o dobro do registrado em 97. “Se continuar nesse ritmo, vamos fechar o ano de 98 com um crescimento 40% superior ao registrado no período anterior”, comemora Jean Cândido, diretor de marketing da companhia.

Múltipla — A novidade da Semeato S.A., de Passo Fundo/RS, foi a SSM 23, uma máquina de uso múltiplo para diferentes culturas. Segundo Eduardo Copetti, gerente de marketing, o equipamento planta tipo de grão e possui reservatório principal para adubos e sementes.





Motos: as preferidas do sexo masculino

Mais conforto — Ao contrário da Expointer do ano passado (quando as empresas de veículos de transporte e de passeio tiveram de se espremer numa área de apenas três mil metros quadrados), neste ano sobrou espaço para as expositoras. Localizado ao lado do pavilhão dos bovinos rústicos, o Motor Show (ampliado para oito mil metros quadrados) teve uma excelente visitação nos nove dias da feira. Lá estavam as principais montadoras do Brasil, mostrando os últimos lançamentos nas linhas de transporte leves e pesados, além de veículos de passeio e motos. Em sua segunda edição, a mostra automotiva deu sinais de que de agora em diante passará a fazer parte efetiva da feira. Estiveram presentes a Ford, a General Motors, a Volkswagen, a Scânia, a Volvo, a Ásia Motors, entre outras. Além das dezenas de modelos de ca-

minhões para transporte de cargas, ônibus, picapes etc, um veículo chamou a atenção do público: o Tigma, da GM. Importado da Espanha, o Tigma chegou há dois meses no Brasil e promete conquistar os consumidores nacionais que preferem carros esportivos. Compacto, o automóvel possui motor 1.6 powertech, de 16 válvulas, com potência máxima de 100cv e velocidade que atinge a 190km/h. Como opcionais, o Tigma apresenta sistema de freio ABS e air bag para o pas-



Caminhões pesados: ganhando espaço em Esteio



Tigma, da GM: tecnologia europeia para bolsos abastados

sageiro. A quem interessar possa, seu preço no Brasil deverá oscilar entre R\$ 27 mil e R\$ 30 mil.

LAVRALE PLANT-AR

A Plantadeira Adubadeira do terceiro milênio, hoje.

Toda idéia original acaba em prêmio.

PRÊMIO GERDAU



MELHORES DA TERRA.

PLANT-AR
Ouro na cabeça.

Solicite catálogo para maiores informações.



Rua Oberdan Cavinatto, 290-Fone/Fax:(054)229.2211
95055-450 - Caxias do Sul - RS - Brasil
E-mail: lavrale@nutecnet.com.br





Troféu Prata — Pela primeira vez participando do Prêmio Gerdau a Albarus Sistemas Hidráulicos Ltda., de Cachoeirinha/RS, conquistou o troféu Prata na categoria Novidade. O produto premiado foi a válvula divisora de fluxo para semeadoras, que otimiza a operação dos sistemas de levante hidráulicos empregados atualmente. Segundo Gilberto Schneider (à esquerda), gerente de vendas, uma das maiores vantagens do aparelho é que dispensa a utilização de cilindros de diâmetros diferentes na plantadeira. A válvula divide a vazão de óleo em dois fluxos iguais, sincronizando o movimento dos cilindros de levante.



Para os pequenos — Ideal para pequenos sítios e granjas avícolas o motocultivador a gasolina CRT 51, da Husqvarna de São Paulo/SP, promete conquistar os produtores. Com potência de 5cv, duas marchas (uma à frente e uma à ré) e direção com altura ajustável, o equipamento revolve o terreno até 25cm de profundidade. A máquina pode ser utilizada também para revolver a cama de frango das granjas avícolas. Seu preço no mercado está em R\$ 1.800,00.



Grãos limpos — Para tornar os grãos de soja, milho, trigo etc, mais limpos, a Kepler Weber S.A., de Porto Alegre, está disponibilizando no mercado o Top Clean, uma máquina que permite e pré-limpeza de até 200t por hora de produtos agrícolas. Dentre as vantagens da máquina estão a retirada das impurezas graúdas, grãos quebrados e até resíduos como areia e terra.



Solução barata e eficiente — Estas duas características permitiram que a máquina para tratamento de sementes Grazmec merecesse o troféu Prata na categoria Destaque do Prêmio Gerdau. Desenvolvido pela Grazmec Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda., de Não-Me-Toque/RS, o equipamento reduz os riscos de contaminação dos operadores, além de possibilitar uma melhor uniformidade na mistura entre os produtos químicos e sementes. Para Ari Bender, do departamento de vendas, a máquina possibilita o tratamento e inoculação simultânea de sementes com alta produção, qualidade e racionalização no uso de produtos. A um preço médio de R\$ 3 mil a unidade, a empresa já comercializou cerca de 1.300 máquinas.



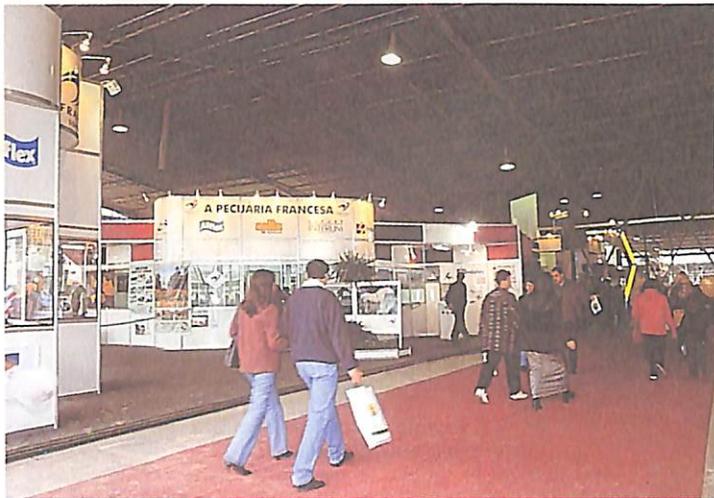
Habilidade & tecnologia de ponta — As habilidosas mãos dos técnicos da Andreas Stihl Moto-Serras Ltda., de São Leopoldo/RS, já são mais do que conhecidas nas feiras em que a empresa participa. Do trabalho hábil com a motosserra saem os mais variados trabalhos que chamam a atenção de centenas de curiosos. A empresa é líder do segmento de motosserras e roçadeiras da América Latina.



Felicidade geral — O diretor-presidente da Indústria de Implementos Agrícolas Vence-Tudo, de Ijuí/RS, Nelson Lauxen, teve bons motivos para sair satisfeito da feira. Sua empresa recebeu o troféu Prata, na categoria Novidade, do Prêmio Gerdau, com a classificadora de sementes CA-25. O equipamento é simples, de baixo custo, mas eficiente na classificação e limpeza de grãos de qualquer tamanho.



Foco ajustado — Com um estande maior, a Pirelli Pneus S.A., de Santo André/SP, saiu satisfeita com os resultados obtidos na Expointer 98. Mesmo sem divulgar números finais, o diretor da divisão de pneus agrícolas da Companhia, Robert Lunes Jr., acredita que Esteio é hoje a principal mostra institucional para produtos e máquinas agrícolas do País. Neste ano, a empresa trouxe apenas pneus agrícolas para a feira.



Estande do Reino Unido: à espera do fim do embargo

Nesta Expointer, 12 países garantiram o sucesso do Pavilhão Internacional. África do Sul, Alemanha, Argentina, Chile, Canadá, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, México, Peru e Uruguai apresentaram aos visitantes uma variada linha de produtos que vai desde aviação comercial até equipamentos para detectar prenhez em bovinos. O Chile, pela primeira vez participando da feira, trouxe sua já conhecida carta de vinhos e um pouco da tecnologia que emprega no cultivo de frutas e que o coloca entre os melhores produtores do planeta.

A participação cada vez maior dos estrangeiros, principalmente da Europa e América do Norte, tem um objetivo claro: eles querem aprofundar as rela-

ções comerciais com o Mercosul, onde o Rio Grande do Sul tem posição geográfica estratégica. Para o ministro da Agricultura, Pesca e Alimentos do Reino Unido, Elliot Morley, a importância do Brasil no cenário agrícola internacional é cada vez mais evidente. Ele esteve visitando a mostra e, também, conversou com os técnicos do Brasil para buscar uma alternativa que o País libere a importação de material genético inglês, principalmente sêmen e embriões.

Embora não tenha sido mais específico, Morley garantiu ainda que o governo britânico pretende aprimorar acordos bilaterais de cooperação com o Brasil. "Temos interesse na carne e nas frutas tropicais produzidas pelos brasileiros", acrescentou. Mas ainda não há



Elliot Morley, ministro da agricultura da Reino Unido: acordos bilaterais

nada concreto, pois boa parte das decisões passam hoje pelo crivo do parlamento europeu.

INFORMÁTICA

Cortado ao meio — Ao contrário de 1997, o segmento de informática recebeu menos atenção nesta Expointer. Começa pela área, reduzida em 50% em relação ao ano passado. O espaço caiu de 800m² para 400m². Isso sem contar no número de expositores, que encolheu de 32 para 20. Com a nova organização do parque, as empresas, que queriam ampliar o espaço da Agroinformática, tiveram que engavetar seu planos. Menos mal é que o público que percorreu o pavilhão pôde ver de perto os últimos lançamentos em automação. Dentre os mais importantes estavam os novos sistemas de gerenciamento, ordenhadeiras e balanças eletrônicas, computadores, equipamentos para monitoramento climático, entre outros. A Agrisoft, de São

Paulo/SP, trouxe o brinco Snap Tags. Fabricado em poliuretano, o produto possui gravação a laser de números logos e também com códigos de barras. Já a Planejar Farmware, da Canoas/RS, apresentou o programa Farmware Office, um pacote integrado de softwares onde estão incluídos programas de gerenciamento de rebanhos de gado de corte e leite, administração rural, orçamentos, controle e manejo de haras e lavouras de grãos.





Clon: congelador de embriões barato e eficiente



Laboratório: aulas de reprodução animal

Durante os nove dias da feira, o estande da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) literalmente se transformou num grande laboratório. Montado logo na entrada do estande, a unidade permitiu que o público pudesse observar passo-a-passo a produção de embriões *in vitro*, clonagem de animais, entre outros procedimentos científicos. A intenção da equipe de pesquisadores, comandada pelo veterinário Rodolfo Rumpf, da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (Cenargen), de Brasília/DF, era dar aos visitantes uma visão real do que acontece dentro de um laboratório, onde o público raramente tem acesso. Pena que entre os mais interessados não figuravam os estudantes de Veterinária. Os cientistas da Embrapa estão em fase final dos testes para a clonagem de bovinos no Bra-

sil. Trata-se de uma conquista histórica para a ciência animal brasileira.

Dentro do pacote tecnológico apresentado pela Embrapa estão ainda o congelador de embriões Clon e a Estação Geo—desenvolvidos pela Embrapa Instrumentação Agropecuária, de São Carlos/SP. Fabricado pela Gil Projetos Especiais, de Ribeirão Preto/SP, o Clon é um equipamento que pesa 18kg e pode ser facilmente transportado. A maior vantagem, confor-



Estação Geo: simplificando a leitura das condições do tempo

me o pesquisador Clóvis Biscegli, é que o aparelho custa menos que a metade do valor dos similares importados. O custo gira em torno de R\$ 5 mil, enquanto a média geral está na casa dos R\$ 12 mil. Quanto à Estação Geo, Biscegli destaca com principal vantagem sua fácil operação. É que os dados são transmitidos pelos sensores vão diretamente para a tela do computador e facilmente interpretados pelo produtor. O Geo é alimentado por energia solar e atualiza, de 10 e 10 segundos, todas as informações referentes a direção e velocidade do vento, temperatura, pluviometria, umidade relativa do ar e temperatura do solo, a uma distância de até três quilômetros.

PRÊMIO GERDAU

Em sua 16ª edição, o Prêmio Gerdau Melhores da Terra apresentou como slogan “A Tecnologia Vencendo em Todos os Campos”. O troféu, concedido a empresas que contribuem para o desenvolvimento tecnológico da mecanização agrícola foi destinado a sete empresas. São elas:

Categoria Destaque:

Troféu Ouro:

Stara S.A., Indústria de Implementos Agrícolas, de Não-Me-Toque/RS. Produto: plaina hidráulica niveladora reversível Starplan 3000

Troféu Prata:

Irmãos Thönnigs Cia. Ltda, de Carazinho/RS. Produto: Pulverizador autopropelido Max System.

Grazmec Indústria de Máquinas Agrícolas, de Não-Me-Toque/RS. Produto: máquina para tratamento de sementes Grazmec.

Categoria Novidade:

Troféu Ouro:

Lavrale Máquinas Agrícolas Ltda., de Caxias do Sul/RS. Produto: semeadora-adubadora Plant-ar.

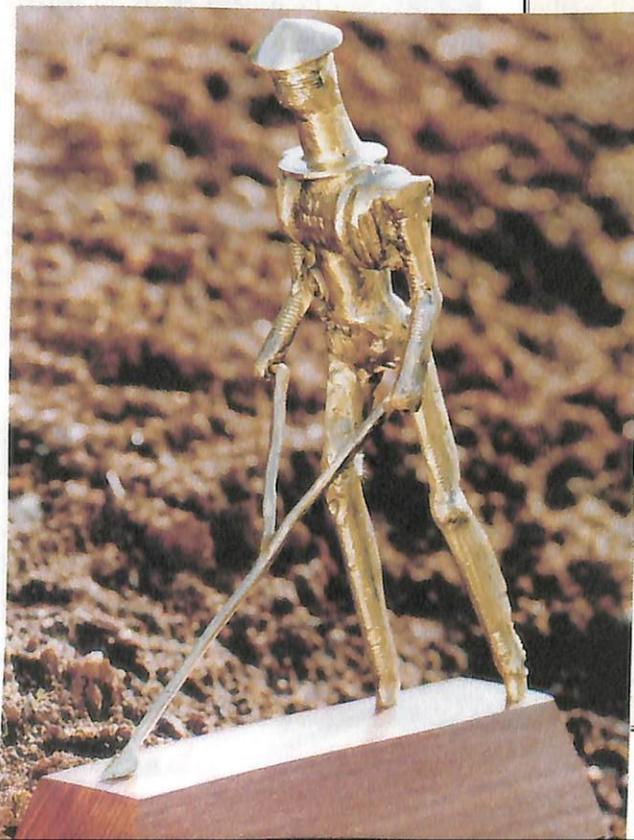
Troféu Prata:

Albarus Sistemas Hidráulicos Ltda., de Cachoeirinha/RS. Produto: válvula divisora de fluxo para semeadora.

Indústria de Implementos Agrícolas Vence Tudo, Importadora e Exportadora Ltda., de Ijuí/RS. produto: classificadora de sementes CA-25

Prêmio Especial:

SLC John-Deere S.A., de Horizontina/RS. Produto: Pulverizador Autopropelido 4700



A vitória veio no detalhe

meas, a égua Punhalada de Santa Edwiges, também pertencente a Daniel Anzanello, somou 21,069 pontos — 336 pontos a mais que Taipa de Santa Margarida, de Rodolfo Mógliã, de Bagé/RS — e levou o título de campeã.

O detalhe que definiu favoravelmente a nota dos jurados para Campana Farrapo veio na paletaada final, onde os animais formaram uma dupla. A performance do vencedor foi ligeiramente superior ao do segundo colocado. É que na hora de colocar o boi na caixa, como dizem os criadores, onde o bovino é prensado pelos cavalos, Quero-Quero acabou se afastando cerca de um metro do novilho. Ao contrário dos outros anos (quando mesmo antes da última prova o público já sabia quem seria o vencedor), neste ano as 15 mil pessoas presentes nas arquibancadas só ficaram conhecendo o campeão depois de terminada todas as etapas. Ao que tudo indica, Campana Farrapo tem tudo para se tornar um dos mais importantes animais da raça crioula que já participaram da Expointer. Há dois anos ele roubou a cena em Esteio quando foi arrematado pelo maior preço da mostra, cerca de R\$ 62 mil.

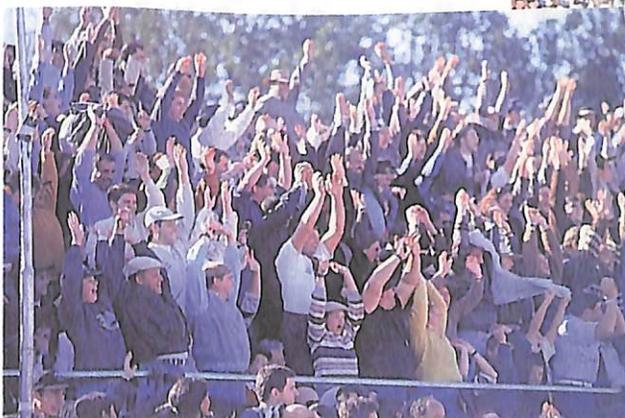
Mesmo não arrematando o título entre os machos, a família Anzanello mostrou que detém hoje um dos mais importantes criatórios de campeões da raça crioula no Brasil. O primeiro e o terceiro lugar conquistado por suas éguas na competição e o vice-campeonato para o Quero-Quero comprova a importância do trabalho realizado na Cabanha Santa Edwiges, que há 30 anos opera na seleção de animais. Quanto ao campeonato das fêmeas, os jurados são unânimes: o nível técnico das éguas que participam das provas cresce ano após ano. 



Punhalada de Santa Edwiges, campeã fêmea: domínio dos Anzanello no Freio

Tido como o mais disputado de todos os torneios da raça crioula já realizados, o Freio de Ouro 98 foi decidido nos detalhes. Foram eles que definiram a vitória do cavalo Campana Farrapo, de propriedade de Luiz Mierczynski Neto, de São Jerônimo/RS. Com apenas três pontos de vantagem sobre o segundo colocado, o ganhador Quero-Quero de Santa Edwiges, pertencente a Daniel Anzanello, de São Lourenço do Sul/RS, Campana abocanhou pela primeira vez o título de campeão do torneio. Campana Farrapo totalizou 20,535 pontos, contra 20,532 de Quero-Quero, numa prova onde a disputa foi

acirrada desde o início e na qual o vice-campeão sempre levou uma pequena vantagem até os instantes finais. Entre as fê-



Campana Farrapo na esbarrada: no final, apertada vitória por três pontos. No detalhe, a vibração do público

PLANTAS



TÓXICAS VI

Claviceps paspali é um fungo que parasita gramíneas do gênero *Paspalum*, incluindo *Paspalum dilatatum* (capim-melador), *Paspalum notatum* (capim-forquilha, grama-forquilha) e *Paspalum vaginatum* (grama-boiadeira). A intoxicação ocorre quando os animais ingerem estas gramíneas contaminadas pelo fungo, que se caracteriza por uma massa dura, de cor cinza-amarelada ou marrom. A doença ocorre, principalmente, nos meses de abril e maio, que coincide com a época de sementeação das gramíneas do gênero *Paspalum*. Podem ser afetados bovinos, bubalinos, ovinos e eqüinos. No RS, a doença ocorre principalmente em bovinos. *Paspalum* aparece como flora de sucessão principalmente em restingas de arroz de anos anteriores ou em pastagens após dois ou três anos de implantação.

Condições de ingestão — No RS, todos os anos ocorrem alguns surtos de intoxicação. Porém, a maior frequência é observada nos anos em que há registro de secas durante o outono. Isto acontece, provavelmente, em consequência da

diminuição de forragem verde, o que leva a um aumento do consumo das partes mais fibrosas da pastagem e, portanto, das sementes contaminadas das gramíneas. Podem adoecer até 50% dos bovinos, mas as taxas de mortalidade são baixas, entre 1% e 2%, geralmente.

Sinais clínicos — Basicamente, tremores musculares, que afetam principalmente os músculos do pescoço e extremidades. Os animais sempre apresentam atitude de alerta, com as orelhas eretas. Quando os bovinos são movimentados, os sintomas se agravam, e os animais caem em diversas posições. Quando o gado é juntado, os animais mais afetados ficam caídos no meio do caminho. Alguns minutos após as quedas, eles voltam a ficar em pé, apresentando tremores. Quando retirados das pastagens, ocorre uma rápida recuperação, não se observando sinais clínicos após um período de sete a 15 dias. Alguns bovinos, em função destas quedas, acabam morrendo, por afogamento ou traumatismos.

Princípio tóxico — O fungo contém

toxinas tremorgênicas, denominadas paspalinas.

Diagnóstico — É realizado pela observação dos sinais clínicos característicos da doença e pela presença do gênero *Paspalum* parasitadas pelo fungo *Claviceps*. Deve-se fazer o diagnóstico diferencial com a hipomagnesemia, na qual se observam tetania e níveis baixos de magnésio no soro sanguíneo. Na intoxicação por este fungo, os níveis séricos de cálcio, fósforo e magnésio estão dentro dos valores normais.

Profilaxia — A doença deve ser controlada por meio de medidas que evitem que os bovinos continuem ingerindo o fungo. Isso pode ser realizado mediante a roçagem dos poteiros. Os animais devem ser retirados dos poteiros contaminados e colocados em áreas isentas de *Paspalum*, se houver, no estabelecimento. A única possibilidade de profilaxia reside em diminuir a sementeação de *Paspalum* nas pastagens, mediante o pastejo ou roçagem dos poteiros nos meses de fevereiro e março.

ipacol
parceiro de sol a sol

Distribuidor de Calcário e Adubo Orgânico

- Com esteira de travessas de aço de 59 cm de largura
- Distribui secos, úmidos e pastosos



ROD. RST 470, KM 108 - CX. P. 168
FONES: (054) 441.1626, 441.2349 E 441.2317
CEP 95330 000 - VERANÓPOLIS - RS

MAX-SYSTEM PULVERIZADOR AUTOPROPELIDO

- Kits de montagem para transformação trator e pulverizador em sistema de pulverização Autopropelida.
- Maior segurança, visibilidade e conforto para o operador, proporcionados pela cabine climatizada e a colocação das barras na frente.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES CONSULTE-NOS



30 ANOS AO LADO DO AGRICULTOR

Telefax: (054) 330-2300
Carazinho - RS



ÁGUA em 2 dias com HYDRA-DRILL

Aumente seus !!! LUCROS !!!

Fazendo POÇOS de 40 a 90 metros de 4 e 6"

Decrete sua independência FINANCEIRA !

- ☑ Até 3000 litros/hora de água cristalina;
- ☑ Treinamos operadores em 2 dias;
- ☑ Vendas e assistência técnica permanentes.

Vários Modelos

FINANCIAMENTO direto para perfuradores de todo Brasil

Visite nosso SHOW ROOM



HYDRA MACHINE RECURSOS HIDRICOS

FONE/FAX: (011) 889-9000

AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4838 - CEP 01402-002 - SÃO PAULO - SP

XVI PRÊMIO GERDAU MELHORES DA TERRA. A TECNOLOGIA VENCENDO EM TODOS OS CAMPOS.



Categoria Destaque

- TROFÉU OURO - Stara S/A Indústria de Implementos Agrícolas - Não-Me-Toque - RS
Plaina Hidráulica Niveladora Reversível - PHNR 3000
- TROFÉU PRATA - Antônio Alberi de Mattos - Grazmec - Não-Me-Toque - RS
Máquina para Tratamento de Sementes Grazmec
- TROFÉU PRATA - Irmãos Thonnigs Cia. Ltda. - MAX - Carazinho - RS
Pulverizador Autopropelido Max-System

Categoria Novidade

- TROFÉU OURO - Lavrale Máquinas Agrícolas Ltda. - Caxias do Sul - RS
Plantadeira-Adubadeira PLANT-AR
- TROFÉU PRATA - Indústria de Implementos Agrícolas Vence Tudo Ltda. - Ibirubá - RS
Classificador de Sementes CA-25
- TROFÉU PRATA - Albarus Sistemas Hidráulicos Ltda. - Cachoeirinha - RS
Válvula Divisora de Fluxo para Plantadeiras
- Prêmio Especial para Equipamento Importado - SLC John Deere S/A - Horizontina - RS
Pulverizador Autopropelido 4700



BRASIL
SEM
PARAR.

SECRETARIA DE ESTADO DA
AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
DO RIO GRANDE DO SUL
EXPOINTER 98
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANIMAIS, MÁQUINAS AGRÍCOLAS
E ARTESANATO • DE 29 DE AGOSTO A 06 DE SETEMBRO • ESTREI • 43

PRÊMIO GERDAU  MELHORES DA TERRA
Há 16 Anos Incentivando a Indústria de Máquinas e Implementos Agrícolas.

GO GERDAU
NOSSO PRODUTO É AÇO. NOSSO FORTE É VOCÊ.
www.gerdau.com.br

V. decide: plantio convenci

Normalmente, após o plantio e tratos da cultura de inverno, a propriedade agrícola entra no compasso de avaliar a performance operacional do ano anterior. Conseqüentemente, deve promover estudos para enfrentar um novo período de atividades, com o início safra de verão. Os resultados levam proprietários, gerentes e funcionários a criar expectativas em torno de expansão ou redução de culturas, contratação de pessoal, compra de insumos e também de novos investimentos no setor de máquinas e implementos. Neste momento, para o proprietário ou para o gerente, chegou a hora sagrada de tomar DECISÕES. Sem dúvida, dar importância à tomada de decisões é hoje um dos baluartes da moderna administração, principalmente naquelas empresas que utilizam a filosofia da qualidade total.

Tomar decisões corretas representa, acima de tudo, lucro. Segundo o "guru" Peter F. Drucker, especialista consagrado mundialmente pelos seus trabalhos na área de recursos humanos e qualidade, "a tomada de decisão é uma tarefa do gerente". Espera-se dele uma decisão com um significativo impacto sobre toda a organização (propriedade agrícola), influenciando no seu desempenho e resultados. Pode até parecer ingênuo, mas a verdade, para Peter F. Drucker, é que "gerentes eficazes tomam decisões eficazes". E é assim, mesmo, que a coisa funciona.

A questão é tão importante que estudos realizados nos Estados Unidos sobre a preparação de profissionais pelas universidades identificaram a tomada de decisão como um dos tópicos mais relevantes. O Prêmio Nacional de Qualida-

de Malcolm Baldrige, principal programa de estímulo à qualidade de empresas americanas, entre as quais propriedades agrícolas e agroindustriais, tem como um de seus principais itens de avaliação a "tomada de decisão baseada em fatos".

No gerenciamento agrícola, constantemente o agricultor se depara com a necessidade de tomar decisões. Em alguns casos, esta decisão altera completamente o processo operacional da produção. O exemplo clássico é a escolha entre as alternativas para o preparo de solo, o que na prática muito se assemelha ao que diz Peter Drucker, pois as variáveis são muitas. Afinal, é necessário definir qual é a alternativa que melhor se adequa aos fatos da propriedade agrícola, principalmente quando a decisão é no sentido de mudar de sistema,



Fotos: A Granja

Já é hora do produtor definir qual o sistema de preparo de solo mais adequado às suas necessidades



onal, cultivo mínimo ou PD?

Afonso Peche Filho, chefe do CMAA/IAC, Jundiá/SP

do convencional para o preparo reduzido ou para o plantio direto na palha.

Neste sentido, partindo da premissa que todos os agricultores se interessam e necessitam estudar as possibilidades de mudança ou permanência no sistema de preparo do solo, devemos admitir alguns princípios e regras para uma tomada de decisão eficaz na escolha ou rejeição de um sistema estudado.

Como princípio básico para estudo, temos que admitir que as decisões não devem ser focadas só na tecnologia disponível nas máquinas e sim considerar, prioritariamente, os efeitos do sistema no solo e seus custos. Como regras, devemos admitir que as bases para a tomada de decisão estão alicerçadas em:

- a) definição do problema que está gerando a intenção de mudanças;
- b) nos efeitos do novo sistema ope-

racional sobre a organização da propriedade e no comportamento dos funcionários;

- c) nos objetivos básicos de desenvolvimento agrícola;

- d) na contratação e/ou treinamento das pessoas para ocupar posições-chaves no processo.

Muitos agricultores cometem um erro fatal na hora de decidir sobre a permanência ou mudança no sistema de preparo de solo quando não levam em consideração a situação de suas terras diante da degradação e dos processos erosivos. Se esta situação é generalizada, comprometendo a integridade das glebas, possivelmente o sistema de preparo do solo está influenciando, pois, sabidamente, todas as formas de mecanizar o solo causam distúrbios e processos erosivos, em menor ou maior inten-

sidade. Quando há erosão generalizada, possivelmente o sistema de preparo é o convencional, que normalmente impõe uma certa instabilidade estrutural na camada mobilizada, pois essa é realizada priorizando a construção de um verdadeiro leito para deposição de fertilizantes e sementes. Em muitos tipos de solo, o sistema convencional de preparo aumenta ainda mais a susceptibilidade à erosão. Com base no princípio de levar em consideração os efeitos do sistema de preparo sobre a integridade do solo, vale uma premissa importante: *se o agricultor não consegue conter a erosão com práticas conservacionistas clássicas, é hora de mudar o sistema de preparo.*

Um outro erro fatal é quando o agricultor se entusiasma pela tecnologia de outros sistemas mais modernos e adquire máquinas e insumos, esquecendo-se das condições de solo e da capacitação de seus operadores para absorver todas as exigências operacionais que essas tecnologias incorporam.

Exemplo destas situações é a frustração de alguns agricultores que experimentam sair do sistema convencional e adotar erroneamente o preparo reduzido ou o plantio direto. Possivelmente, esses agricultores foram levados pelo entusiasmo, esquecendo-se de avaliar as reais condições do solo para receber o novo sistema.

A sugestão para evitar este tipo de decepção é analisar tecnicamente os chamados fatores situacionais. Os principais são:

- a) condição estrutural do solo;
- b) espécies e estágios das plantas invasoras;
- c) grau de conhecimento do tratorista;
- d) condições financeira da empresa;
- e) estudos pertinentes e atuais;
- f) assistência técnica;
- g) agricultores que comprovadamente tiveram sucesso com o sistema em estudo.

Levando essas sugestões “ao pé da letra”, o agricultor não terá problemas em atender as exigências dos princípios básicos. O Quadro 1 propicia uma oportunidade de análise dos principais tópi-



cos elencados para avaliação dos fatores situacionais.

**— QUADRO 1 —
FATORES SITUACIONAIS
PARA AVALIAR UM SISTEMA DE
PREPARO DE SOLO**

- **Condição estrutural do solo.** Ex: sulcos de erosão, declividade, desagregação, falta de cobertura morta, baixa fertilidade etc.
- **Espécie e estágios das plantas invasoras.** Ex.: predominância de invasoras de folha estreita ou folha larga, invasora de hábito rasteiro ou herbáceo, de fácil ou difícil controle, alta ou baixa infestação etc.
- **Grau de conhecimento dos tratoristas.** Ex.: conhece ou não a técnica preconizada no novo sistema, já trabalhou com o sistema, teve ou não sucesso, conhece detalhadamente as máquinas etc.
- **Condição financeira da empresa.** Ex: tem recursos previsto para bancar a adoção do novo sistema, precisa financiamento, tem fontes de financiamento, custo operacional e de manutenção do sistema.
- **Estudos pertinentes e atuais.** Ex: identificação de manchas de solo, necessidade ou não de calagem, incidência de doenças, disponibilidade de tempo hábil etc.
- **Assistência técnica.** Ex.: condições de atendimento das vendas, existência de técnicos experientes atendendo a região etc.
- **Agricultores de sucesso.** Ex.: saber se há agricultores praticando o sistema em estudo, quais são os agricultores de sua região, o que mais impressionou na visita a esses profissionais, qual é o exemplo de convivência destes produtores etc.

Estudos mostram que os efeitos do novo sistema operacional de preparo do solo alteram profundamente a dinâmica organizacional da propriedade, promovendo sérias modificações no comportamento dos funcionários, bem como no planejamento e preparativos para a safra. Para quem planeja e trabalha com

preparo do solo, sabe que há diferenças conceituais e práticas entre preparo convencional, preparo reduzido e plantio direto. O preparo convencional é o mais tradicional sistema adotado pelas propriedades agrícolas. Praticamente todas possuem estrutura organizacional montada para atender seus requisitos, e também é praticamente impossível de se encontrar um tratorista que não saiba trabalhar com o sistema.

É denominado convencional porque preconiza uma das mais antigas técnicas da agricultura de clima temperado, que é a mobilização do solo, revolvendo suas camadas. No Brasil, convencional é sinônimo de uso de arados ou de grade aradora. À luz dos conhecimentos atuais, cada vez mais o preparo convencional é considerado ultrapassado, principalmente pelas opções técnicas para produção de grãos. No entanto, para culturas como batata, cana-de-açúcar, morango etc. o sistema convencional ainda é o mais utilizado pelos produtores, apesar da pesquisa dispor de dados técnicos suficientes para mostrar os problemas causados pela mobilização intensa do solo. O sistema de preparo reduzido mais popular no meio agrícola brasileiro é a mobilização do solo com o uso do escarificador e das grades niveladoras de discos, onde procura-se manter uma boa parte dos restos culturais (mais de 30%) na superfície do solo, para protegê-lo.

O sistema de preparo reduzido pode ser considerado como um conjunto de técnicas bem-evoluídas para as regiões tropicais. Este sistema apresenta realmente uma exigência modificadora para a estrutura organizacional, que é a aquisição de máquina semeadora ajustada

para trabalhar em condições de mobilização menos intensa e com fragmentos presentes na superfície. No sistema de preparo reduzido, a semeadora mais indicada é a de plantio direto, pois os elementos rompedores de solo cortam a palha e auxiliam enormemente o serviço para o posicionamento da semente e do fertilizante. Além de exigir a aquisição de novas máquinas, como o escarificador e uma semeadora adaptada para o trabalho, o sistema de preparo reduzido torna obrigatório um treinamento para os operadores. O plantio direto é a técnica de preparo do solo mais ajustada às condições tropicais. Indiscutivelmente, atende quase todos os requisitos para uma agricultura mais racional e duradoura, porém muda radicalmente a estrutura organizacional da propriedade no que se refere às máquinas para viabilizar tecnicamente o sistema. Necessita de manejo mecanizado da palha, da semeadura em superfície completamente tomada pela cobertura de palha e do mato.

No Quadro 2, estão expressos os efeitos do sistema de preparo na administração da empresa agrícola.

Um ponto fundamental — que muito pesa na tomada de decisão — é a condição técnica profissional exigida para os operadores de máquinas e ajudantes. É que, no momento da operação, toda tecnologia do sistema adotado estará nas mãos destes funcionários, e erros no preparo são fatais, muitas vezes irreparáveis e com alto custo. Há de se pensar no “perfil ideal do operador”, quanto custa a atingi-lo. Tomar decisões eficazes, principalmente na hora do preparo do solo não é difícil, mas uma questão de postura profissional. 

**— QUADRO 2 —
MATRIZ REFERENCIAL SOBRE EFEITOS DOS SISTEMAS DE PREPARO NA
ADMINISTRAÇÃO DA EMPRESA AGRÍCOLA**

Sistema de preparo do solo	Efeitos administrativos			
	Ações gerenciais	Investimentos	Custos	Recursos humanos
Convencional: - Arado + niveladora - Gradeadora + niveladora	- Alto risco de erosão - Risco de compactação - Uso intenso de máquinas - Totalmente dependente do clima - Baixo risco de insucesso operacional	- Inicialmente baixo, mas constantemente alto ao longo do tempo - Manutenção em maior número de máquinas	- Operacional alto - Manutenção alta	- Alta disponibilidade de operadores no mercado - Necessidade de treinamento - Maior risco de acidentes no trabalho
Reduzido: Escarificador + niveladoras	- Médio risco de erosão - Baixo risco de compactação - Relativa redução no uso de máquinas - Dependente do clima - Moderado risco de insucesso operacional	- Inicialmente baixo, mas constantemente alto ao longo do tempo - Manutenção em menor número de máquinas - Alto consumo de combustível	- Operacional médio - Manutenção baixa	- Média disponibilidade de operadores no mercado - Alta necessidade de treinamento - Médio risco de acidentes no trabalho
Direto: Plantio na palha	- Baixo risco de erosão - Risco de compactação - Alta redução no uso de máquinas - Medianamente dependente do clima - Apresenta risco de insucesso operacional devido ao desconhecimento pelo operador	- Inicialmente baixo e cessa ao longo tempo - Manutenção em reduzido número de máquinas - Baixo consumo de combustível	- Operacional baixo - Manutenção baixa	- Baixa disponibilidade de operadores no mercado - Alta necessidade de treinamento - Baixo risco de acidente no trabalho

UM SONHO DE CRIANÇA QUE VIROU REALIDADE.



12 de outubro. Dia do Engenheiro Agrônomo.

*Homenagem da Manah a você que através do trabalho
e da pesquisa, leva ao campo soluções técnicas e científicas
para garantir o alimento das gerações futuras.*

com
MANAH
adubando dá!



visite nossa home page: www.manah.com

Aruana se dá bem com os ovinos

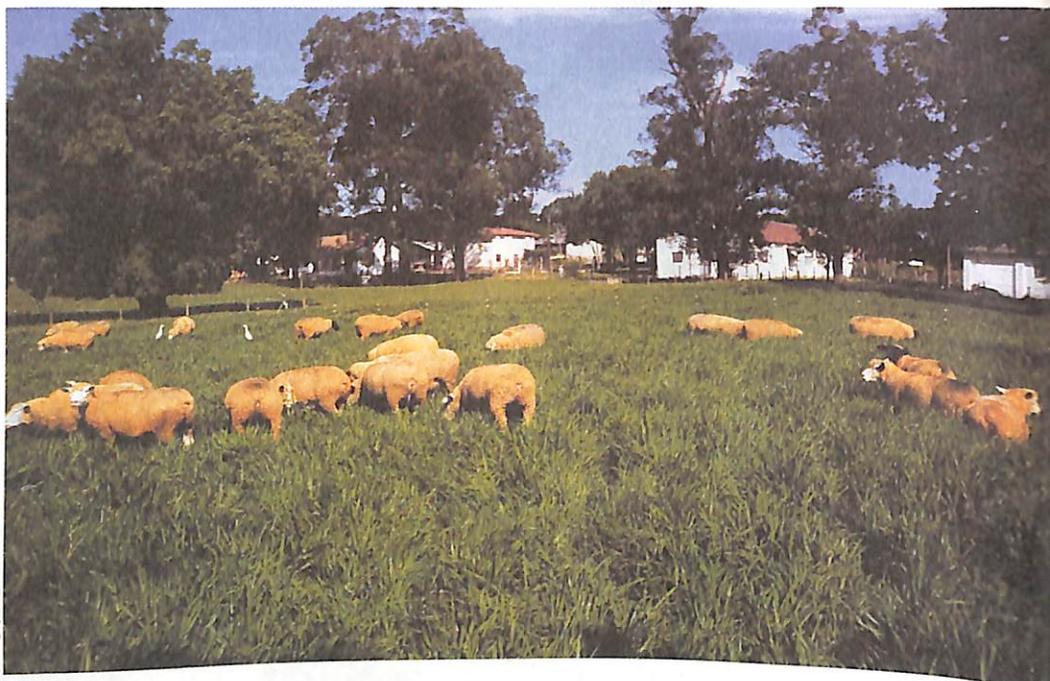
Luiz Eduardo dos Santos / Eduardo Antônio da Cunha / Mauro Sartori
Bueno / Domingos Sanchez Roda
Pesquisadores do Instituto de Zootecnia (IZ) / Nova Odessa/SP

A ovinocultura vem apresentando um acentuado crescimento no estado de São Paulo. Nos últimos anos, tem se verificado não só um aumento no efetivo dos rebanhos, mas também no número de propriedades envolvidas nessa atividade. A principal causa disso é o aumento na demanda de carne ovina, mais especificamente da carne de cordeiro, verificada nos centros de maior consumo, como a região da Grande São Paulo e ainda em cidades de maior porte do interior, como Campinas, Ribeirão Preto, Sorocaba, Bauru e São José do Rio Preto.

Estes mercados vêm sendo atendidos, na sua maior parte, por produtos provenientes do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. São carcaças de cordeiros puros ou mestiços de raças produtoras de lã, tais como corriedale, ideal e merino. Ou, ainda, de produtos provenientes dos estados nordestinos, sendo, neste caso, de animais com predomínio de sangue de raças deslanadas, como santa inês e morada nova.

Tanto num caso como no outro, a qualidade das carcaças comercializadas nem sempre é a ideal, em termos de características desejadas pelo mercado consumidor, que valoriza a carcaça de animais jovens, abatidos com idade inferior a 150 dias e peso vivo entre 28 a 32kg. Essas têm que apresentar uma proporção significativamente maior do corte traseiro em relação ao dianteiro e costilhar, além de mostrar uma boa distribuição de gordura de cobertura, que, sem ser excessiva, deve envolver boa parte da carcaça, protegendo-a contra a perda acentuada de umidade. A gordura entremeada na carne, em níveis moderados, também é necessária, para garantir a maciez e o seu sabor característico.

Normalmente, a carne ofertada no mercado, tanto a originária do Sul como a do Nordeste, pela própria característica genética das matrizes utilizadas e ainda pelos sistemas de criação adotados, normalmente não atendem a essas exigências. Em geral, são carcaças imaturas, provenientes de animais de baixo peso. Ou, então, quando em cortes mai-



Divulgação/IZ-SP

ores, provenientes de animais mais velhos, resultando em carcaças com excesso de gordura, tanto de cobertura como entremeada nos tecidos, e carne com menor maciez.

Esta carne, apesar de não ter a qualidade desejável, encontra boa demanda e, em função da limitação da oferta, ainda alcança preços compensadores. Todavia, em função da distância entre as regiões produtoras e o local de consumo e por tratar-se de transporte em condições especiais (sob refrigeração), o custo é relativamente alto.

Já a carne produzida em São Paulo ou em estados vizinhos, como Paraná e Minas Gerais, seja em função da proximidade do mercado consumidor, seja em função de fatores ambientais bastante favoráveis à produção ovina, em especial para as raças de corte, pode apresentar qualidade superior a um custo bem menor. Para isso, concorrem a maior precocidade e produtividade obtidas com as raças específicas para corte — tais como ile de france e suffolk, já bastante difundidas, bem como a poll dorset, de introdução mais recente — e as situações de pastagens mais produtivas e com mane-

jo mais intensivo, que possibilitam a utilização de lotações sensivelmente mais elevadas que aquelas observadas no Sul ou no Nordeste.

O sistema de produção que melhor resultado vem apresentando em nosso meio prevê a manutenção das matrizes a pasto até o momento da parição, quando mãe e crias são confinadas em instalações simples, com piso em chão batido forrado com cama (bagaço de cana, serragem ou maravalhas). A alimentação básica consiste em volumoso (silagem ou capim picado) de boa qualidade, fornecido à vontade, e concentrado em qualidade e quantidade determinadas pelo valor nutritivo do volumoso e da exigência nutricional dos animais (dependente do peso vivo da matriz e do número e idade das crias). O período de aleitamento varia de 45 a 90 dias, dependendo da raça, nível alimentar, potencial genético das matrizes e situação de mercado. Após o desmame, as matrizes voltam ao pasto, enquanto as crias, em esquema de acabamento, recebem alimentação reforçada, para abate aos 100 a 120 dias de idade, com peso vivo médio de 28 a 32kg. As crias retidas para reposição no plan-

tel permanecem em confinamento até os 5/6 meses, quando, então, começam a ter acesso gradativo ao pasto.

O sucesso no empreendimento exige que se trabalhe com uma eficiência reprodutiva alta em termos de fertilidade, prolificidade e pequeno intervalo entre partos, garantindo um elevado número de crias para abate. É preciso utilizar matrizes e, principalmente, reprodutores de elevado potencial zootécnico, de maneira a se ter crias precoces e com altos níveis de ganho de peso. Outros quesitos fundamentais: obter altas taxas de lotação nas pastagens, possibilitando o trabalho com o maior número possível de matrizes, e utilizar forrageiras de alto valor nutritivo e que atendem adequadamente às exigências nutricionais das matrizes, mesmo em gestação.

Normalmente, as forrageiras mais indicadas para ovinos são aquelas de hábito estolonífero (prostrado), tais como coast-cross, tiftons e estrelas (gênero *Cynodon*); pangola (gênero *Digitaria*); e pensacola (gênero *Paspalum*). Estas gramíneas atendem relativamente bem às exigências dos ovinos e seus hábitos de pastejo peculiares, tais como: resistência à seleção intensa e ao pastejo rente ao solo; porte médio a baixo, inferior a 1,0 metro; enraizamento intenso e profundo; boa produtividade; e valor nutritivo, incluindo-se aí a boa concentração em nutriente, alta digestibilidade e, principalmente, alta aceitabilidade pelos animais.

Estas forrageiras revelam, no entanto, dois aspectos negativos: a maioria é propagada por mudas, o que dificulta e encarece a formação de áreas maiores de pastagens; e formam uma massa vegetal fechada que, mesmo quando rebaixada,

impede a penetração da radiação solar e mantém um microclima favorável às larvas dos helmintos. Este último aspecto torna extremamente difícil o controle da verminose, principal problema sanitário para os ovinos, sendo essa dificuldade tanto maior quanto maior for a lotação das pastagens, podendo chegar à inviabilização da atividade.

Outras espécies forrageiras normalmente implantadas em pastagens para bovinos têm utilização dificultada para ovinos: ou apresentam porte excessivo, fazendo com que os animais pastem só nas beiradas, resultando em superpastejo nessa área e subpastejo nas áreas internas do pasto; ou por não tolerarem o pastejo baixo e pisoteio intensivo promovido pelo ovino. Neste grupo, estão incluídas a maioria das gramíneas dos gêneros *Panicum* (colonião), *Chloris* (rhodes) e *Setaria*, que ainda tem o agravante da baixa aceitabilidade. As gramíneas do gênero *Brachiaria*, apesar da vantagem de propagação por semente, apresentam problemas de baixo valor nutritivo, hábito de crescimento prostrado, dificultando o controle da verminose, sendo ainda esses aspectos agravados pela maior possibilidade de ocorrência de fotossensibilização.

Dentro desse quadro, temos o capim-aruana (*Panicum maximum* cv. IZ-5) que vem sendo utilizado na Unidade de Ovinos do Instituto de Zootecnia (IZ) em Nova Odessa/SP, há mais de cinco anos, em pastejo rotacionado com ovinos.

O aruana é um cultivar de colonião introduzido no IZ em 1974, através de sementes provenientes da África, sendo selecionado pelos técnicos da então Seção de Agronomia de Plantas Forragei-

ras. O lançamento comercial ocorreu em 1995.

Durante o período em que o aruana está em uso na Unidade de Ovinos, mostrou-se relativamente tolerante a geadas e aos ataques de cigarrinha. O acompanhamento da produtividade mostrou bons resultados: foram obtidos valores médios da ordem de 18 a 21t/de matéria seca/ha/ano. A boa qualidade da forragem foi atestada pelo excelente desempenho obtido com fêmeas ile de france e suffolk, em gestação ou em crescimento.

A área de pastagem é subdividida em cinco piquetes, possibilitando um manejo rotacionado no qual cada pasto é utilizado por um período de nove a no máximo 15 dias, tendo um período de repouso de 40 a 60 dias, dependendo da disponibilidade de forragem e da situação do "stand" da forrageira no piquete após cada ciclo de pastejo. No "verão" (período das chuvas), cada piquete é subdividido com auxílio de cerca eletrificada móvel, sendo movimentada em faixas, liberando-se um terço da pastagem a cada período de três a cinco dias.

A elevada produtividade e o alto valor nutritivo do aruana é dependente de uma adequada reposição de nutrientes no solo, que é feita anualmente, através da fertilização química com N, P, K e Ca, com base em análise de solo e, eventualmente, da forragem. A necessidade média de reposição tem sido de 50kg/ha de fósforo e 30kg/ha de potássio. A correção da acidez do solo foi feita uma única vez (três anos após a formação da pastagem), com a distribuição de 1000kg/ha de calcário, em área onde foi introduzida leguminosa (soja perene). A reposição de P, K e Ca foi feita a lanço, normalmente no início do período das águas. A adubação nitrogenada correspondeu a 150kg/ha de N, tendo sido utilizado o nitrocálcio como veículo. Dessa quantia, 100kg/ha foram distribuídos a lanço no final do período das águas e os demais 50kg/ha junto com o restante da adubação (início do período das águas subsequente).

Em razão destes aspectos, tem sido possível viabilizar altas lotações na pastagem, da ordem de 35 cabeças/ha/ano, contra uma média de 12 a 20 cabeças/ha/ano, obtida pelos criadores com outras forrageiras, e ainda assim necessitar somente de cinco a seis aplicações/ano de anti-helmínticos, contra 10 a 12 usualmente utilizadas pelos pecuaristas.

Dessa maneira, o capim-aruana mostra-se como uma excelente alternativa, senão a ideal, para pastejo com ovinos, desde que em condições adequadas de manejo, solo e clima. 

As características do aruana

** PORTE médio (adequado ao ovino), atingindo aproximadamente 80cm de altura.

** GRANDE capacidade e rapidez de perfilhamento, com um bom número de gemas basais rebrotando após cada ciclo de pastejo.

** BOA capacidade de ocupação da área de pasto, não deixando locais a descoberto, evitando o praguejamento e auxiliando no controle da erosão.

** PROPAGAÇÃO por sementes (formação mais fácil, rápida e de menor custo).

** BOA produção de sementes, garantindo o restabelecimento rápido da pastagem em caso de necessidade de recuperação (após eventuais "acidentes", como

queima, geadas, pragas ou degradação por falha de manejo).

** BOA tolerância ao pastejo baixo (rente ao solo) promovido pelo ovino, o que possibilita a adoção dessa técnica de manejo como parte da estratégia no controle de helmintos parasitas (favorecendo a exposição de larvas às intempéries climáticas).

** ARQUITETURA foliar ereta e aberta, típica das forragens cespitosas (em touceiras), propiciando uma maior incidência de radiação solar e maior ventilação dentro do perfil da pastagem. Isso força a migração das larvas para a base do capim logo nas primeiras horas da manhã, após a secagem do orvalho, favorecendo o controle da verminose.

** ALTA produtividade de forragem, com 35 a 40% da produção anual ocorrendo no "inverno" (período seco do ano).

** EXCELENTE aceitabilidade pelos animais.



O Caixa Eletrônico da Mercedes

Nova Linha de **Caminhões Leves** Mercedes-Benz

712 C e 914 C. Pense neles como verdadeiros caixas eletrônicos a seu dispor 24 horas por dia de longa vida útil e baixa manutenção. Cabina avançada e maior capacidade de carga com toda a segurança nas 4 rodas totalmente pneumático – exclusividade Mercedes-Benz. Mais segurança, dirigibilidade

<http://www.mercedes-benz.com.br> Alguns itens apresentados podem ser opcionais. Este veículo está em conformidade com o PROCONVE



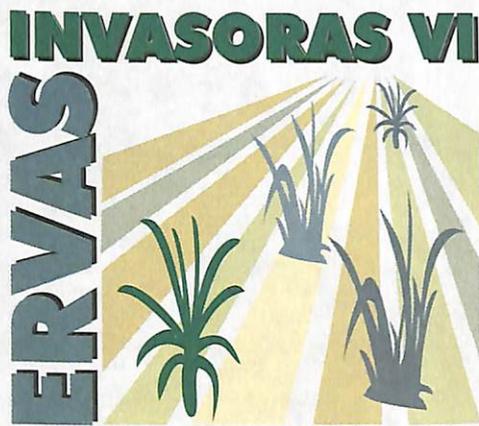
dia. Atendendo você em tudo o que precisa: motor eletrônico de alta performance, agilidade e facilidade em manobras que você quer no trânsito urbano. Freio a disco, direção e visibilidade. Tudo isso para você ter o que mais precisa: alta rentabilidade.

Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores.



Mercedes-Benz

ERVAS INVASORAS VI



O timbete gruda no algodoeiro

Texto e fotos adaptados de "Plantas Infestantes e Nocivas", Tomo I, de Kurt G. Kissmann, edição BASF

Espécie originária da América tropical, o *Cenchrus echinatus* L. pode ser encontrado do sul dos Estados Unidos até a Argentina. Esta gramínea espinhenta — também conhecida nos meios científicos como *Cenchrus brevisetus* Fourn e *Cenchrus pungens* H.B.K. — igualmente vegeta no sudeste asiático e na costa oeste da África. No Brasil, é amplamente disseminada, embora pouco freqüente no Rio Grande do Sul. O gênero *Cenchrus*, aliás, é constituído por 23 espécies, espalhadas por regiões tropicais e subtropicais no mundo todo. Estudos realizados pelo pesquisador Tarciso S. Filgueiras, e publicado na Acta Amazônica em 1984, revelam que outras quatro espécies apresentam invólucros com espinhos e podem ser consideradas daninhas em nosso País: *C. brownii* Roem & Schult, *C. myosuroides* H.B.K., *C. pauciflorus* Benth e *C. tribuloides* L. Recentemente, por outro lado, as espécies *C. ciliaris* L e *C. setigerus* Vahl foram introduzidas no Nordeste com grande potencial forrageiro para o gado. Estas plantas, é claro, não apresentam invólucros com espinhos, o que facilita seu consumo pelos animais.

Entre os agricultores, estas invasoras — que medem entre 25 e 60cm de altura — recebem várias denominações, conforme a região onde são encontradas: timbete, capim-timbete, capim-carrapicho, capim-amoroso, capim-roseta e espinho-de-roseta. O *Cenchrus echinatus* L concorre com vários cultivos comerciais, mas é no algodão onde seus estragos são mais visíveis, pois suas frutificações espinhentas se prendem nos capulhos e levam a uma desvalorização comercial do produto colhido. Qualquer tarefa a ser realizada numa cultura tomada por timbete, aliás, torna-se penosa, pois os espinhos ferem os trabalhadores.

São plantas anuais, reproduzidas por sementes. Alastram-se por enraizamento dos colmos, nos nós em contato com o solo. Aceitam todos os ti-

pos de solo, sendo que as plantas sobrevivem mesmo em locais altamente arenosos, como os da região litorânea. Adaptam-se tanto a condições de seca como de alta umidade. Em regiões secas, o crescimento é limitado e o ciclo é curto. Já em locais úmidos, o ciclo se alonga, com florescimento e frutificação durante longos períodos. Com enraizamentos progressivos, as plantas chegam a ser semiperenes, quando as condições ambientais assim o permitem. Plantas estabelecidas no período de novembro a janeiro, no estado de São Paulo, iniciam o florescimento já a partir do segundo mês, dispersando fascículos durante 120 dias e tendo um ciclo total de 210 dias. Plantas estabelecidas em outras épocas do ano têm períodos menores de frutificação e se mostram menos agressivas como inva-

soras. Para um controle racional, principalmente em grandes lavouras, o produtor deve utilizar os herbicidas disponíveis no mercado, depois, é claro, de consultar um agrônomo. Os princípios ativos que melhor fazem este trabalho na cultura do algodão são: MSMA, fluzitop-butil, oxyfluorfen, paraquat + diuron, setoxydin, trifluralina, pendimentalin, propaquizafop e alaclor. ☒

No oriente, ela salvou uma cidade

Conta a História que um certo imperador de Delhi, na Índia, avançava com suas tropas para atacar a cidade de Bikaner, quando um invólucro ou carrapicho de *Cenchrus biflorus* Roxb penetrou no seu braço. Ele tentou arrancá-lo com os dedos e, depois, com os dentes, mas sofreu muita dor. Informado de que aquela região era toda infestada por esta espécie de planta, desistiu do ataque.



Cenchrus echinatus L.



Plântula



Lígula

STARPLAN 3000



A STARA apresenta a grande vencedora do Prêmio Gerdau Melhores da Terra

Agora acabou o pesadelo de andar nas estradas Brasileiras, chegou a Patrolinha do Produtor

- Construção e conservação de estradas
- Construção de canais escoadouros
- Desmanche de terraços
- Construção de terraços
- Nivelamento do solo



Iniciando a conservação da estrada



Estrada pronta após a utilização da Starplan 3000

Custo 26 vezes menor que uma motoniveladora

Opcional
roda de
ferro



Desmanche de terraços

Disque STARA

(054) 332-1822

Serviço de Atendimento ao Cliente

stara

STARA S.A. INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS
Av. Stara, 519 - Caixa Postal 53 - NÃO-ME-TOQUE/RS
TELEFONE/FAX: (054) 332-1822 - CEP 99470-000
E-MAIL: stara@stara.com.br
Home Page: <http://www.stara.com.br>

PÊSSEGO & SORGO

As doenças e pragas variam com o clima

Texto: Jota Martins
Pesquisa: Priscila Castro

No Brasil, a produção de pêsego (*Prunus persica*) está concentrada na região Centro-Sul. Segundo estimativas, o Rio Grande do Sul participa com 80 mil toneladas anuais, enquanto São Paulo aparece com 28 mil e Santa Catarina com 25 mil, de uma safra nacional superior a 135 mil toneladas. Conforme o Boletim Técnico 80 da Epagri, de Santa Catarina, a demanda por esta fruta é crescente, prevendo-se que a produção brasileira se eleve a 160 mil toneladas no ano 2005, o que faria o consumo per capita pular dos atuais 0,50kg/ano para 1kg/ano. Mesmo assim, considerando as mesmas previsões, o Brasil teria de importar pelo menos 24 mil toneladas naquele ano, para atender a demanda. “A produtividade dos pomares gaúchos é estimada entre 6/7 toneladas/ano (para pêsego em conserva), mas os bons cultivos produzem, em média, de 15 a 16 toneladas/ha. Os melhores chegam a até 30 toneladas. Já o pêsego de mesa fica na base das 14 toneladas/ha”, informa Maria do Carmo Raseira, pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, de Pelotas/RS.

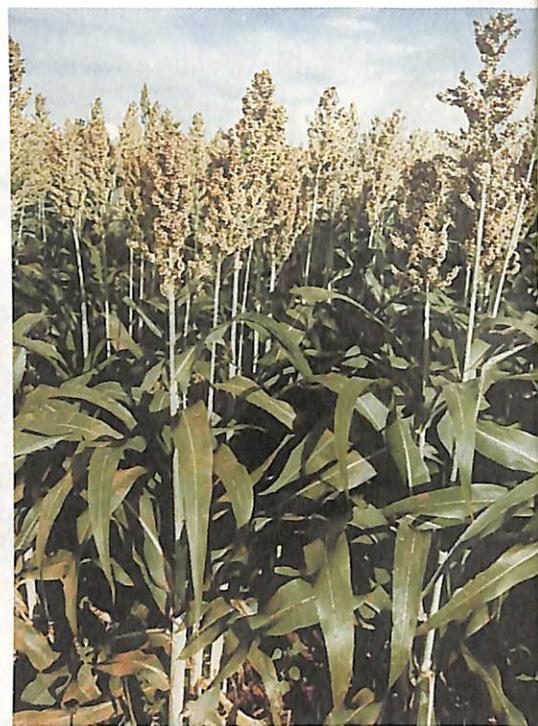
Para que esta “alavancagem” se traduza, realmente, em frutos produzidos dentro do melhor padrão de qualidade, um dos fatores que mais contam é a sanidade. Tal como em outras culturas, o ataque e a severidade das doenças e pragas variam conforme as condições do clima, cultivar implantado, tipo de solo, tratamentos culturais, estado nutricional etc. No cultivo de pêsego, por exemplo, a chuva e



Fotos: A Granja

a alta umidade favorecem a ocorrência de enfermidades conhecidas como podridão-parda, antracnose, bacteriose, sarna, ferrugem, tafrina-crespeira-verdadeira, entre outras de menor importância. Dentre as pragas, destaque para a mariposa-oriental, mosca-das-frutas, cochonilha-branca e o pulgão, estes dois últimos de ocorrência mais esporádica. Para eliminar, mecanicamente, estes focos de infestação de insetos, é preciso retirar todos os frutos “temporões”; eliminar os caídos ou refugados no pomar; retirar, da vizinhança do pomar, sempre que possível, outros frutos atacados pela mosca. O fruticultor deve aproveitar o mês de outubro para colocar as armadilhas que controlem a mosca-das-frutas. Com relação às ervas daninhas — cuja relação de infestantes é imensa —, a pesquisa recomenda manter limpa a área de projeção da copa do pessegueiro (mais ou menos 1,5m para cada lado, nas plantas adultas).

A conquista do cerrado — O cultivo de sorgo (*Sorghum bicolor*), diferentemente do pêsego, vem se expandindo do sul para o centro do País. Sua importância para o agrícu-



siness pode ser medida pelo fato de existir até um centro de pesquisa dedicado ao estudo desta gramínea: Embrapa Milho e Sorgo, com sede em Sete Lagoas/MG. Pelos últimos dados disponíveis no Centro, já são 434.477ha de sorgo grânifero e 195.761ha do forrageiro. Os estados que mais investem neste “parente do milho” são: Goiás, 152.687ha; Mato Grosso, 69.966ha; São Paulo, 67.126ha; e Mato Grosso do Sul, 46.456ha. A produção alcança um milhão de toneladas, com produtividade média na casa dos 2.300kg/ha. A planta é atacada por doenças como antracnose, ferrugem, podridão-seca-dos-colmos, rizoctoniose, fusariose e podridão-das-sementes; e por insetos como mosca-do-sorgo e lagarta-do-cartucho, pra citar os mais importantes. O sorgo grânifero é plantado em regime de safrinha, logo após a cultura da soja, o que limita o uso de herbicidas.

Para um combate químico eficaz e seguro, o produtor não pode abrir mão de consultar um agrônomo. Ele é o único profissional gabaritado, técnica e legalmente, a emitir o receituário agrônomico, documento imprescindível para mexer com defensivos agrícolas.

CLASSIFICAÇÃO TOXICOLÓGICA

- | | |
|-----|----------------------|
| I | Extremamente tóxicos |
| II | Altamente tóxicos |
| III | Medianamente tóxicos |
| IV | Pouco tóxicos |

PÊSSEGO				
HERBICIDAS				
AgrEvo				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Finale	Glifosinato de amônio	III	Capim-marmelada (de 10 a 30cm), capim-colchão (de 5 a 20cm), picão-preto e guanxuma (de 5 a 20cm), caruru e picão-branco (de 5 a 30cm)	2,0 l/ha de Finale mais 0,7 l/ha (0,2%) de Hoefix, aplicado em pós-emergência das ervas
Monsanto				
Roundup WG	Glifosate	IV	Anuais - folha estreita: cevadilha capim-colchão capim-pé-de-galinha, capim-carrapicho capim-marmelada	0,5kg/ha 0,75 a 1,0kg/ha 1,0kg/ha 0,5kg/ha
			Anuais - folha larga: Carrapicho-rasteiro picão-preto buva fazendeiro falsa-guanxuma quebra-pedra serralha trevo caruru poaia-branca Perenes - folha estreita capim-braquiária capim-amargoso, capim-colônião, papuã grama-bataiais capim-da-guiné grama-seda Perenes - folha larga mata-pasto guanxuma erva-lanceta	1,0kg/ha 0,75kg/ha 0,5 a 1,5kg/ha 0,5kg/ha 1,0kg/ha 0,5kg/ha 1,0kg/ha 2,5kg/ha 1,0kg/ha 2,5kg/ha 2,5kg/ha 1,5kg/ha 2,5kg/ha 1,0kg/ha 2,5 a 3,5kg/ha 0,75kg/ha 1,0 a 1,5kg/ha 1,5kg/ha
Roundup	Glifosate	IV	Capim-marmelada aveia cevadilha capim-rabo-de-raposa capim-carrapicho capim-colchão capim-favorito capim-pé-de-galinha azevém capim-arroz cominho papuã junquinho capim-amargoso capim-colônião grama-comprida capim-braquiária capim-de-botão capim-gordura capim-gengibre capim-canoão capim-rabo-de-burro capim-membeca grama-seda tiririca capim-jaraguá capim-cainã grama-bataiais grama-touceira capim-da-roça capim-quicuío capim-massambará pensacola grama-missionária barba-de-prata rouching taboca apaga-fogo mata-pasto maria-mole erva-lanceta língua-de-vaca guanxuma gurindiba fedegoso tanchagem agriãozinho	0,5 a 1,0 l/ha 1,0 l/ha 1,0 l/ha 1,5 a 2,0 l/ha 1,5 l/ha 1,5 a 2,0 l/ha 2,0 l/ha 2,0 a 3,0 l/ha 4,0 l/ha 5,0 l/ha 1,0 l/ha 1,5 a 3,0 l/ha 1,5 a 4,0 l/ha 1,5 a 5,0 l/ha 2,0 l/ha 2,5 a 4,0 l/ha 3,0 l/ha 3,0 a 4,0 l/ha 3,0 a 4,0 l/ha 3,5 l/ha 4,0 l/ha 4,0 l/ha 4,0 l/ha 4,0 a 5,0 l/ha 4,0 l/ha 4,0 l/ha 4,0 a 5,0 l/ha 4,0 l/ha 4,0 l/ha 4,0 a 5,0 l/ha 4,0 l/ha 4,5 l/ha 5,0 l/ha 6,0 l/ha 6,0 l/ha 12,0 l/ha 1,0 l/ha 1,5 l/ha 2,0 a 3,0 l/ha 2,0 l/ha 3,0 l/ha 3,0 l/ha 4,0 l/ha 5,0 l/ha 5,0 l/ha 5,0 l/ha

Nortox				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Glifosato Nortox	Glifosato	IV	Monocotiledôneas: arroz-vermelho, aveia, capim-amargoso, capim-angola, capim-arroz, capim-braquiária, capim-carrapicho, capim-cebola, capim-colchão, capim-colônião, capim-coqueirinho, capim-favorito, capim-forquilha, capim-gordura, capim-jaraguá, capim-marmelada, capim-massambará, capim-milhã-do-brejo, capim-mimoso, capim-elefante, capim-oferecido, capim-pangola, capim-pé-de-galinha, capim-quicuío, capim-rabo-de-burro, capim-da-roça, grama-bataiais, grama-seda, grama-touceira, milho, sapé, soqueira-de-cana, tanner-grass, tiririca, manubre Dicotiledôneas: amendoim-bravo, beldroega, buva, caruru, caruru-mancha, carrapichinho, carrapicho-de-carneiro, corriola, corda-de-viola, erva-quente, erva-de-santa-maria, erva-andorinha, falsa-serralha, guanxuma, guanxuma-branca, joá-de-capote, jurubeba, maria-preta, maria-mole, mentrasto, mentruz, mostarda, nabiça, pega-pega, picão-preto, poaia-branca, poaia-do-campo, quebra-pedra, quebra-pedra-rasteiro, rubim, serralha Outros: samambaia	A dose varia de 1,0 a 6,0 l/ha, dependendo da espécie de erva daninha e de seu estágio de desenvolvimento. As doses menores são indicadas para plantas no estágio inicial da atividade vegetativa, e as máximas para as ervas perenizadas
			Sanachem	
Gliz 480 SAqC	Glifosato	II	Ervas daninhas perenes: *folhas largas erva-lanceta guanxuma losna carqueja, vassourinha *folhas estreitas capim-canoão, capim-gengibre capim-amargoso, capim-colônião, capim-jaraguá, capim-quicuío, capim-massambará, capim-oferecido, capim-pangola, capim-rabo-de-burro, grama-bataiais, sapé, tiririca capim-angola-fino, capim-napiér, grama-missionária, grama-seda, tanner-grass Ervas daninhas anuais: *folhas largas picão-branco, fazendeiro, picão-preto beldroega, carrapicho-de-carneiro, caruru buva, falsa-serralha, mentruz, nabiça, nabo-bravo carrapicho-rasteiro, losna-branca, maria-mole, quebra-pedra, tanchagem erva-de-santa-maria, mostarda, serralha erva-de-santa-luzia, poaia-branca amendoim-bravo, corda-de-viola *folhas estreitas capim-marmelada capim-carrapicho, capim-colchão, capim-favorito capim-pé-de-galinha, capim-mimoso capim-gordura	2,0 a 3,0 l/ha 3,0 a 4,0 l/ha 3,0 a 4,0 l/ha 5,0 a 6,0 l/ha 3,0 a 4,0 l/ha 4,0 a 5,0 l/ha 5,0 a 6,0 l/ha 1,0 l/ha 1,5 l/ha 2,0 l/ha 2,5 l/ha 3,0 l/ha 4,0 l/ha 5,0 l/ha 1,0 l/ha 1,5 l/ha 2,0 l/ha 3,0 l/ha 3,0 l/ha

Zeneca				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Reglone	Diquat	II	Carrapicho-rasteiro, amendoim-bravo, corda-de-violão, cordão-de-frade, mastruço, guanxuma	1,5 a 3,0 l/ha
Gramoxone 200	Paraquat	I	Mentrassto, caruru, breido, capim-gigante, picão-preto, capim-marmelada, fedegoso, capim-carrapicho, timbete, trapoeraba, capim-colchão, capim-arroz, angolinha, capim-pé-de-galinha, leiteiro, amendoim-bravo, picão-branco, fazendeiro, azevém, arroz-vermelho, arroz-preto, beidroega, poaia-branca, capim-rabo-de-gato, joá, serralha	1,5 a 3,0 l/ha

INSETICIDAS/ACARICIDAS

AgrEvo				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Decis 25 CE	Deltametrina	III	Mosca-das-frutas, mariposa-oriental	40ml/100 l de água
Agripec				
Folisuper 600 BR	Paration-metilico	I	Pulgão, mariposa-oriental, mosca-das-frutas, pulgão-lanigero, besouro	70 a 100ml/100 l de água
Agriatoato 400	Dimetoato	I	Mosca-das-frutas	250ml/100 l de água

Basf				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Kumulus	Enxofre	IV	Ácaro-do-prateado	300 a 600g/100 l de água

Bayer				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Dipterex 500	Triclorfon	II	Broca-dos-ponteiros, mariposa-oriental, mosca-das-frutas	0,3 l/100 l de água
Lebaycid 500	Fention	II	Mosca-das-frutas, pulgão-verde, pulgão-do-pessegueiro, pulgão-negro, mariposa-oriental, besouro-de-limeira	100ml/100 l de água

Enro				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Microsulfan 800 PM	Enxofre	IV	Ácaro-prateado	500g/100 l de água

Hokko				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Hokko Cyhexatin 500	Cyhexatin	III	Ácaro-rajado	50g/100 l de água. 1 a 3 l de calda/planta

Iharabras				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Sumithion 500 CE	Fenitroton	II	Pulgão-da-falsa-crespeira, mariposa-oriental, vaquinha-amarela, besouro-pardo, besouro-de-limeira, mosca-das-frutas	150ml/100 l de água

Samaritá				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Nutrixofre 800	Enxofre	IV	Ácaro-branco, ácaro-vermelho	Período de dormência: 600ml/100 l de água. Após quebra de dormência: 300ml/100 l de água

Sipcam				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Tiomat 400 CE	Dimetoato	I	Pulgão-lanigero, mariposa-oriental, pulgões, ácaro-rajado, cochonilha-branca, mosca-das-frutas	120ml/100 l de água

FUNGICIDAS

Basf				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Kumulus	Enxofre	IV	Podridão-parda	300g/100 l de água

Bayer				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Follicur 200 CE	Tebuconazole	III	Ferrugem, podridão-parda	100ml/100 l de água

Cyanamid				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Delan	Ditiaron	II	Podridão-parda	125g/100 l de água
Saprol	Triforini	II	Podridão-parda, antracnose	125ml/100 l de água

Du Pont				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Benlate 500	Benomyl	III	Podridão-parda, sarna, crespeira-verdadeira, buraco-de-bala, gomose, oídio	60g/100 l de água
Manzate 800	Mancozeb	III	Ferrugem, crespeira, podridão-parda	200g/100 l de água

Hokko				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Captan 500	Captan	III	Podridão-parda	240g/100 l de água. 1 a 3 l/planta
Orthocide 500	Captan	III	Sarna-do-pessego, crespeira-do-pessegueiro	240g/100 l de água. 1 a 3 l/planta

Iharabras				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Frownicide 500 SC	Fluazinam	II	Podridão-parda	100ml/100 l de água

Microquímica				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Microzol	Enxofre	IV	Ferrugem	200ml/100 l de água

ML				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Sulfure 750	Enxofre	IV	Podridão-parda, sarna	520ml/100 l de água

Novartis				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Cobre Sandoz BR	Óxido cuproso	IV	Crespeira, podridão-parda, sarna-do-pessegueiro	240g/100 l de água

Rohm and Haas				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Dithane PM	Mancozeb	III	Sarna, podridão-parda, crespeira, ferrugem	200g/100 l de água
Persist SC	Mancozeb	III	Sarna, podridão-parda, crespeira e ferrugem	360ml/100 l de água

Samaritá				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Nutrixofre 800	Enxofre	IV	Oídio, podridão-parda, sarna	Período de dormência: 600ml/100 l de água. Após quebra de dormência: 300ml/100 l de água

Sipcam				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Cuprozeb	Oxicloreto de cobre + mancozeb	III	Ferrugem, sarna, podridão-parda, crespeira	200g/100 l de água
Dodex 450 SC	Dodine	I	Podridão-parda, crespeira	175ml/100 l de água. 85ml/100 l de água

Zeneca				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Frownicide 500 SC	Fluazinam	II	Podridão-parda	100ml/100 l de água

SORGO

HERBICIDAS

Nortox				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Atrazina Nortox 500 SC	Atrazina	III	Beidroega, capim-colchão, milhã, capim-carrapicho, capim-marmelada ou papuã, capim-pé-de-galinha, carrapicho-de-carneiro, caruru-de-mancha, caruru, flor-amarela, guanxuma, macela, picão-preto, poaia-branca, pega-pega, nabiça, tiririca	Solo leve: 3,0 l/ha Solo médio: 5,0 l/ha Solo pesado: 6,5 l/ha Época de aplicação: após a semeadura

Novartis				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Gesoprim GrDA	Atrazine	III	Poaia-branca, guaxuma, beldroega	Pré-emergência: solo leve: não recomendado. O produto não deve ser aplicado na pré-emergência da cultura do sorgo em solos de textura arenosa. Não aplicar o herbicida com o solo seco, pois o funcionamento poderá ficar comprometido. Solo médio: 2,0 a 2,5kg/ha Pós-emergência: estágio de 2 a 4 folhas 2,5 a 3,0kg/ha
Gesaprim 500 Ciba-Geigy	Atrazine	III	Monocotiledôneas: capim-marmelada, capim-pé-de-galinha Dicotiledôneas: carrapicho-de-carneiro, caruru, caruru-de-folha, caruru-de-mancha, guaxuma, picão-preto, poaia, mentrasto, amendoim-bravo, corda-de-violão, picão-branco, erva-quente, serralha, falsa-serralha	Solos leve a médio: 3,5 l/ha Solos médio a pesado: 5,0 l/ha Obs.: indicado para aplicação em pré e pós-emergência precoce das plantas daninhas de folhas largas com até 6 folhas e capim-marmelada com até 3 folhas. Nas altas infestações de plantas daninhas ou solos com alto teor de matéria orgânica, aplicar sempre as maiores doses indicadas

Sipcam				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Extrazin SC	Atrazine + simazine	III	Capim-marmelada ou papuã, capim-pé-de-galinha, amendoim-bravo, carrapicho-de-carneiro, guaxuma, beldroega, caruru, erva-tostão, macela, maria-preta, mentrasto, mastruço, nabo-bravo, picão-branco, poaia-branca, rubim, serralha, trapoeraba, poaia	Solos leves: 3,6 l/ha Solos médios: 5,8 l/ha Solos pesados: 6,8 l/ha
Siptran 500 SC	Atrazine	III	Monocotiledôneas: capim-marmelada ou papuã, capim-pé-de-galinha Dicotiledôneas: carrapicho-de-carneiro, guaxuma, picão-branco ou fazendeiro, picão-preto, caruru, caruru-de-folha-larga, beldroega, serralha	Solos arenosos (leves): 3,4 a 4,5 l/ha Solos argilo-arenosos (médios): 4,5 a 5,5 l/ha Solos argilosos (pesados): 5,5 a 6,2 l/ha

INSETICIDAS/ACARICIDAS

AgrEvo				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Decis 25 CE	Deltametrina	III	Mosca-do-sorgo e lagarta-militar	200ml/ha
Decis 4 UBV	Deltametrina	III	Mosca-do-sorgo	1,3 a 2,0 l/ha

Dow Agrosciences				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Lorsban 480 BR	Clorpirifós	II	Lagarta-do-cartucho mosca-do-sorgo	0,5 a 0,75 l/ha 0,62 l/ha

FUNGICIDAS

Bayer				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Folicur 200 CE	Tebuconazole	III	Ferrugem, podridão-parda	100ml/100 l de água

Enro				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Mayran PS	Thiram	III	Rizoctoniose, fusariose, podridão-das-sementes	300g/100kg de sementes
Vetran PM	Thiram	III	Rizoctoniose, fusariose, podridão-das-sementes	300g/100kg de sementes

Obs.: a Rhodia Agro não enviou as informações solicitadas.

ANUNCIE SEU PRODUTO/SERVIÇO NO MAIOR MERCADO CONSUMIDOR DO RIO GRANDE DO SUL E NA EMISSORA MAIS OUVIDA PELAS PESSOAS QUE DECIDEM E TÊM PODER AQUISITIVO.

A Região Metropolitana de Porto Alegre abriga a maior massa consumidora de nosso estado e concentra quase 100% das decisões político-econômicas do Rio Grande do Sul. Seu potencial de consumo supera 60% do PIB.



A RÁDIO LIBERDADE FM lidera a audiência do público adulto (idade superior a 25 anos) classes A/B e A/B/C há muitos anos, em toda esta imensa massa consumidora. GENTE QUE DECIDE E TEM PODER AQUISITIVO.

Que outros argumentos você precisa para anunciar na emissora das pessoas que decidem e têm poder aquisitivo... na região mais rica do Rio Grande do Sul.

RÁDIO LIBERDADE FM - 50kw - cobertura: 200 municípios

Av. Protásio Alves, 2959/306 - bairro Petrópolis - Porto Alegre - RS - Fone/fax: (051) 334-4778 - 338-4665
A PARTIR DE JULHO/98 NO SATÉLITE CONSAT (TECSAT) PARA TODO O BRASIL

Invadindo as terras de pecuária

Produtores como Amarildo Zavonello (ao lado), que se dedica ao cultivo da cebola e rúcula, provam que existem alternativas mais rentáveis que o boi na região de Bagé/RS, na fronteira com o Uruguai

Deva Rodrigues

Na terra da pecuária de corte, quem diria, tem melão, sim senhor! Os campos da Campanha gaúcha, na fronteira com o Uruguai, começam a ganhar novas tonalidades. Além dos rebanhos bovino e ovino, das lavouras de arroz, agora os pomares de fruteiras e áreas com sementes de olerícolas reforçam a economia dos municípios de Bagé, Candiota e Hulha Negra. Se até o começo da década de 80 a região produzia basicamente carne, atualmente a diversificação de culturas toma conta das terras de coxilha. São trabalhadores rurais assentados, produtores de pequeno e médio porte que apostam nestas culturas com a intenção de aumentar a renda. “E até os tradicionais pecuaristas estão convencidos de que a saída para mudar o quadro de empobrecimento da metade sul do estado é investir na diversificação”, assegura o agrônomo Tailor Luz Garcia, do escritório regional da Emater.

E, por incrível que pareça, a região já se tornou o maior pólo produtor de olerícolas do Brasil. Só para se ter uma idéia, na safra 95/96 a produção de semente fiscalizada de hortaliças ficou em 441.138 quilos. Embora tenha havido uma redução na área de plantio em 50% nos últimos dois anos (de quatro mil para dois mil hectares), devido a estoques ex-

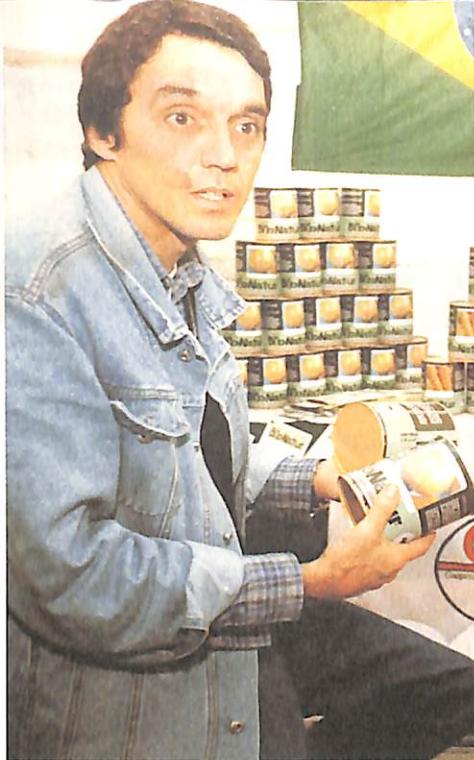
cedentes e às importações da África do Sul e do Chile, os municípios envolvidos ainda continuam à frente, colocando no mercado nacional sementes de alface, abóbora, beterraba, cenoura, cebola, entre outras. A corrida para engordar o caixa das propriedades e deixar a dependência da bovinocultura é mesmo uma realidade. “E não é pra menos: enquanto um hectare com pecuária de corte proporciona renda bruta de R\$ 100,00, com uma produtividade de 120 quilos/hectare/ano, a olericultura dá R\$ 1,6 mil e a fruticultura R\$ 9,1 mil”, compara Garcia. São estes números e a necessidade de agregar renda que levam produtores e prefeituras a trabalharem juntos neste novo nicho de produção.

A Secretaria Municipal de Agrope-

cuária de Candiota, por exemplo, está incentivando o plantio de pomares de pêsego, lavouras de melão e assegura a assistência técnica aos assentamentos da região às lavouras de olerícolas. Técnico agrícola, o secretário do município, Luiz Carlos Folador, conta que o órgão dispõe de R\$ 35 mil para financiar sementes e adubo aos agricultores. O recurso é oriundo do Fundo Rotativo de Apoio à Pequena Propriedade Rural (Funrotap), criado pela prefeitura. Neste ano, este Fundo beneficiou pelo menos 500 hectares cultivados com sementes de hortaliças (60% localizados em áreas de assentamentos), além de outros nove hectares destinados à safra 97/98 de melão, envolvendo seis famílias. A meta, conforme Folador, é de no ano



Fotos: Antônio Pacheco



João Rocket, coordenador do Projeto Bionatur: sementes agroecológicas

agrícola 98/99 chegar a 80 hectares apenas com o chamado melão-espanhol. “Plantamos em outubro e novembro, o que nos permite colocar a fruta no mercado na época de entressafra, de janeiro a março”, conta.

Mesmo precisando recorrer a equipamentos para irrigação — afinal, é necessário se prevenir das longas estiagens rotineiras no verão da Campanha —, o produtor tem chances de colher bons frutos. O custo de implantação de um hectare com a cultura é, em média, de R\$ 5 mil. Folador garante, no entanto, que é possível alcançar uma produção de 20 toneladas por hectare. “Assim, ao preço médio de R\$ 0,50 o quilo da fruta, o produtor terá uma receita de R\$ 10 mil”, estima.

Um dos que já está colhendo bons frutos em Candiota é o engenheiro agrícola Neister Baz Vasconcellos, 42 anos. Ele retomou os 400 hectares que estavam arrendados com bovinos e passou a se dedicar à fruticultura. E não se arrepende. Vasconcellos formou um pomar de 25 hectares com 25 mil mudas de pêssego. Desembolsou R\$ 600,00 por hectare para instalar a área. Em compensação, já pagou as despesas com a comercialização de 50 toneladas de melão. A lavoura foi feita nas entrelinhas das plantas de pêssego. Isto foi na safra 97/98, quando Vasconcellos faturou, em dois hectares, R\$ 25 mil vendendo o melão-espanhol a uma rede de supermercados de Pelotas (município da zona sul do RS) a R\$ 0,80 o quilo. Entusiasmado, ele aumentará em

100% a lavoura de desta cultura e ainda plantará 15 hectares com abóbora para doce.

A certeza de extrair do pampa gaúcho muito mais do que carne e grãos é endossada por técnicos como o diretor da Hortec Sementes Ltda, em Bagé, agrônomo Gilberto Pozzan. Segundo ele, as condições excelentes de clima (baixa umidade relativa do ar e alta luminosidade) proporcionam, além de produtivas lavouras de sementes de hortaliças, também cultivos como o de melancia e batatinha.

Sementes rentáveis e saudáveis — O pioneirismo e o título de maior produtor de sementes de hortaliças do País se devem, basicamente, aos esforços empreendidos pelos trabalhadores rurais assentados pelo Incra e pelo governo gaúcho — especialmente em Candiota e Hulha Negra. Foi nos 23 assentamentos encravados na região da Campanha que as primeiras toneladas de produtos olerícolas ganharam o mercado nacional, no começo da década de 80. De lá pra cá, a evolução foi constante. A última novidade do setor são as sementes fiscalizadas agroecológicas Bionatur, produzidas por associados da Cooperativa Regional dos Agricultores Assentados Ltda (Cooperal), com sede em Hulha Negra. Contando com uma unidade de beneficiamento (UB), a diretoria da Cooperal está comercializando variedades de cenoura brasileira; cebolas baía periforme e crioula; abóbora-caserta e abóbora-menina; melão-gaúcho; quiabo santa-cruz, entre outras.

O coordenador do projeto Bionatur, João Rocket, lembra que na primeira safra (97/98) 14 hectares foram semeados com variedades de sementes agroecológicas. Além de hortaliças, houve também a produção de plantas forrageiras (cornichão e azevém). Embaladas na própria Cooperativa, duas latas (500 gramas cada) com sementes de cenoura custam R\$ 16,00, enquanto a mesma quantidade de cebola pode ser adquirida por R\$ 20,00. Segundo Amarelido Antônio Zavonello, vice-presidente da Cooperal, é possível constatar economia e bons resultados de produtividade com a semeadura sem o uso de produtos químicos.

Na pequena gleba de 25 hectares no assentamento Conquista da Fronteira, a 34 quilômetros da sede do município, Zavonello destina um hectare à produção de sementes de cebola e ainda mantém uma área experimental com rúcula. Ele faz planos de aumentar o plantio. Com a experiência de quem já produziu sementes em sistema convencional, Za-

vonello garante que os resultados financeiros desta nova investida são satisfatórios. Se antes a família gastava boa parte do que seria lucro em defensivos, agora consegue fazer economia. Na adubação, por exemplo, ele não usa adubo solúvel. A manutenção das lavouras é feita com biofertilizante. O assentado também recorre ao fosfato natural (mecaxisto e serpentinite) para fortalecer o solo sem agredi-lo. Neste caso, a redução de gastos apontada por Zavonello é grande: são necessários de 8 a 10 sacos por hectare, ao custo de R\$ 8,00 cada. Então, para cada hectare, o agricultor precisa desembolsar, pelo menos, R\$ 64,00. Caso estivesse plantando da forma tradicional, com certeza iria gastar uma média de R\$ 108,00 por hectare — considerando o preço médio de R\$ 18,00 o saco (50 quilos) de adubo químico, sendo preciso usar entre seis e oito sacos por hectare.

Além dos Zanovello, outras 33 famílias adeptas da Bionatur vão colher nesta safra de inverno 20 hectares com sementes de cebola e cenoura e outros três mil metros quadrados com rúcula, couve-flor, couve-colí, alface e repolho. A direção da Cooperativa promete uma festança na época da colheita para comemorar o nascimento da marca. 

Preço baixo & produtividade

SEMENTES FORRAGEIRAS DE VERÃO CRA:

- **Brachiarias: Brizantha, Decumbens, Humidícola e Libertá.**
- **Capins: Mombaça, Sudão e Tanzania.**
- **Milbeto Comum e CRA2000**
- **Sorgo Forrageiro BR501**

E mais, Alfafa Crioula, Pensacola, Setária Kazungula, Teosinto, Feijão Miúdo, Lab-lab e Mucuna Preta. Toda a linha de Sementes Fiscalizadas com os melhores preços.

Consulte a CRA:

fone/fax: (051) 481 3377



semente é o nosso chão

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS
 Est. da Arrozeira, 90 - CEP: 92990-000 Eldorado do Sul - RS.
 E-mail: sementescra@sementescra.com.br
 www.sementescra.com.br



DESTAQUES

Reconhecimento justifica o agr

Empresários, autoridades e produtores de vários pontos do País lotaram o auditório da Secretaria da Agricultura do RS, no Parque Assis Brasil, em Esteio, para assistir à cerimônia de entrega dos troféus Destaque A Granja do Ano. Teve até placa comemorativa especial para quem sempre gozou do prestígio do leitor, desde 1986, ano do lançamento do anuário

*Texto: Gilberto Severo
Fotos: Ricardo Rímoli*

Mesa das autoridades: governador Vicente Bogo, diretor-presidente de A Granja, Hugo Hoffmann; secretário da Agricultura do RS, Caio Tibério da Rocha; e o presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Luiz Hafers

Pela 13ª vez consecutiva, produtores, empresários, técnicos e autoridades ligadas ao agribusiness de vários estados brasileiros lotaram o auditório da Secretaria da Agricultura, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, para cerimônia de entrega do prêmio **Destaque A Granja do Ano**. A solenidade aconteceu durante a Expointer, na noite de sexta-feira, 4 de setembro, e contou ainda com a presença do presidente da Embrapa, Alberto Duque Portugal, representando o ministro da agricultura, Francisco Turra; do governador do Rio Grande do Sul, Vicente Bogo; do secretário da Agricultura do RS, Caio Tibério da Rocha; do delegado federal do Ministério da Agricultura no RS, Odalniro Paz Dutra; do presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Luiz Marcos Suplicy Hafers; do vice-presidente da Federação das Associações Comerciais do RS (Federasul), Régis Conte; e do presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do RS (Fecoagro), Ruy Polidoro Pinto.

Como acontece desde 1986, os contemplados com o troféu **Destaque A Granja do Ano** foram escolhidos em eleição livre, direta e democrática pelos milhares de leitores de **A Granja** espalhados por todo o Brasil. Os agricultores, pecuaristas, técnicos e empresários que levantaram o Destaque deste ano repre-

sentam diferentes segmentos do agribusiness do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Mato Grosso. Além das 25 categorias da atividade agropecuária já tradicionalmente contempladas com o prêmio, **A Granja** também homenageou quatro empresas que, nestes 13 anos, receberam ininterruptamente a confiança dos leitores-consumidores. Eles receberam uma placa alusiva por tal ineditismo.

Justa homenagem — No discurso que abriu a cerimônia de premiação, o diretor-presidente de **A Granja**, Hugo Hoffmann, reafirmou que o voto é uma forma dos leitores homenagearem e manifestarem toda sua admiração pelo trabalho dos agraciados neste sobe-desce da economia nacional. Segundo o dirigente, as estratégias que estes agroempresários vêm adotando nos últimos anos tem sido de fundamental importância para a sobrevivência e também para o crescimento do agribusiness, segmento que detém quase 40% da riqueza total gerada anualmente no País. Hoffmann elogiou ainda algumas medidas adotadas pelo Executivo Federal e que estão ajudando a melhorar as condições de vida de milhares de agropecuaristas.

Por sua vez, o governador gaúcho, Vicente Bogo, ressaltou o compromisso do Executivo Estadual para com o desen-



98 - A GRANJA DO ANO

isto aos que levam pra frente business nacional



Os vencedores: profissionais agraciados representam sete estados da federação

volvimento dos pequenos e médios produtores. Bogo falou de algumas estratégias já implementadas, como o Pró-Rural 2000, que busca das sustentabilidade econômica para milhares de trabalhadores do campo, evitando, com isso, o êxodo rural. Ele reafirmou, no entanto, que há muito ainda a ser feito pela atividade primária, até por que é necessário torná-la cada vez mais competitiva, a fim de enquadrá-la aos novos padrões mercadológicos mundiais.

Modernizar é o caminho — Após o pronunciamento do governador, teve início a entrega dos 25 lauréis. Em seguida, o diretor-presidente da Kepler Weber, Paulo Iserhard, ocupou a tribuna para falar em nome dos agraciados. Segundo o diretor, o intenso processo de especialização dos produtores é uma característica marcante do crescimento do agribusiness brasileiro nos anos 90. No entanto, Iserhard alertou para o risco do aumento

do desemprego no campo, que acaba por alimentar uma grave questão política, principalmente as invasões de terra. “Ou se agrega valor à produção primária através



desta grande negociação ou perderemos as oportunidades dadas pelo surgimento de novos mercados externos”, sugeriu.

A linha de pensamento de Iserhard teve continuidade no discurso de Alberto Duque Portugal, representante do ministro da agricultura. Para Portugal, mais do que nunca, é necessária a busca do aumento da produção — via melhoria da produtividade —, sem esquecer de que é necessário estar inserido na nova realidade de mercado. “Precisa haver equilíbrio entre produção e meio ambiente”, garantiu. O desafio do Brasil para se adequar à nova realidade mercadológica, na opinião do dirigente, está em contornar os abismos sociais que separam ricos e pobres, problemas estes já resolvidos nos países do hemisfério norte.

*Alberto Portugal, da Embrapa:
equilíbrio entre produção e meio ambiente*



Governador do RS, Vicente Bogo, entrega o Destaque Pecuária de Corte a Joseph Purgly, da Agropecuária CFM



Jacob Carol Wink, da Batavo, recebe o Destaque Pecuária de Leite das mãos do diretor-presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann



Governador Vicente Bogo entrega o Destaque a Henrique Marin Teixeira, da



Altair Zanchet, da Perdigão, recebe o Destaque Avicultura das mãos do governador Vicente Bogo



Presidente da Embrapa, Alberto Duque Portugal, entrega o Destaque Nutrição Animal a Astor Hauschild, da Purina



Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Luiz Suplicy Hafers, entrega o Destaque Tratores a Alistair McLelland, da AGCO



Delegado Federal do Ministério da Agricultura no RS, Odalniro Paz Dutra, entrega o Destaque Implementos de Preparo de Solo e Plantio a Marcelo Rossato, da Semeato



o Destaque Eqüinos
BCCC



Vicente Bogo faz a entrega do Destaque Ovinocultura a Armando Garcia de Garcia, da Cabanha Cerro Coroado



Governador gaúcho, Vicente Bogo, na entrega do Destaque Suinocultura a Juan Carlos Serra, da Sadia



Secretário da Agricultura do RS, Caio Rocha, na entrega do Destaque Defensivos Animais a Jorge Enrique Solé, da Merial



Ruy Polidoro Pinto, presidente da Fecoagro, entrega o Destaque Sementes a Manoel Oyervides, da Agroceres



Alberto Duque Portugal, da Embrapa, na entrega do Destaque Adubos e Corretivos a Fernando Cardoso Pentead Filho, da Manah



Luiz Suplicy Hafers, da SRB, entrega o Destaque Máquinas de Colheita a Jorge Logemann, da SLC-John Deere



Secretário da Agricultura do RS, Caio Rocha, na entrega do Destaque Sistema de Irrigação a Bernhard Kiep, da Valmont



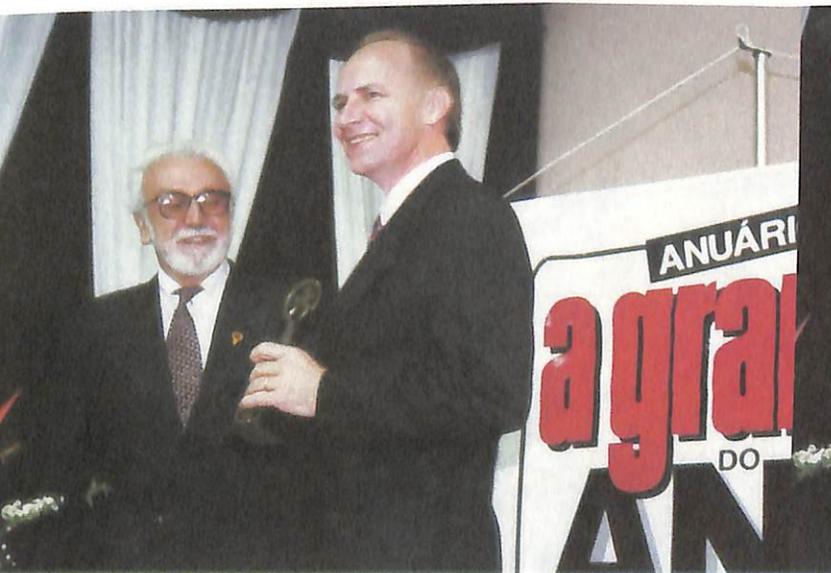
Vice-Presidente da Federasul Régis Conte, na entrega do Destaque Defensivos Agrícolas a Jean Pierre Longueheu, da Bayer



Presidente da Embrapa, Alberto Duque Portugal, entrega o Destaque Produtor de Arroz a Érico da Silva Ribeiro, do Grupo Extremo Sul



Alberto Portugal, da Embrapa, entrega o Destaque Produtor de Vinho a Rosana Wagner Eckert, da Seagram



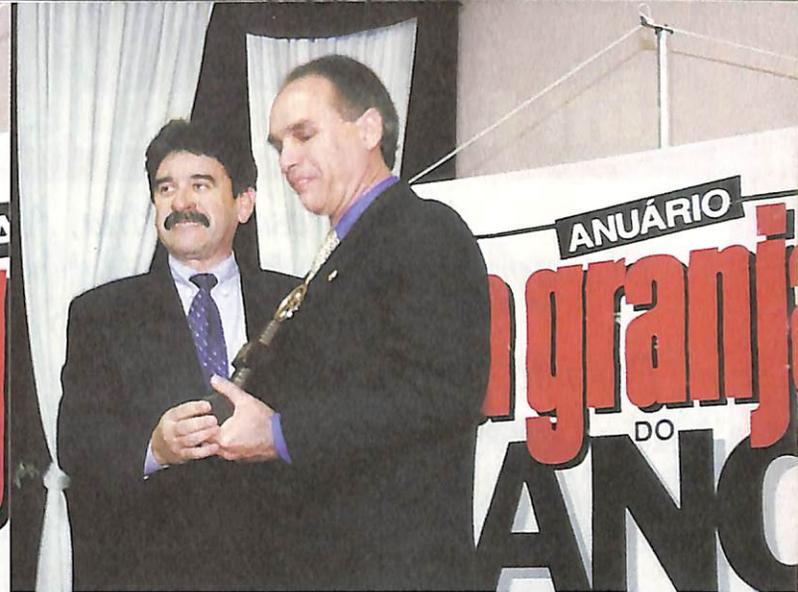
Presidente da Fecoagro, Ruy Polidoro Pinto, na entrega do Destaque Produtor de Trigo a Alfredo Lang, da Coopervale



Luiz Suplicy Hafers, da SRB, entrega o Destaque Pesquisa Agropecuária a Heloisa Dias da Silva, da Embrapa



Régis Conte, da Federasul, entrega o Destaque Silos e Armazenagem a Paulo Iserhard, da Kepler Weber



Delegado Federal da Agricultura no RS, Odalniro Paz Dutra, entrega o Destaque Caminhões e Utilitários a Carlos Tona, da Ford



Luiz Hafers, da SRB, na entrega do Destaque Produtor de Milho a Jair Huhoff, da Fazenda Mitakoré



Vice-Presidente da Federasul Régis Conte, na entrega do Destaque Produtor de Soja a Itamar Locks, do Grupo Maggi



Secretário da Agricultura do RS, Caio Rocha, na entrega do Destaque Cooperativismo a Sérgio Panceri, da Coamo



Diretor-presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann, na entrega do Destaque Banco a Edegar Mombach, do Banco do Brasil

Um prêmio especial na 13ª edição

As empresas Purina, AGCO (Massey Ferguson), SLC-John Deere e Kepler Weber conquistaram a fidelidade do leitor desde que foi instituído o troféu Destaque, em 1986. Por isto, seus diretores também receberam uma placa alusiva ao fato



Diretor-presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann, na entrega do prêmio especial a Astor Hauschild, da Purina (Nutrição Animal)



Hugo Hoffmann, da revista A Granja, entrega a Alistair McLelland a placa alusiva a décima-terceira premiação conquistada pela AGCO-Massey (Tratores)



Luiz Hafers, da SRB, e Hugo Hoffmann, de A Granja, entregam a Jorge Logeman a placa comemorativa aos 13 anos de vitórias da SLC-John Deere (Máquinas de Colheita)



Hugo Hoffmann, de A Granja, na entrega da placa especial a Paulo Iserhard, da Kepler Weber (Silos e Armazenagem)



Turra prestigiou a Casa d'A Granja

Embora não tivesse presente à cerimônia da entrega dos Destaque A Granja do Ano — fora chamado às pressas a Brasília pelo presidente FHC —, o ministro da Agricultura, Francisco Turra, não deixou de apanhar o seu anuário na Casa d'A Granja, hábito que cultiva antes mesmo de sua passagem vitoriosa pela Conab. Ao empresário Hugo Hoffmann, diretor-presidente da revista A Granja, Turra disse que os maiores entraves para a agricultura de exportação são o excesso de protecionismo estrangeiro e a falta de uma grife nacional, que identifique os produtos do Brasil.

O valor de uma boa semente

Norton Victor Sampaio / URCamp/Promosen — Bagé/RS

Como todo bem de valor comercial, podem existir enormes diferenças entre o quanto vale e o quanto custa, o valor cobrado no mercado. É preciso também discernir entre o valor adicional do produto em função de sua qualidade. Assim, é bastante empírico falar do valor de uma semente se não estivermos tratando de qualidade. E qualidade se obtém com trabalho sério e competente. É necessário que se parta do princípio de que semente é aquele material produzido especialmente para o fim de reprodução das espécies, obedecendo todos os critérios técnicos e legais pertinentes à regulamentação do setor. Para que isto seja assegurado, existem normas legais dispostas sobre produção, comercialização e fiscalização de sementes em todo o território nacional,

Embora isto não garanta, isoladamente, todos os padrões de qualidade desejados. De uma forma geral, a qualidade das sementes de espécies de importância econômica produzidas no Rio Grande do Sul é muito boa, apesar de que a fiscalização da Secretaria da Agricultura, na verdade, deixa muito a desejar, favorecendo a ação dos “fabricantes de sementes”, como são conhecidos muitos produtores que encontram diversas maneiras de burlar a legislação e “transformar” grãos em sementes fiscalizadas. Mas isto, a cada dia que passa, deixa de ser determinante, pois o próprio consumidor assume a função de principal fiscal da qualidade do que está adquirindo.

Se existe uma preocupação generalizada por parte de todo o setor sementeiro,



seja público ou privado, por outro lado há um arraigado componente cultural, que é o hábito da barganha, independentemente da qualidade do produto adquirido. Grande parte dos produtores rurais ainda prefere optar por adquirir “sementes não-fiscalizadas”, de origem desconhecida, sem um controle adequado de secagem, e com o mínimo de beneficiamento. Em muitos casos, estas são vendidas da forma em que foram colhidas, sendo oferecidas ao mercado por preços muito menores do que as verdadeiras sementes, o que as torna extremamente atrativas para os produtores mal-informados. Isto é uma

verdadeira armadilha, pois esta ilusória “economia” inicial se transformará em prejuízo na produção final, em função da menor produtividade e da infestação dos campos com as mais diferentes espécies de plantas invasoras.

Desta forma, os produtores e comerciantes de sementes que não entenderem a nova realidade estarão sendo alijados do mercado. O custo adicional de uma semente de qualidade jamais poderá ser isoladamente o parâmetro balizador na hora da tomada de decisão sobre a compra deste insumo. O preço das sementes da maioria das espécies de grandes cultivos, geralmente, não alcança um acréscimo superior a 50% do valor dos grãos, sendo portanto um insumo muito barato, que não interfere em mais que 3 a 5% do custo total de produção. Muitas vezes, isto não representa todos os custos adicionais do produtor de sementes, com cuidados de isolamento, plantio, tratos culturais e colheita diferenciadas. Além disto, o mercado precisa computar o alto custo de armazenamento das sementes até a próxima safra agrícola, o que é traduzido em juros de financiamentos por parte das empresas e cooperativas produtoras para manutenção do estoque de sementes, pagamento de cooperantes e custeio do armazenamento. Um caso especial é o mercado de híbridos, como o milho e sorgo, bem como algumas espécies altamente diferenciadas — hortaliças, flores, fumo e algumas outras, nas quais os preços das sementes assumem valores agregados consideráveis.

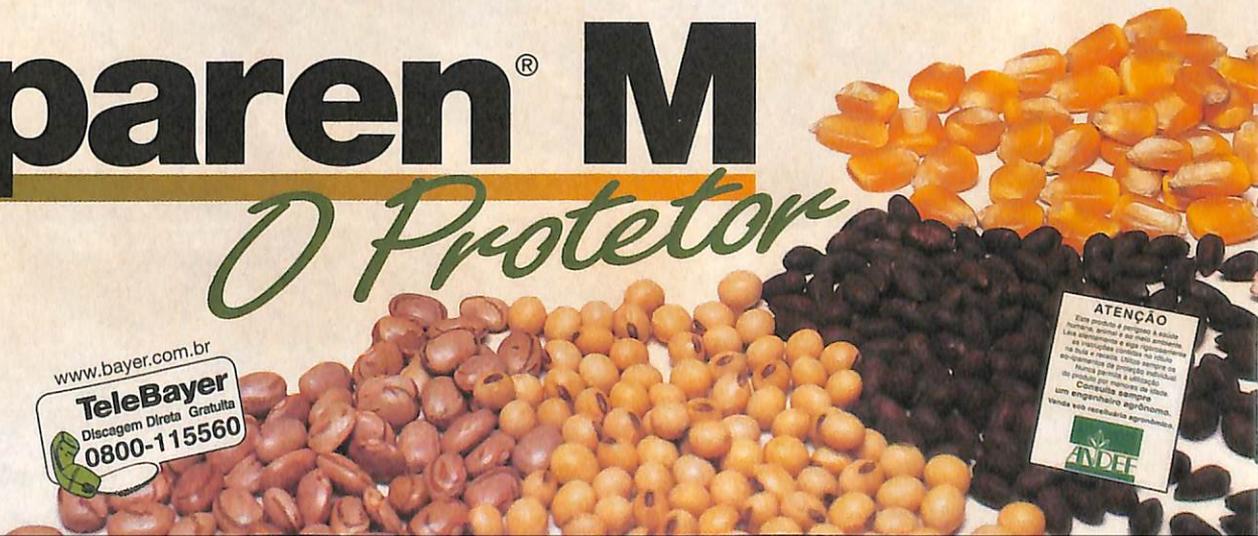
Euparen® M

O Protetor

Bayer 
Proteção das Plantas

www.bayer.com.br
TeleBayer
Discagem Direta Gratuita
0800-115560

ATENÇÃO
Este produto é registrado e possui
uma patente e seu uso é restrito
às atividades agrícolas e florestais
na Suíça e demais países signatários
do Tratado de Proteção de Invenções
Relativas a Matérias de Invenção.
Consulte sempre
um engenheiro agrônomo.
Venda sob responsabilidade agrônoma.



www.safras.com.br

O futuro de seus negócios pela Internet.



Há 22 anos, SAFRAS & Mercado analisa, prevê, informa e orienta sobre as principais commodities, bolsas, mercados e demais acontecimentos do Agribusiness brasileiro e mundial.

Através de satélite, internet, correio ou fax, você recebe todas estas informações sem precisar sair de casa ou do escritório.

Com SAFRAS & Mercado você vai ter sempre uma grande aliada: a informação profissional.

Ligue agora e veja como é fácil prever o futuro de seus negócios.



A Principal Fonte de Consultoria dos Profissionais do Agribusiness.

Porto Alegre: Fone: (051) 224.7039 / (051) 800.2272 (Discagem Gratuita)

Cuiabá: Fone: (065) 322.3788 / 322.4764

<http://www.safras.com.br> e-mail: safRAS@safras.com.br

Porto Alegre - Brasília - Curitiba - Cuiabá - São Paulo - Buenos Aires - Nova York

Plantio Direto

NEWS

No PR, a aveia-preta é a preferida na cobertura

Aveia-preta é a forrageira mais utilizada como cobertura de inverno pelos agricultores em plantio direto nos Campos Gerais do Paraná. Só no Grupo ABC, que reúne as cooperativas Arapoti, Batavo e Castrolanda, são cultivados anualmente 130 mil hectares de lavouras anuais no verão. Entre os agricultores que não têm atividades pecuárias em suas propriedades, a espécie mais utilizada como cobertura de inverno é a aveia, porque tem menor custo de instalação e boa produção de massa verde. Já entre os produtores que fazem a integração entre agricultura e pecuária, existe a opção do azevém. Ele é mais caro, porém, com a renda extra que se consegue da produção animal, torna-se viável. Outras alternativas para a região são o nabo-forrageiro e a ervilhaca, com custos mais elevados.

Segundo o engenheiro agrônomo da Cooperativa Batavo, Luiz Henrique Deschamps, os custos para instalação de um hectare de aveia giram em torno de R\$ 50,00, incluindo a rolagem das plantas no final do ciclo. "Quem planta soja tem tempo para esperar a produção de sementes da aveia", explica o agrônomo. A aveia produz, em média, duas toneladas

As vantagens são econômicas e de cunho fitossanitário, pois ela evita a disseminação de doenças para os cultivos de inverno

Emerson Urizzi Cervi

de matéria seca por corte. Seu período de semeadura fica entre os meses de maio e junho. Como o milho é plantado entre outubro e novembro, nestas áreas, a recomendação é que a aveia entre em maio. Nas glebas onde for cultivada a soja como cultura principal, a cobertura pode ser semeada até em junho. O primeiro corte da aveia pode acontecer aos 50 dias após a germinação. Mas se o objetivo do produtor for colher sementes, seu plantio deve ser em maio. Outra opção apresentada por esta cobertura é que ela pode

servir de cobertura em áreas com duas colheitas de verão. Tem agricultor que planta o milho precoce e, logo após sua colheita, no mês de fevereiro, cultiva feijão. A colheita da segunda lavoura acontece em maio e, depois dela, pode ser semeada a cobertura de inverno. Por estas vantagens é que a aveia tem se tornado a cobertura preferida dos agricultores que adotam o plantio direto.

Custos médios para cultivo de um hectare de aveia

Insumos	R\$ 25,00
Operações	R\$ 22,00
Pós-colheita	R\$ 5,00
Total/média	R\$ 53,00

Produtor deve evitar monocultura de coberturas

Além das vantagens econômicas da aveia-preta como cobertura de inverno, ela ainda tem uma característica fitossanitária positiva. É uma das poucas gra-



TM 95.
TESTADO
E APROVADO
NOS MAIS
FÉRTEIS
CAMPOS
DE PROVAS.

O Pirelli para tratores e colheitadeiras foi feito para aproveitar o máximo de sua potência. O desenho da banda de rodagem deste pneu garante maior capacidade de tração e autolimpeza, com o mínimo de compactação do solo. Resultado: maior produtividade e total eficiência para suas máquinas. TM 95. Em matéria de pneus, nunca se viu uma safra como esta na agricultura.



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

míneas que não transmite o mal-do-pé — doença fúngica — para espécies comerciais de inverno. Assim, o agricultor que pretende utilizar uma área para o plantio de trigo, cevada ou outra espécie comercial no inverno seguinte, pode cultivar a aveia na safra anterior que não haverá risco de transmissão do mal-do-pé. Isso já não ocorre com o azevém ou triticale, que podem ser vetores da doença para as culturas subseqüentes.

O fato da aveia apresentar um dos menores custos de instalação entre as coberturas verdes e ser a única que permite rotação com outras gramíneas de inverno estão levando muitos agricultores a um erro que pode terminar em prejuízo. Trata-se da monocultura da cobertura de inverno. Como a aveia está sendo cultivada ano após ano nas mesmas áreas, não ocorre a quebra de ciclo, principalmente das viroses, que atacam o sistema foliar destas plantas. Com isso, cresce o número de áreas infectadas com este tipo de doença. Como resultado imediato está a

Encontro latino-americano de plantio direto

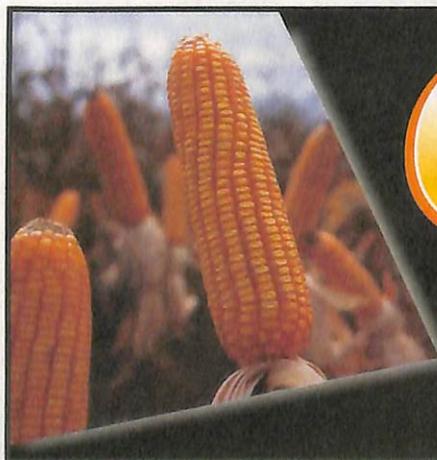
Com a chegada do plantio direto à pequena propriedade — mais de 10 mil conjuntos de máquinas adaptadas ao sistema e tracionadas manualmente ou por animais já foram vendidas no sul do País —, estes agricultores familiares começam a se organizar. A estimativa é que cada conjunto de implementos possa ser utilizado em quatro propriedades de 20 hectares cultivados em cada uma, em média. Isso representa cerca de 40 mil pequenas propriedades e 800 mil hectares em plantio direto. Um crescimento significativo, considerando que estes implementos chegaram ao mercado há menos de quatro anos. Agora, os pequenos agricultores estão montando associações próprias. Já existem algumas associações regionais de plantio direto na pequena propriedade no sudoeste do Paraná. Assim, os agricultores podem trocar experiências com aqueles que vivem a mesma realidade. O sistema tem se difundido tão rápido na região

sul do País que o município de Pato Branco — sudoeste do Paraná — vai sediar o III Encontro Latino-Americano sobre Plantio Direto na Pequena Propriedade. O evento acontece de 19 a 22 de outubro e será aberto com uma palestra sobre o histórico e perspectivas do plantio direto na pequena propriedade. Outros temas que serão abordados são os aspectos sócio-econômico do plantio direto na pequena propriedade, manejo integrado de plantas daninhas, rotação de culturas, produção e comercializações de sementes e manejo de fertilidade. Trabalhos de pesquisa em plantio direto na pequena propriedade também poderão ser apresentados no Encontro. A expectativa dos organizadores é que mais de 1.500 pessoas participem deste evento, entre agricultores, técnicos, estudantes e pesquisadores. Outras informações podem ser obtidas na homepage:

<http://cefet.whiteduck.com.br/elapdpp>

redução da quantidade de massa verde produzida, já que as folhas infectadas pelos vírus têm mais dificuldades em se desenvolver e realizar a fotossíntese. Com menos massa, a cobertura do solo fica desuniforme e prejudica a cultura principal. Uma das conseqüências é a maior incidência de ervas daninhas em áreas com cobertura desuniforme. Como estas invasoras vão concorrer com a cultura principal, o produtor aplicará herbicidas e terá um aumento nos custos de produção da lavoura. Para evitar este tipo de transtorno, o agricultor deve aplicar fungicidas na cobertura de inverno sempre que perceber uma incidência acima do normal de doenças foliares na gramínea. Mas como estas coberturas não têm retorno comercial, os produtores preferem não “gastar” com a aplicação dos

Fotos: A Granja



C-806

**Soluções[®]
Tecnológicas**

**EXCELENTE
RENTABILIDADE
COM SANIDADE**



agrotóxicos e apostar na sorte.

Por tudo isso é que se deve fazer a rotação também nas coberturas de inverno. Opções não faltam. A recomendação é de que cerca de um terço da área cultivada no inverno seja com uma espécie comercial, como o trigo, por exemplo. Se o objetivo for produzir mais grãos de inverno, as opções incluem o triticale, aveia-branca e a cevada. O restante da área pode ser dividida entre centeio, aveia-preta, azevém, nabo-forageiro e ervilhaca, só para citar as mais usuais.

Adubação verde: um bom investimento

Vencida a barreira do preconceito contra o plantio direto — o sistema deve ser utilizado em cerca de um terço das áreas de milho e soja na safra 1998/99 do Brasil, ultrapassando os 10 milhões de hectares —, as atenções dos produtores começam a se voltar com mais intensidade para a cobertura de inverno ou adubação verde. O plantio direto traz dois benefícios básicos: dá agilidade para o produtor tomar suas decisões e se tornou uma prática mais econômica que o sistema convencional, principalmente depois que os preços dos defensivos começaram a cair e a mão-de-obra a ficar mais cara. O sistema que dispensa o revolvimento do solo para cultivo das lavouras utiliza menos mão-de-obra para produção, substituindo-a em parte pelas aplicações de produtos químicos. Mas o sucesso do plantio direto depende principalmente de uma boa cobertura de inverno. Além da adubação verde, as gramíneas oferecem a proteção necessária para o solo. Com isso, evita-se a erosão, reduz-se o aparecimento das invasoras, oferece-se ao solo nutrientes — o que dispensa parte da



Adubação verde: protege o solo e serve de opção alimentar para o gado

adubação química — e beneficia-se o desenvolvimento da microflora natural das áreas. Todos estes benefícios são refletidos na melhor produtividade das lavouras comerciais. Em áreas degradadas, a adubação verde consegue não só manter, mas recuperar as características naturais do solo, perdidas com a erosão. Correções químicas do solo, como o calcário, podem ser aplicadas em superfície sobre a cobertura. Com isso, há mais tempo para que o produto seja incorporado progressivamente às camadas do solo até a hora de plantar a lavoura principal. O ideal é não deixar o solo mais de 30 dias sem cobertura vegetal. Segundo dados do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), no ano passado foram cultivados no estado 800 mil hectares de adubação verde entre áreas de plantio direto e sistema convencional. O Paraná é um dos campeões em cultivo de coberturas verdes. Em 1996, São Paulo cultivou 70 mil hectares, e Santa Catarina, 300 mil hectares. A conscientização do produtor é o principal responsável pela difusão das coberturas verdes no Brasil, principalmente

porque o nosso País é um dos que tem maior número de variedades para esta prática. A melhor rentabilidade econômica é outro atrativo. Pequenos produtores de feijão do centro-sul do Paraná, que conseguiam colher 40 sacas por alqueire no sistema convencional, passaram a obter produções de até 90 sacas por alqueire a partir da terceira safra utilizando a adubação verde e plantio direto. Além do ganho de produtividade veio ainda a menor infestação de ervas daninhas. A palhada impede a germinação das sementes de invasoras, que não conseguem receber a luz solar. A longo prazo, a adubação verde tem importantes efeitos químicos, biológicos e físicos no solo. O acúmulo de matéria orgânica beneficia a formação de ácidos orgânicos que estimulam a solubilização de minerais. Com isso, há maior disponibilidade de macro e micronutrientes. A decomposição natural das raízes das coberturas verdes abre canalículos no solo que facilitam a absorção de água e a descompactação de perfis mais profundos da área. 

Roundup[®]

WG

FAZ BONITO NO PLANTIO DIRETO



0800 15 6242
Monsanto Atendimento ao Cliente

MONSANTO
Alimento • Saúde • Esperança™



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob recetário agrônomo

BOI GORDO



Mercado sobe apesar da crise financeira

A crise financeira mundial parece não ter abalado o mercado pecuário de forma agressiva. Pelo menos no sentido baixista. É claro que sem a crise e com um perfil de crescimento econômico mais saudável talvez tivéssemos uma condição de preços mais altos para o boi, além do registrado até o momento. Entretanto, mesmo com uma pré-recessão instalada no País, que poderá ser acelerada com as recentes medidas fiscais do governo, o mercado de boi registra correções de preços e comprova uma situação cíclica de baixa oferta, onde, mesmo com uma demanda baixa, conseguimos acusar preços mais altos no boi. Esta condição é dada quando avaliamos os preços em reais, tendo em vista que em dólares o boi está US\$ 1,00 abaixo do nível praticado no ano passado. O risco do mercado de boi para outubro é justamente este perfil de demanda fraca, com a entrada de gado confinado no mercado e com o início do escoamento da carne bovina do Rio Grande do Sul no mercado do Sudeste do País.

A crise mundial, gerada a partir dos problemas econômicos e financeiros na Ásia, ainda parecem perdurar por mais algum tempo e agora induzindo o Brasil também à uma recessão. Um ritmo econômico que já se mostrava fraco internamente está sendo comprometido pela rápida fuga do capital estrangeiro no primeiro momento de acomodação

das taxas de juros em patamares mais baixos, após os problemas na Ásia de outubro do ano passado. No momento em que o governo sinalizava uma readequação de taxas no sentido da manutenção de certo crescimento econômico e em nome de uma redução do custo da dívida interna, os problemas mundiais e, agora, a crise russa, acabaram fazendo com que uma nova elevação das taxas de juros viessem a comprometer o ritmo de crescimento interno para os próximos meses. O modelo parece óbvio neste momento da economia nacional. Ao contrário de outros países, inclusive a Argentina, que aceleraram as reformas e controlaram o custo da dívida interna pública, o Brasil tem ainda o grande peso dos juros internos como acelerador desta dívida e com as reformas praticamente paradas no Congresso Nacional.

Dentro deste aspecto, para evitar a elevação da dívida interna e, por consequência, um novo surto inflacionário, o governo teria que elevar a sua receita a partir de maior crescimento econômico, além de ajustar as suas despesas a partir das reformas pretendidas na área tributária e estatal. Sem as reformas, as despesas não baixam. Para ter crescimento maior, o governo tem que reduzir as taxas de juros. Ao fazer isso, dois fatos podem ocorrer ao mesmo tempo; ou seja, fuga do capital estrangeiro de curto prazo em busca de novos mercados e elevação das demanda interna, com possível elevação das importações. O rombo na balança de pagamentos poderá então ser elevado repentinamente, caso o governo solte a demanda a partir das taxas de juros mais baixas. Nos primeiros 10 dias de setembro, a fuga de capitais atingiu US\$ 8 bilhões. As reservas têm redução rápida e a recessão parece a única forma de curto prazo de conter problemas mais graves na balança de pagamentos. As outras opções seriam um salto rápido nas exportações via incentivos ou via desvalorização cambial, a qual já vem ocorrendo, bem como, uma aceleração das reformas, visando reduzir os custos do estado e elevar receita.

Como estas duas medidas parecem

não tender a surtir efeito no curto prazo e de forma rápida, novamente o governo acabou por utilizar-se das taxas de juros como forma de inibir uma crise maior de curto prazo. Não há dúvidas do choque recessivo das altas taxas de juros em uma economia beirando à recessão com redução dos gastos públicos. Portanto, sem uma saudável recuperação da economia mundial parece que este segundo semestre não se mostra muito otimista em termos de demanda interna e externa.

Criadores comemoram bons resultados

Os criadores da raça charolês, que tiveram maior representação de gado de corte na Expointer, comemoraram os resultados obtidos na maior feira agropecuária da América Latina. No leilão de rústicos, quando foram ofertados 38 touros, a raça charolês obteve um preço médio de R\$ 1,7 mil por exemplar. Os criadores da raça observam que o mercado tem se expandindo muito para o Mato Grosso, em função do potencial de crescimento econômico da região. No Rio Grande do Sul, números da Associação Brasileira de Criadores de Charolês comprovam a boa representatividade da raça. Anualmente, cerca de 10 mil animais entram com registro na Associação.

Para os criadores de limousin, a Expointer 98 veio comprovar o bom momento por que passa a pecuária gaúcha. Num só leilão, esta raça vendeu todos os 17 exemplares ofertados, sendo que um exemplar chegou a obter R\$ 63 mil. Já a Associação Brasileira da Raça Aberdeen Angus obteve R\$ 2,7 mil de preço médio pelo leilão de rústicos, realizado na feira, volume considerado satisfatório pelo vice-presidente Fábio Gomes. Destaca que a procura pelo angus tem crescido entre os criadores, que além de qualidade querem competir no mercado com produto valorizado.

Os números oficiais das vendas indicaram a comercialização de 1.284 exemplares, o equivalente a R\$ 1,55 milhão. Em relação aos preços médios,

BM&F - EXPECTATIVA DE PREÇOS - SAFRA 98 - BOI GORDO -

Período	Físico Preços 1997 US\$/@	Boi Preços 1998 US\$/à vista	Câmbio Proj. 1998	Boi R\$ à vista	Boi R\$ a prazo
Agosto	24,60	23,48	1,1823	27,76	28,37
Setembro	24,17	24,15	1,1930	28,81	29,45
Outubro	25,21	24,89	1,2055	30,00	30,67

o destaque ficou por conta das raças de bovino de corte, alcançando R\$ 3,886 por animal.

Pecuarista e frigorífico buscam aproximação

A pecuária gaúcha goza, hoje, de uma situação sanitária buscada há 30 anos, mas ainda não consegue tirar proveito disso. A constatação foi feita durante o painel "Pecuária Gaúcha após o ano 2000", durante a XXI Edição da Expointer, onde os painelistas foram unânimes na defesa de uma maior aproximação entre produtor e frigorífico como forma de fortalecimento do mercado.

"Essa aproximação existe, mas ainda é pequena. É preciso acabar com o paradigma de achar que um elo prejudica o outro", defendeu o palestrante José Alfredo Knorr, diretor do Frigorífico Extremo Sul, de Capão do Leão/RS.

Segundo o dirigente, a pecuária gaúcha precisa rever pontos fundamentais como planejamento, investimento na qualidade do gado e regularização da oferta. Knorr diz que, hoje, os frigoríficos do estado trabalham com ociosidade de 35 a 40% e que é preciso mudar este quadro. "Vamos ter que buscar novos mercados, investir no fortalecimento de nossas marcas. Temos que consumir carnes com marca, com embalagem e com origem explícita", defendeu Knorr.

Na avaliação do dirigente, a pecuária do ano 2000 exigirá não só o repo-

voamento dos campos com animais de comprovada qualidade zootécnica e sanitária como uma maior disponibilidade de gado bovino para abate nos frigoríficos. Segundo ele, será preciso ampliar os índices de produtividade do setor, gerando alianças mercadológicas entre pecuária-frigorífico e varejo.

Outro ponto comentado é a questão tributária. Na avaliação do diretor é preciso desonerar a cadeia para torná-la mais competitiva, bem como transferir a responsabilidade do recolhimento dos impostos a cada um dos pontos geradores.

Os tributos incidentes sobre a pecuária também foi alvo de crítica do palestrante José Mauro Cachapuz, da Emater. "A excessiva carga tributária onera o setor em 27%", disse o palestrante. A seu ver, o Rio Grande do Sul terá que reestruturar seu rebanho como forma de se tornar competitivo. "Temos a sanidade, mas precisamos produzir carne. Estamos com um acentuado déficit de fêmeas, em função da descapitalização do pecuarista", enfatiza.

Alta no atacado garante sustentação ao boi

Do ponto de vista dos preços do boi e da carne bovina no mercado interno, a situação da economia mundial, com reflexos sobre o Brasil, é inibidora de altas. Um processo recessivo é sempre negativo para a demanda e o setor de carnes normalmente é um dos primeiros a sentir os impactos negativos. Até o início de setembro, no entan-

to, a situação ainda foi de uma demanda normal ou pelo menos no mesmo ritmo dos meses anteriores. Com isso, o perfil de preços no boi foi de altas neste período, confirmando a tendência esperada para o período e também um quadro de oferta bastante ajustado internamente.

O novo salto de preços no boi começou com a recuperação nos preços da carne no atacado no final do mês de agosto. O mercado saltou dos patamares de R\$ 2,15 por R\$ 1,35 nos cortes casados de traseiro e dianteiro para R\$ 2,45 por R\$ 1,45, pelo menos, na última semana. Tal alta ofereceu um novo ritmo de procura pelo boi, em um período que é considerado o mais ajustado em termos de oferta. Desta forma, o boi saltou dos R\$ 28,00 praticados, em agosto, para firmes R\$ 29,00 por arroba em São Paulo no início de setembro. O fato reflete uma demanda de certa forma fraca, caso contrário teríamos preços razoavelmente mais altos neste momento. Mas por outro lado reflete um quadro ajustado; ou seja, não há uma forte demanda, mas também não há uma oferta elevada ao ponto de exercer um quadro baixista no mercado de boi nesta entressafra.

Enquanto houver esta relação entre oferta e demanda, os preços tendem a se equilibrar. Os preços do boi chegaram a R\$ 29,00, com o início da venda de gado confinado na região Sudeste e Centro-Oeste. No Mato Grosso do Sul, o mercado atingiu R\$ 28,00 em Naviraí e R\$ 27,50 em Campo Grande. Em Goiás, R\$ 26,50, com alguns lotes a R\$ 27,00. Em Minas Gerais, R\$ 28,00 com pagamento 30 dias no Triângulo Mineiro. E no Mato Grosso, R\$ 25,50 até 26,00 em algumas localidades.



IVERMAX CONTROLE ABSOLUTO DE PARASITAS INTERNOS E EXTERNOS
(IVERMECTINA 1%)

A DIFERENÇA ESTÁ NO CUSTO

LIGUE: (044) 266-1724

FAX: (044) 266-2151 - Maringá - Paraná

Visite nossa Home Page: www.dispec.com.br - e-mail: dispec@wnet.com.br

SOJA



Brasil deve cultivar área menor em 98/99

Os produtores brasileiros de soja intensificam o plantio da safra 98/99 a partir deste mês. Depois de preparar o solo em setembro, a expectativa é de que a área plantada na próxima temporada recue nas principais regiões produtoras do País, principalmente em função da fraca remuneração obtida na comercialização da temporada 97/98.

A primeira intenção de plantio divulgada, indica uma área plantada 3% inferior à cultivada em 97/98. Se confirmada a retração, os sojicultores deverão semear 12,7 milhões de hectares, contra a área recorde de 13 milhões de hectares plantada no ano passado. O avanço do cultivo do milho, do algodão e do arroz, que tiveram uma comercialização um pouco melhor do que a da soja, contribui para o recuo.

Mas, dificilmente, a soja perderá toda a área acrescida nos dois últimos anos.

PRODUÇÃO DE SOJA - BRASIL SAFRA 97/98*

	Área plantada	Área colhida	Produção	R.M.
RS	3150	3150	6450	2048
PR	2835	2835	7050	2487
MT	2450	2450	6700	2735
GO	1360	1360	3350	2463
MS	1105	1095	2340	2137
SP	600	600	1340	2333
MG	570	570	1340	2351
BA	560	560	1200	2143
SC	251	251	580	2311
MA	149	149	290	1946
DF	35	35	85	2429
PA	26	26	52	2000
TO	41	41	92	2244
RO	7	7	21	3000

Obs.: *Estimativas sujeitas a revisão
Área em 1.000ha / Produção em 1.000t / R.M. em kg/ha
Fontes: IBGE, Conab, Emater, Cooperativas, Produtores e Indústrias

A comercialização do milho, principal concorrente da soja, não foi tão boa quanto o mercado esperava. Além disso, o produtor se vê obrigado a manter a rotação da soja com as culturas de inverno, para garantir a rentabilidade. Conta ainda a favor da soja, os novos corredores de exportação e a elevada liquidez do produto.

Em Rio Verde, sudoeste de Goiás, agrônomos da Cooperativa Mista dos Produtores de Goiás (Comigo), apontam para um produtor ainda indefinido no que diz respeito à área embora arrisquem previsões de recuo na área plantada de soja e de incremento no plantio de arroz e de milho.

“A soja só deve crescer de área na localidade de Santa Helena, onde a tendência é de recuo no plantio de algodão”, comenta o agrônomo da Comigo, Maurício Miguel. A tendência de recuo no plantio de soja é atribuída aos preços pouco remuneradores desse ano e à inadimplência que ainda afeta o setor. Segundo Maurício Miguel, hoje, somente 50% dos produtores de Goiás estão aptos a plantar. “Dos 50% restantes, 30% encaminham negociação dos débitos e guardam aval favorável do banco, enquanto outros 20% estão em inadimplência e sem perspectivas de conseguir crédito”, comenta o agrônomo.

ARROZ



Área deve crescer 7%

O aquecimento no mercado de arroz voltou com força total no mês de setembro. A escassez na oferta disponível levou os preços médios no mercado gaúcho aos níveis mais altos já praticados na história, com os reflexos devendo ser vistos nos números de área plantada para a safra 98/99, que devem crescer em 7,1%, de acordo com estimativa para o arroz.

Nunca o mercado interno de arroz mostrou tamanho potencial de alta nas cotações, vindo originalmente das quebras de safra causadas pelo El Niño, com as chuvas excessivas castigando as lavouras do Rio Grande do Sul e com a seca no Nordeste.

Os preços acabaram reagindo a redução na safra brasileira desde o início da temporada. O ritmo de aquecimento nas cotações só foi parado pela redução no consumo, vinda da redução das compras nos supermercados, quando as cotações subiram também no varejo. Com o consumidor final retraído, sem o beneficiador conseguir repassar as altas, os preços chegaram a recuar um pouco no primeiro semestre.

Entretanto, em setembro, com o mercado apresentando claramente os sinais de entressafra, com a oferta bastante curta, os preços acabaram atingindo patamares recordes de alta. Como não há sinalizador melhor para aumento no cultivo como o preço favorável, a área deve crescer significativamente na próxima safra.

Relatório estima aumento de 7,1% na área plantada na safra 98/99 em relação a 97/98, passando de 3,213 milhões de hectares para 3,442 milhões de hectares. A produtividade também deve ser incrementada em 9,9%, subindo de 2.691kg/ha para 2.957kg/ha. Com isso, a produção brasileira de arroz chegaria a 10,179 milhões de toneladas, superando em 17,7% a safra 97/98 (8,648 milhões de toneladas).

O que parece ainda mais favorável ao arrozeiro no Brasil, é que o mercado mundial vem sinalizando uma tendência ainda positiva para o próximo ano. Mesmo que os preços não atinjam os patamares vistos neste ano, o que será consequência do aumento da produção, as cotações ainda poderão ficar em níveis acima da média, favorecendo os produtores que devem colher a safra com uma melhor produtividade.

O relatório de setembro do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) mostrou um quadro interessante em relação a oferta e demanda do arroz mundial. Em primeiro plano, nota-se uma redução na oferta mundial e crescimento nas importações, reduzindo os estoques, o que traz uma tendência positiva no mercado internacional do arroz.

Enquanto outros mercados sentem os efeitos da queda na demanda frente à crise econômica mundial, o arroz tende a ser um produto que não reflete o recuo nas importações, o que é mais um fator positivo. No Brasil, o único ponto que pode-se lamentar é que em meio a tendências tão interessantes ao arrozeiro, boa parte dos produtores mantém dívidas não-resolvidas, não tendo acesso a novos créditos.

TRIGO



Governo escoará dois milhões de toneladas

Diante da dificuldade dos produtores, em conseguir sequer o preço mínimo na comercialização do trigo, o governo deve liberar cerca de R\$ 60 milhões para garantir a venda da safra que vai sendo colhida através dos leilões de Prêmio de Escoamento do Produto (PEP). A intenção do governo é subsidiar a compra por parte das indústrias de dois milhões de toneladas junto aos triticultores.

A meta do governo, de dois milhões de toneladas, envolve cerca de 80% da safra nacional, estimada entre 2,5/2,6 milhões de toneladas. O sentimento de que os produtores paranaenses estavam iniciando a colheita da safra, não conseguindo nem o preço mínimo diante da concorrência com o produto argentino, promoveu o rápido lançamento da operação no dia 10 de setembro.

Já no primeiro leilão, foram ofertadas 100 mil toneladas com as vendas chegando a 93,20% da oferta. O leilão foi bastante disputado entre as indústrias, com as 90 mil toneladas ofertadas do Paraná sendo vendidas. As operações trouxeram de volta o interesse das indústrias pelo trigo na-

cional, já que há bastante tempo que os negócios envolviam basicamente a compra do produto argentino.

Os leilões de PEP parecem estar sendo o mecanismo de união entre estas duas pontas do mercado (indústria e produtores), sempre tão distantes entre as posições de preços de compra e de venda. Com o bônus, prêmio, o produtor recebe pelo menos o preço mínimo. E a indústria volta a se interessar pelo trigo nacional, já que com o prêmio pode custear fretes e outras despesas.

Em um mercado que vem há bastante tempo totalmente sem liquidez, as operações de PEP são, basicamente, a única oportunidade para o produtor escoar pelo menos sem prejuízos a safra. Já que, as comercializações difíceis, facilidades de importação, custos elevados, entre outros fatores, vem tirando cada vez mais a competitividade do trigo nacional, com os produtores, desestimulados, reduzindo a área plantada.

FEIJÃO



Preço estimula plantio da primeira safra

Os bons preços de 98 devem contribuir para um incremento de 10% na safra de feijão das águas do Paraná. Previsões do Departamento de Economia Rural (Deral), com mais de 33% da área plantada até o início de setembro, indicava uma área de 507 mil hectares contra 460 mil hectares do ano ante-

rior. A produtividade média estimada é de 980kg/ha que, se confirmada, resultará numa produção estadual de 498 mil toneladas.

Em alta desde novembro de 97, o feijão preto fechou o início do mês de setembro a R\$ 50,00 de preço médio ao produtor, contra um custo de produção de R\$ 22,65 no Paraná. "O bom desempenho é extensivo ao feijão carioca que chegou a R\$ 80,00 (60kg) de preço médio ao produtor", comenta Vera Zardo, técnica do Deral.

No Rio Grande do Sul, dados preliminares da Emater apontam para uma área plantada de 149.074 hectares, num incremento de 3,06% se comparado a safra anterior. Conforme os técnicos, embora pequeno, o crescimento representa uma reversão de tendência de área, em queda desde 95, quando o estado plantou 181 mil hectares. A expansão é atribuída aos bons preços de mercado embora os técnicos admitam dificuldade na obtenção de sementes de qualidade em função do alto custo para o produtor gaúcho.

Em São Paulo, principal mercado consumidor de feijão carioca, o clima chuvoso de setembro elevou a saca de 60kg do feijão de melhor qualidade para R\$ 65,00 no início do mês, contra R\$ 60,00 do final de agosto. "Os níveis praticados favorecem o produtor mas não devem ter sustentação", avalia o coordenador da área comercial da empresa Camil, Mário Rovaris. Ele destaca que o consumo segue retraído e que continua não havendo espaço para alta de preço. Somente a Camil, que movimentava em média cerca de 110 a 120 mil fardos de feijão/mês, entre preto e carioca, teve queda de 20% nas vendas no comparativo com o mês anterior.

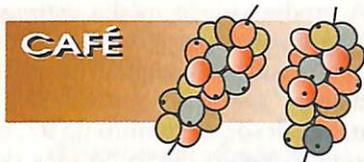
AGROSHOP

O catálogo de compras do homem do campo

Equipamentos para cerca elétrica, tatuadeiras, seringas, mochadores, livros, softwares rurais, vídeos e muito mais.

SOLICITE JÁ SEU AGROSHOP INTEIRAMENTE GRÁTIS

LIGUE 051 233 1822



Safra brasileira pode ficar abaixo da previsão

Com a colheita de café na reta final, o setor começa a reavaliar as dimensões da safra brasileira 98/99. A safra pode apresentar em seus números finais uma quebra de 10 a 15% em relação às previsões anteriores de produção. Esta é a observação de fontes de cooperativas de São Paulo e de Minas Gerais.

Segundo o gerente comercial da Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Guaxupé (Cooxupé), que atua no sul de Minas Gerais, Néelson Coelho, de forma geral, as lavouras devem ter uma quebra entre 10 a 15%, em função da falta de chuvas na florada do ano passado.

De uma estimativa que está no mercado de uma safra de 34/35 milhões de sacas de 60 quilos, de acordo com Néelson Coelho, a produção deve ficar entre 31/32 milhões de sacas.

A opinião de José Luiz Burato é a mesma. O gerente comercial da Cooperativa dos Cafeicultores de Garça (Garcafé) também indica a tendência de uma quebra de 10%, verificada nas regiões de atuação da cooperativa em Garça, no oeste de São Paulo, e em Patrocínio, no cerrado de Minas Gerais.

Burato chega a afirmar que o mercado não tem mais uma tendência de queda nas cotações. Mesmo porque o mercado ainda não reflete esta indicação de que a safra brasileira pode estar apresentando uma quebra na produção 98/99.

A última estimativa oficial, divulgada em julho pelo Ministério da Indústria

e Comércio (MICT) e levando em conta a colheita de cerca de 30% da safra, indicava uma produção de 33,95 milhões de sacas, consolidando a maior safra da década. De forma geral, o mercado vem trabalhando com números semelhantes, tanto no Brasil como no exterior.

O secretário geral da Federação Brasileira dos Exportadores de Café (Febec), Francisco Ourique, disse que é "complicado se ter um número nacional de uma possível quebra na safra de café em função de problemas regionais".

Entretanto, Ourique destaca que é muito prematuro conseguir avaliar o impacto destes dados regionais sobre a safra nacional. Para Ourique, qualquer efeito sobre o mercado, quanto a uma possível quebra, poderia acontecer apenas a médio-longo prazo e, ainda assim, não alteraria o panorama de forma significativa se for nos níveis apontados.



Manutenção do PLE contraria expectativa

A manutenção do Preço de Liberação de Estoques (PLE) do milho, em R\$ 8,64 CIF São Paulo, a saca de 60kg, contrariou as expectativas do mercado, ficando abaixo do esperado, que era de R\$ 9,00. A avaliação é do analista Paulo Molinari.

Depois do governo ter liberado os leilões após o preço atingir R\$ 9,00 CIF-SP no primeiro semestre, embora sem a oficialização do novo PLE, a expectativa era de que o Ministério da Agricultura elevasse o valor, afirmou Molinari.

Segundo José Maria dos Anjos, coor-

denador geral de políticas de abastecimento da secretaria de política agrícola do Ministério da Agricultura, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) trabalhava com o novo PLE de R\$ 9,00. Entretanto, os cálculos dos Ministérios da Agricultura e da Fazenda, levando-se em conta a Portaria 182, que define tal procedimento, e o fato de que os preços mínimos não foram alterados este ano determinaram a manutenção do PLE em R\$ 8,64.

José Maria dos Anjos questiona o porquê da elevação do PLE se os preços mínimos não foram "mexidos". A intenção, segundo ele, é manter a margem entre o preço mínimo e o PLE. O objetivo é proteger os produtores com o preço mínimo e o consumidor, o comprador, com a manutenção do PLE, que permite ao governo entrar no mercado com os leilões.

Os leilões devem mesmo ter início em outubro, com o começo dependendo de quando o mercado ultrapassar o PLE. O coordenador do Ministério frisou que a manutenção do PLE também visa desovar os estoques, dentro da política do governo, que vem se mostrando clara, em diminuir suas interferências no mercado, reduzindo ao máximo a política de contenção do produto.

Outro fator para a não elevação do PLE a R\$ 9,00, mantendo-o em R\$ 8,64, é o fato de que a R\$ 9,20/9,30 as importações se tornam viáveis, com o governo não podendo competir, segundo José Maria, com produto de safras velhas contra o milho argentino, por exemplo. "Aí não se pode vender", ressaltou, concluindo que o governo não conseguiria desovar seus estoques. O analista Paulo Molinari avalia que o governo está aproveitando este ano mais ajustado em relação à oferta para desovar os estoques antigos, em sua maioria de Goiás e do Mato Grosso. Molinari reitera que o mercado perde espaço para altas mais consistentes de preços em função do novo PLE abaixo das expectativas, além dos custos mais baixos de importação, devido às recentes baixas no mercado internacional.

Ainda assim, o quadro continua sendo considerado de preços favoráveis ao produtor que ainda dispõe de milho para comercializar neste segundo semestre. Diante da redução na safra principal 97/98, a tendência continua sendo de preços acima da média, mesmo com os leilões e expectativa de importações tirarem, em boa parte, o potencial de alta das cotações.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ EM GRÃO

Meses	Volume (sacas de 60kg)		Receita cambial (US\$ 1.000)		Preço médio (US\$/saca)	
	1997	1998	1997	1998	1997	1998
Ago	1.193.723	1.687.000	236.764	208.312	198,34	123,43
Set	1.284.079	1.850.000	251.942	222.000	196,20	120,00
Out	1.325.584	—	261.836	—	197,53	—
Nov	1.028.888	—	190.658	—	185,31	—
Dez	1.099.019	—	211.705	—	192,63	—

Obs.: agosto/98 - estimativa / setembro/98 - projeção

ALGODÃO



MT terá a maior área plantada em 98/99

Os baixos preços de 98 aliados a problemas de clima no Sul e infestação de pragas nas lavouras farão com que regiões tradicionais no cultivo de algodão como Paraná, São Paulo e Goiás troquem a cultura por milho e soja. A constatação indica área plantada de algodão em 98/99 de 841 mil hectares, num recuo de 4% sobre a área de 876 mil hectares do ano anterior.

No Paraná, que já foi maior produtor de algodão com 709 mil hectares semeados, a área plantada está estimada em 70 mil hectares, num recuo de 40% sobre os 116 mil hectares do ano anterior.

Em São Paulo, maior consumidor nacional da fibra de algodão do País, a área plantada deve ficar em 79 mil hectares, num recuo de 34,2% sobre a área de 120 mil hectares da safra anterior. Colabora para a redução de área a rotação de cultura por milho ou soja em área destinada ao algodão em 97/98.

Para Goiás, a estimativa é de um plantio de 110 mil hectares, queda de 38,9% atribuída à difícil comercialização da última safra, quando o algodão apresentou problema de comprimento de fibra em função da elevada incidência de pulgão e de doenças nas lavouras. Além do fator preço, o estado de Goiás enfrenta problema na utilização de se-

mente pois ainda não há cultivar destinada ao tipo de solo e ao clima da região.

A grande expectativa fica por conta do Mato Grosso, que, segundo estimativas, deve elevar o plantio de 110 mil hectares do ano anterior para 180 mil hectares, num incremento de 63,6%. Além da entrada de novos produtores e do aumento de área pelos produtores instalados na região, o produtor encontra estímulo na manutenção dos incentivos estaduais e na excelente qualidade obtida pelas lavouras.

Na Bahia, a área deve passar de 111 mil hectares de 97/98 para 130 mil hectares, numa elevação de 17,1%. Colaboram para esse crescimento o deslocamento de produtores em direção à Barreiras, mais propícia à grandes áreas mecanizadas e irrigação e o crescimento do pólo têxtil no estado do Ceará.

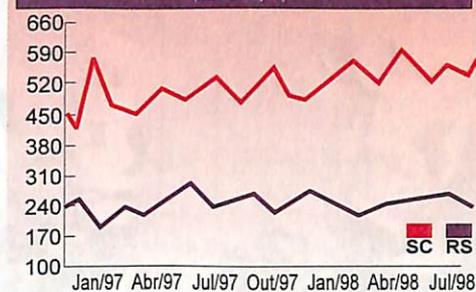
SUÍNOS



Oferta elevada impede recuperação de preço

A elevada oferta de carne suína no mercado interno, aliada a um consumo retraído, continua impedindo que os preços se recuperem. Embora, a demanda apresente aquecimento temporário em períodos de pagamento de salários e de feriado, o mercado segue sob pressão do excedente de carne enquanto apos-

EVOLUÇÃO DOS ABATES DE SUÍNOS 1997/98 (mil cabeças)



ta em vendas melhores para o final do ano, última oportunidade para aquecimento da demanda e eliminação de parte dos estoques.

Em Santa Catarina, maior estado produtor de carne suína do Brasil, os abates atingiram 4,6 mil cabeças de janeiro a agosto, num crescimento de 10,7% se comparado à igual período de 97. Já o Rio Grande do Sul, segundo maior produtor de carne suína do País, abateu 2,3 mil animais no período, num crescimento superior a 8,3% no comparativo com os oito primeiros meses de 97.

As exportações continuam mostrando boa evolução apesar da crise na Rússia mas ainda não surtiram efeito do ponto de vista de enxugamento da oferta. Dados oficiais indicam que em julho foram exportadas 6,6 mil toneladas de carne suína, com as exportações do primeiro semestre atingindo 42,4 mil toneladas contra 29,7 mil toneladas de igual período do ano anterior. A alta de 42,9% tem justificativa no acréscimo das exportações para a Argentina e Hong Kong, que sozinhos importaram 37,9 toneladas de carne suína no período, o equivalente a 89,3%.

Fonte: Safras & Mercado



internet

O mais completo site de agropecuária do País

<http://www.agranja.com>

o endereço rural na internet



ANUNCIE NA INTERNET

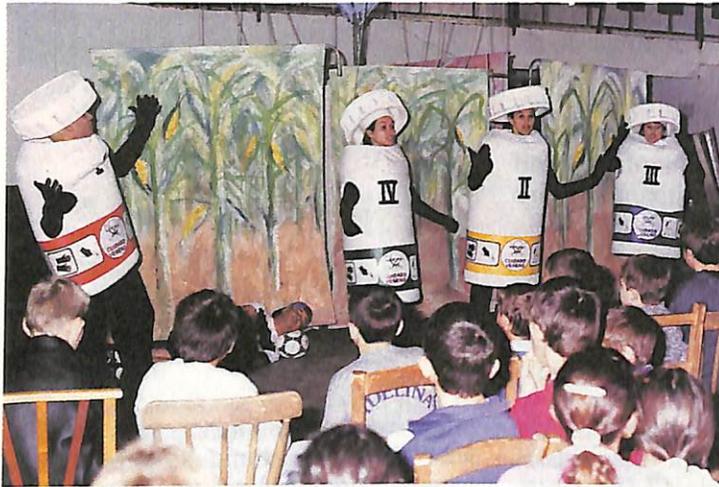
Um meio moderno, ágil e eficiente para V. anunciar sua empresa ou gado. Para informações adicionais entre em contato em Porto Alegre (051) 233-1822 mail@agranja.com Em São Paulo (011) 220-0488 granjasp@mandic.com.br

PATROCÍNIOS

(Líquidos, por mês, por módulo)

Home page	R\$ 500,00
Revistas do mês (A Granja ou AG)	R\$ 400,00
Seções	R\$ 350,00

<http://www.agranja.com>



Divulgação/Bayer

Protegendo e ensinando

Mais de sete mil crianças brasileiras já assistiram a peça "Teco Treco e Joaniinha", encenada por atores e atrizes gaúchas e patrocinada pela Área de Proteção de Plantas da Bayer. A peça induz as crianças a identificarem e di-

ferenciar os insetos nocivos às plantas daqueles que são benéficos. De forma didática, mostra como devem ser aplicados e armazenados os defensivos, tudo entremeadado com muita ação e utilizando figurinos multicolor.

Colheitadeiras Deutz

O presidente mundial da AGCO Corporation, John Shumejda (foto), aproveitou sua visita à Expointer e anunciou que a empresa irá concentrar a montagem das colheitadeiras Deutz, para distribuição exclusiva na Argentina, a partir do próximo ano, na unidade de Santa Rosa/RS. Esta unidade, que já monta colheitadeiras Massey e Ideal, distribuídas para toda a América do Sul, elevará o volume de produção de 500 uni-



Divulgação/AGCO

dades por ano para mais de mil, com a chegada da Deutz.

Os gigantes se unem

Quinta maior empresa de produtos químicos do mundo, a Dow Chemical resolveu se aliar à Biosource Technologies e Illinois Foundation Seeds para melhorar sua participação no merca-

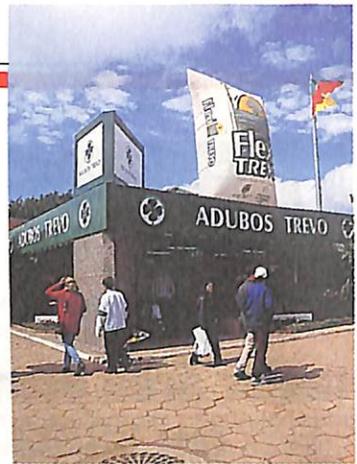
do de sementes transgênicas. É um mercado forte, com concorrentes de peso, como Monsanto, DuPont e Novartis, todas grandes empresas e com estratégias globais de atuação.

BARRISUL ANO 70

No ano em que comemora 70 anos, o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Barrisul) quer superar a marca de R\$ 500 milhões em financiamentos ao setor rural, a área que deu origem à instituição. Aliás, o estado vem liderando, no País, as aplicações do Pronaf. Só na Expointer, o Barrisul disponibilizou mais de R\$ 21 milhões para financiar a aquisição de máquinas e animais.

Produto inédito no Brasil

Leiner Davis Gelatin Brasil, de capital australiano e com sede em Cotia/SP, está lançando no mercado um produto inédito na América do Sul. Trata-se da gelatina tipo A, produzida a partir da pele suína. Com expectativa de fabricar três mil toneladas/ano, a nova gelatina vai representar um incremento de 30% na produção da empresa — atualmente totalizando 10 mil toneladas/ano de gelatina tipo B, produzida a partir de couro bovino. Hoje, 85% da produção da empresa é exportada para cerca de 55 países. O projeto consumiu investimentos de US\$ 10 milhões e está sendo desenvolvido há três anos. Inicialmente, a Leiner Davis prevê exportar a maior parte da produção. De acordo com o presidente da empresa, Kurt Bohlen, "o grande desafio da empresa será desenvolver o mercado brasileiro para um novo produto". O Brasil consome cerca de sete mil toneladas/ano de gelatina tipo B. A gelatina tipo A, assim como a tipo B, é proteína pura, totalmente livre de colesterol.



A Granja

Prêmio mais que merecido

Sempre à frente do desenvolvimento tecnológico, a Adubos Trevo, com sede em Porto Alegre, conquistou mais um prêmio este ano. Desta vez, foi a primeira colocação na categoria "Site Internet", da X Mostra de Comunicação em Marketing Rural, promovida recentemente pela Associação Brasileira de Marketing Rural (ABMR). Na Central Técnica criada dentro do site, que hoje já possui mais de 1.000 páginas, está disponível um banco de dados, montado a partir de informações de pesquisa coletadas na Embrapa Solos (Rio de Janeiro/RJ), na Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro). Nesta mesma Central, o produtor rural vai encontrar artigos técnicos nas áreas de solo e fertilidade publicados pelas revistas **A Granja** e **Plantio Direto**, com informações práticas e linguagem acessível. O endereço para consulta é: <http://www.adubostrevo.com>

Diversificar para aperfeiçoar

Líder no segmento de arroz parboilizado, a Santalucia Alimentos deverá duplicar seu faturamento este ano — chegando à casa dos R\$ 112 milhões — por conta de uma inovação. A empresa gaúcha foi buscar no estado da Carolina do Norte, nos Estados

Unidos, a receita do sucesso: o arroz selvagem, seu lançamento mais recente. A linha Especialidades Blue Ville inclui o arroz para culinária naturalista, gaúcha, italiana e até japonesa. O arroz selvagem possui sabor delicado de nozes e exótica cor negra.

Ortovel é a melhor

O III Ranking Nacional de Concessionárias, realizado pela revista Quatro Rodas, apontou a Ortovel Veículos, de Sertãozinho/SP, como a melhor autorizada Ford no País, no quesito satisfação ao cliente. A Ortovel e Ortovel Caminhões também receberam o Chairmain's Award, prêmio de maior prestígio con-

cedido pela Ford mundial aos distribuidores que mais se destacaram no mesmo quesito. Segundo Tirso de Salles Meirelles, diretor da empresa, "já iniciamos uma preparação do Serviço Total Ford, programa desenvolvido na Europa que encerra uma verdadeira revolução no conceito de atendimento da oficina".



Divulgação/Navistar

Navistar a todo o vapor no Brasil

A Navistar International — com sede em Chicago, Estados Unidos — lançou oficialmente sua nova linha de caminhões médios e pesados da marca International, que está sendo produzida na fábrica instalada desde 1997, em Caxias do Sul/RS. Dos produtos anunciados, os caminhões médios da linha 4000 — produzidos desde junho — são os primeiros a utilizarem um motor com gerenciamento totalmente eletrônico. Já a linha 9000, de caminhões pesados, iniciará sua produção a partir de 1999. Segundo o diretor da empresa, Anthony Cunha (foto), uma das metas da empresa é produzir 1,7 mil caminhões ao longo de 1999, chegando a cinco mil unidades em

2002. Ele estima que, do volume produzido pela fábrica de Caxias do Sul, 20% serão exportados para o Mercosul, e que, no próximo ano, a empresa irá responder por 10% da produção de caminhões médios e pesados no Brasil. Para atingir estas metas, a montadora terá uma rede de 30 concessionárias, com 44 pontos de atendimento em todas as regiões do Brasil. A empresa norte-americana pretende dedicar atenção à área de pós-venda que, de acordo com Cunha, ganha cada vez mais importância diante das margens estreitas do mercado. O pós-venda deve representar, hoje, cerca de 30% do faturamento das concessionárias, avalia o diretor da empresa.

Vem aí o Ivomec Gold

Disposta a ampliar ainda mais sua liderança no mercado veterinário brasileiro — do qual detém 19% das vendas —, a Merial Saúde Animal Ltda., com sede em Campinas/SP, acaba de lançar um novo antiparasitário bovino: o Ivomec Gold. E se depender da expectativa dos diretores da empresa, o produto tem tudo para conquistar o mesmo sucesso do já consagrado Ivomec, lançado em 1982 e que revolucionou o segmento de endectocidas. O medicamento apresenta níveis de concentração mais elevados de ivermectina e também uma fórmula tixotrópica diferente dos demais produtos (apesar de viscoso, adquire solubilidade ideal para a aplicação quando agitado). Isso faz com que sua ação seja mais prolongada e, conseqüentemente, o produtor efetue apenas duas aplicações anuais para o tratamento contra bernes, carrapatos, piolhos, bicheiras e sarna do rebanho. A maioria dos antiparasitários obriga a utilização de até cinco doses/ano. Para Jorge Solé, presidente da subsidiária brasileira, inicialmente o Ivomec Gold será comercializado na América do Sul, mas deverá chegar em países como Nova Zelândia e Austrália já no próximo ano. A expectativa é vender cerca de 50 milhões de vacinas em 99.

Algar vai investir mais no agro

Nos próximos 10 anos, o Grupo Algar, com sede em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, deve investir R\$ 245 milhões na criação de novas empresas dentro da holding Algar Agro, criada no início deste ano. De acordo com o vice-presidente do setor agroalimentar do grupo, Marcelo Prado, algumas empresas já estão em operação. São elas a ABC Inco, voltada para o processamento de soja, e a ABC A&P, especializada na produção de soja, milho, feijão, suínos e bovinos. O setor de agribusiness já representa 14,3% dos negócios do Grupo Algar.

Anote aí

ACONTECE no dia 9 de outubro, o 13º Encontro dos Clubes Amigos da Terra, que acontece na Casa de Cultura Oswaldo Krammes e na Escola de Agricultura de Ibirubá/RS. Durante o evento, também acontece a 2ª Expojacuí — Feira de Mostra Pecuária Leiteira — e a 1ª Expoibi — Mostra do Comércio, Indústria e Prestação de Serviços. Maiores informações com a comissão organizadora pelo fone/fax (054) 324-1324.

NOS DIAS 10 e 11 de outubro, a Brasil Ostrich realiza o Curso de Criação de Avestruzes. O evento será realizado no Campus da USP de Pirassununga/SP. Outras informações pelo fone (019) 561-8200, ou pelo e-mail: ostrich@widesoft.com.br

CONGRESSO Rioplantense de Produção Suína acontece entre os dias 5, 6 e 7 de novembro, no Hotel Casino San Rafael, em Punta Del Este/Uruguai. O encontro tem como objetivo reunir profissionais dos diversos países para compartilhar conhecimento e experiências sobre o setor. Informações detalhadas pelo fone/fax: 54-58-676215.

A FUNDAÇÃO de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep) está promovendo o curso Informática Aplicada à Bovinocultura. O evento, que acontece na Unesp de Jaboticabal/SP no dia 21 de novembro, irá debater assuntos como gerenciamento de rebanho, acasalamento genético, pesagem eletrônica de animais, entre outros. Outros detalhes pelo fone (016) 323-1322, ramal 219.

Suinocultura virtual

Um grupo de empresários mineiros, da área de informática, assessorados por veterinários e criadores, resolveu investir no setor agropecuário. O resultado foi um programa de gerenciamento geral na suinocultura. Desenvolvido em uma linguagem simples e auto-explicativa, o Software Suínos é destinado a criadores que objetivam reduzir custos, gerenciar e otimizar a alocação de recursos. Além disso, facilita e aprimora o trabalho administrativo do criador em todos os aspectos, desde o controle de ração até a periodicidade do cio das matrizes, reprodução e cria dos animais. Para compreender melhor o funcionamento do programa, a empresa Faz Informática oferece um demonstrativo gratuito em sua home page. O endereço é o seguinte: <http://www.faz.com.br>

Valor nutricional do sangue bovino

Utilizando um processo inédito no Brasil, a zootecnista Renata Duarte conseguiu, em escala laboratorial, clarear e remover o ferro contido na fração celular sangüínea de bovinos. O trabalho de Renata abre novos caminhos para o aproveitamento integral do sangue. Ao realizar uma análise nutricional, a pesquisadora constatou que o teor protéico do sangue bovino é semelhante ao da carne, apresentando 18% de proteínas em sua composição. A concentração de ferro chega a 36,3 miligramas a cada 100 gramas, um número 10 vezes maior do que a concentração encontrada na carne. Para a pesquisadora, o aproveitamento do sangue traria benefícios não só para suprir deficiências alimentares, mas para diminuir custos e aumentar a renda de abatedouros, uma vez que o descarte de sangue animal em mananciais hídricos gera problemas de poluição ambiental. Além disso, os animais vivos podem chegar a custar mais que sua carne e, portanto, cabe aos subprodutos pagar os gastos de transformação e gerar os benefícios nos abatedouros.

Palmito feito de cana-de-açúcar

A Estação Experimental de Piracicaba, do Instituto Agrônomo de Campinas/SP, realizou uma demonstração do preparo de palmito de cana-de-açúcar. Veja a seguir a receita doméstica de broto de cana.

1) Solução:

5 l de água potável
750ml de vinagre branco
25 gramas de sal
10 gramas de ácido cítrico

* Guardar em vidros de palmito de 600 gramas, com tampa dupla

* Durabilidade: um ano e meio

* Conservar em geladeira depois de aberto

* Colocar o líquido no vidro, depois mergulhar as pontas sempre cobrindo-as

2) Extração do palmito:

É difícil para quem não sabe, mas em princípio é descascar o pontei-

ro da cana como o palmito do coqueiro até encontrar folhas tenras. O resultado é um cilindro de um centímetro de diâmetro por 15 centímetros de comprimento e +- 10 gramas, que deve ser mergulhado imediatamente na solução para não escurecer.

3) Fervura:

A fervura deve ser feita com a solução por cinco minutos para evaporar o ácido cianídrico do broto, que dá sabor amargo. Colocar em vidro de conserva bem lavado com solução ainda quente até cobrir e fechar imediatamente a tampa.

Mais informações com o dr. Léo Zimbak, do IAC, pelo fone (019) 421-5196.



Divulgação/IAC

Novos híbridos de milho para safra 98/99

Produtividade, resistência e qualidade são as principais características dos quatro novos híbridos de milho lançados pela Embrapa. O BRS 3060 é um cultivar com bom nível de resistência a pragas e doenças, apresentando também maior eficiência na utilização de fósforo, o que resulta em alta estabilidade de produção. Para atender aos produtores que investem em alta tecnologia a Embrapa oferece o BR 3101, com alto potencial produtivo e ótimas características agrônomicas, a exemplo da produção de

mais espigas por planta. Este híbrido possui sabugo fino e grãos pesados, o que garante ao produtor mais rendimentos e otimização do processo de colheita. Visando a relação custo/benefício, o híbrido duplo BRS 2110 possui boa resistência ao acamamento e ótima sanidade de espigas, sendo recomendado para as regiões Centro-Oeste, Sudeste e estado do Paraná. Ainda na linha de custo/benefício, o BRS 2114 alia duas características importantes para o produtor: precocidade e produtividade.

Os segredos da Medicina Veterinária

A Série Campo Veterinário, da Editora Artes Médicas Sul (ArtMed), lança o livro 'Segredos em Medicina Veterinária'. Organizado pelo professor da Universidade do Colorado/EUA, Wayne E. Wingfield, o livro coloca à disposição de estudantes, estagiários, residentes e profissionais perguntas e respostas numa área emergente em Medicina Veterinária: o in-

tensivismo, fundamental quando a vida do animal de estimação, pelas mais variadas razões, está sendo ameaçada. A edição brasileira da publicação tem a consultoria, supervisão e revisão técnica do médico veterinário e doutor em Farmacologia Augusto Langeloh. Os interessados poderão obter maiores detalhes sobre a publicação pelo fone (051) 338-5966.

NOVIDADES NO MERCADO

Alto desempenho e versatilidade na lavoura

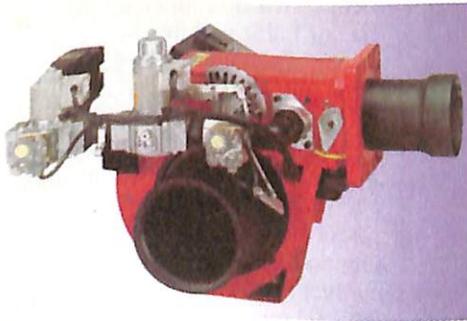
Fabricada pela Case, começa a ser comercializada no País a linha de tratores Maxxum MX, composta por três modelos, que se diferenciam pela potência. Estas máquinas são equipadas com motores Cummins de 110, 120 e 135hp; câmbio Power Shift de 16 marchas à frente e 12 à ré, com reversor hidráulico; sistema hidráulico eletrônico com capacidade de levantar de 3.850kg a 610mm do olhal; tração dianteira (espaço 4x4) e bloqueio de diferencial automático. Além disso, possuem cabine climatizada e têm ampla área de visão, sendo equipada com assento pneumático com 12 regulagens e painel com-



Divulgação/Case

putadorizado multifunção. O sistema de engate três pontos, com controles eletrônicos de profundidade de trabalho e sensibilidade, proporcionam alta produtividade em qualquer condição de solo. **Case Brasil, Av. Jerome Case, 1951, CEP 18087-370, Sorocaba/SP, fone (015) 235-4054.**

Tecnologia na secagem de grãos



Divulgação/Petra

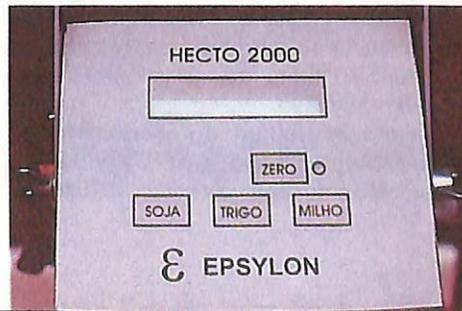
Os queimadores de gás Ecoflam substituem com vantagens a lenha e a eletricidade na secagem de grãos — café, arroz, soja, milho, feijão etc —, sem necessidade de substituição do secador existente. Eles propiciam: redução no

custo de produção, aumento de produtividade, melhoria na qualidade, uniformidade de secagem, redução no tempo de secagem, eliminação da contaminação por cheiro ou fumaça, redução de mão-de-obra, entre outras. O queimador trabalha com regulagem por termostato automático. Os custos de instalação são bastante reduzidos e, ainda assim, o capital investido se paga somente com a economia que se faz não tendo a manutenção obrigatória da fôrnelha à lenha, feita a cada dois anos. **Petra Assessoria Térmica Projetos Montagens Industriais e Comércio Ltda., Rua Arthur Orlando, 161, CEP 05118-000, São Paulo/SP, fone (011) 3621-3511.**

Precisão e qualidade na lavoura

A Epsilon coloca à disposição do produtor o Hectarímetro. Trata-se de um produto eletrônico computadorizado, utilizado para verificar com precisão a área plantada, em intervalos de 0,05 hectare (500m²), o que possibilita a regulagem da quantidade de adubo e semente de plantadeira. Além disso, o equipamento é de fácil instalação, adaptável à plantadeira nova ou usada, sendo à prova de poeira e

umidade. **Epsilon Eletrônica e Automação, Rua José Hickembick, 197, CEP 98700-000, Ijuí/RS, fone (055) 332-8422.**



Divulgação/Epsilon



Divulgação/Monsanto

Novas embalagens

A Monsanto lança uma nova linha de embalagens do herbicida Roundup, em volumes de 1, 5, 20 e 50 litros na versão líquida e 1 e 5kg, na granulada. São formatos de embalagens que se encaixam às necessidades do agricultor. O Roundup WG e Scout NA, em sua fórmula inovadora a base de sal e amônia de rápida dissolução, também estão de cara nova. As embalagens foram redesenhadas para atender a nova linha automatizada. Com essas modificações, ganha-se produtividade, garantindo o atendimento da grande demanda por estes novos produtos no mercado do plantio direto, café (Roundup WG) e florestal (Scout NA). **Monsanto, Rua Paes Leme, 524, 14º andar, CEP 05424-904, São Paulo/SP, fone (011) 817-6243.**

Solução contra a ferrugem

Os cafeicultores podem contar com mais um aliado no combate a um dos maiores inimigos das lavouras. A Novartis Agro está lançando o Alto GR, granulada de solo, cujo princípio ativo é o cyproconazole, eficaz contra o fungo causador da ferrugem-do-cafeeiro. Entre os benefícios que o produto oferece estão: a comodidade de se aplicar



Divulgação/Novartis

apenas uma vez ao ano; sua moderna formulação granulada permite uma maior flexibilidade no controle da ferrugem, proporcionando maior disponibilidade do produto à planta; menor possibilidade de contaminação do aplicador com o produto; um custo de 40% mais baixo em relação aos outros granulados vendidos no mercado. **Novartis Biociências S.A., Av. Prof. Vicente Rao, 90, CEP 04706-900, São Paulo/SP, fone (011) 532-7122.**

Mudar para sobreviver

Inicialmente, gostaria de agradecer à revista **A Granja** pela oportunidade deste convívio com os destaques do agribusiness brasileiro e, igualmente, dizer do meu orgulho em poder me manifestar em nome dos 25 Destaques/98.

O Plano Real completou quatro anos, e muita coisa mudou no Brasil, no decorrer deste período. Sucesso inquestionável no contexto inflacionário, trazendo nossa taxa de inflação em níveis semelhantes aos dos países desenvolvidos, ele ainda nos reserva algumas razões para preocupação, como por exemplo taxa de crescimento declinante a partir de 1994. Com relação ao agronegócio, o Plano Real apresenta variáveis favoráveis e desfavoráveis. As elevadas taxas de juros, a forte valorização da taxa de câmbio real, as reduções das tarifas de importação e a excessiva liberação das importações de produtos agrícolas constituem os principais efeitos negativos. Eles incidem sobre os preços recebidos pelos produtores, sobre o valor da produção em si, sobre o custo do crédito agrícola e sobre o valor do endividamento acumulado de anos anteriores, mantendo ainda um certo clima de insegurança no setor.

Entretanto, outros aspectos — melhoria das cotações internacionais dos produtos agrícolas, o expressivo aumento do índice de produtividade da terra e as modificações das políticas econômica e agrícola, como a Lei Kandir, as medidas de securitização e o Pronaf — geraram impactos favoráveis. No balanço, o plano de safra é positivo para o setor. Ele marca a tentativa de se fazer uma política agrícola mais ativa, em parte compensando o ameaçador ambiente macroeconômico, criado por características bem atuais, como a globalização, a abertura comercial, a integração ao Mercosul e a desregulamentação dos mercados.

O intenso processo de especialização dos produtores agropecuários é característica marcante do crescimento do agribusiness brasileiro nos anos 90. O futuro, para quem trabalha no setor, aponta para sistemas pro-



Paulo Iserhard é diretor-presidente da Kepler Weber, com sede em Panambi/RS, Destaque A Granja do Ano em Silos e Armazenagem. Ele falou pelos agraciados durante a cerimônia de entrega dos troféus, na Expointer/98

dutores cada vez mais homogêneos, para a busca incessante pela liderança em custos, maiores escalas de produção e margens menores. Isto produz uma intensa corrida pela utilização de modernas técnicas para alcançar os mesmos níveis de produtividade de mercados mais desenvolvidos, pois, numa economia aberta, os preços internos tendem a convergir para o preço internacional, que apresenta nítida tendência de queda real ao longo do tempo, fruto da seleção tecnológica mencionada. É a equalização dos preços, o passo seguinte à globalização. A cadeia produtiva como um todo é responsável por agregar valor às commodities. Cada elo deve tentar desenvolver o máximo possível de competência no seu próprio segmento, em um processo muito mais de parceria do que de individualismo.

Sem a agricultura, o déficit comercial brasileiro ultrapassaria US\$ 20 bilhões, e certamente o governo já se deu conta de que

a atividade agrícola é capaz de resolver, com rapidez, nossos problemas da balança comercial. Para que isso aconteça, são necessários maiores investimentos no setor, com ênfase para os financiamentos aos pequenos e médios produtores. Apesar do Custo Brasil continuar elevado no que tange à carga tributária e legislações obsoletas, a logística tem recebido investimentos que contribuirão significativamente, a médio e longo prazos, para tornar o produto brasileiro mais competitivo no mercado.

As estatísticas apontam para um elevado índice de desemprego no campo, que acaba por alimentar uma grave questão política, que cresceu com a inabilidade do governo: a invasão de terras. É imperioso terminar com isso, e também com a insegurança, que acaba por inibir maiores investimentos em imensas áreas agricultáveis, como também é preciso desarmar espíritos e promover uma reforma agrária que resolva, sem demagogia e exageros, o problema social.

Toda a economia brasileira foi atropelada pela globalização, e no campo não foi diferente. Precisa-

mos desenvolver novos instrumentos de política agrícola. É preciso fazer a grande transição da economia por elos de cadeia produtiva para a economia de toda a cadeia produtiva. Ou se agrega valor à produção primária através desta grande negociação ou perdemos as oportunidades dadas pelo surgimento de novos mercados externos. É época de reinventar os negócios e é também a época de alianças estratégicas, na busca da competitividade.

Por fim, nos deparamos com um movimento por nós há muito desejado: o deslocamento do capital, até então predominantemente aplicado em instrumentos artificiais da economia, para as áreas produtivas.

Ao final de tudo isso, reafirmamos nossa certeza de que o Brasil é um país atrativo. E que a chegada de empresas internacionais em nosso mercado é evidência clara de que o futuro nos reserva desenvolvimento crescente, com retorno garantido. 

Plante os híbridos Pioneer e colha mais leite e mais carne.



Silagem de Planta inteira

A Pioneer vem, há muitos anos, pesquisando para melhorar a eficiência alimentar de seus produtos indicados para silagem de planta inteira, combinando características agrônômicas como adaptação regionalizada, ciclo, produção de grãos e matéria seca com aspectos nutricionais importantes como energia, proteína bruta e digestibilidade. Por isso o **3081** é o híbrido Pioneer indicado para quem precisa uma silagem com alta energia. O **3063**, devido a sua alta produção de grãos e seu elevado valor nutricional, apresenta alta resposta animal. Já o **3041** produz silagem com excelente digestibilidade. O **3021** é o híbrido da Pioneer ideal para aumentar o período de ensilagem.

Silagem de Grão Úmido

A silagem de grão úmido está sendo cada vez mais utilizada no Brasil porque permite ao produtor estocar grãos em sua propriedade de uma maneira prática e econômica. Este sistema de silagem mantém os valores nutricionais do milho e reduz os problemas de perdas por fungos e micotoxinas. O Pioneer **3071** é o híbrido ideal para a silagem de grão úmido, por apresentar uma elevada estabilidade produtiva, alta tolerância a doenças e uma maior quantidade de óleo, amido e proteína bruta, além de uma lenta perda de umidade e excelente capacidade de debulha, facilitando o processo de confecção de uma silagem de qualidade.



Milho na Ração Animal

No Brasil as rações destinadas para a alimentação de aves e suínos tem entre 60 e 65% de seu volume composto por milho. O **3071** e o **3027** são os híbridos da Pioneer que melhor qualidade nutricional de grão apresentam, além de possuírem baixa incidência de grãos ardidos e micotoxinas. O **3071** e o **3027** da Pioneer representam maiores ganhos no desempenho animal e, conseqüentemente na rentabilidade, produzindo mais proteína animal para o mercado consumidor.

SEMENTES • MARCA
PIONEER
Tecnologia Que Rende

Garanta a qualidade da silagem com os híbridos e inoculantes Pioneer.



O MOTORISTA SE APOSENTA ANTES.

DEFENDER Ainda na década de 40 a Land Rover lançava o Defender. Um conceito inédito de veículos fora de estrada, capazes de fazer os seus próprios caminhos. O Defender abriu a trilha para todos os off-road que vieram depois, estabelecendo os padrões que logo foram seguidos por todos os outros.

Mais importante ainda. Desde o princípio, criou uma relação de confiança com seus proprietários que não dura somente na memória - a maior parte dos Defender fabricados em 50 anos ainda está na estrada. Conduzidos por seus donos originais, seus filhos ou netos.

Construído para trabalhar, ele é o 4x4 mais durável e robusto, tem carroceria de alumínio, estrutura reforçada, freios a disco nas 4 rodas e motor turbo diesel intercooler. Defender. Supera qualquer obstáculo, inclusive o tempo.



THE BEST 4x4xFAR.

Concessionários: **Belém:** Britânica - tel.: (091) 235-1341 • **Belo Horizonte:** Terranova - tel.: (031) 378-1020 • **Blumenau:** Top Car - tel.: (047) 340-5111 • **Brasília:** Piquet BMW - tel.: (061) 363-1065 • **Campinas:** MBI Motors - tel.: (019) 255-8788 • **Caxias do Sul:** BM Point - tel.: (054) 223-8322 • **Curitiba:** Euro Import - tel.: (041) 333-4117 • **Florianópolis:** Top Car - tel.: (048) 249-3242 • **Fortaleza:** BM Center - tel.: (085) 261-9099 • **Goiânia:** Somafertil - tel.: (062) 212-3232 • **Natal:** BM Center - tel.: (084) 211-4971 • **Petrópolis:** Landscape - tel.: (024) 222-3285 • **Porto Alegre:** BM Point - (051) 337-3366 • **Porto Velho:** Burity - tel.: (069) 225-2600 • **Recife:** Land Rota - tel.: (081) 476-1435 • **Ribeirão Preto:** Eurobike - tel.: (016) 605-7031 • **Rio de Janeiro:** Land Rio - tel.: (021) 494-2422 • **Salvador:** Bahia Veículos (071) 382-0716 • **São Paulo:** Autostar - tel.: (011) 820-4001 - Auto Zentrum - tel.: (011) 838-2400